

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**FLÁVIA CRISTINA SOARES**

**CULTURA DESVIANTE E JUVENTUDE:**  
**A TORCIDA ORGANIZADA COMO INSTRUMENTO DE DOMÍNIO**  
**TERRITORIAL**

**Belo Horizonte**

**2018**

**FLÁVIA CRISTINA SOARES**

**CULTURA DESVIANTE E JUVENTUDE:  
A TORCIDA ORGANIZADA COMO INSTRUMENTO DE DOMÍNIO  
TERRITORIAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Renan Springer de Freitas

**Belo Horizonte**

**2018**



Programa de Pós Graduação em Sociologia  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Universidade Federal de Minas Gerais

## ATA DA DEFESA DE TESE

### FLÁVIA CRISTINA SOARES

Aos 22 (vinte e dois) dias do mês de junho de 2018 (dois mil e dezoito), reuniu-se a Banca Examinadora de Defesa de Tese de Doutorado, intitulada: **“Em busca do monopólio da violência: a torcida organizada como instrumento de domínio territorial”**. A banca foi composta pelos professores doutores **Renan Springer de Freitas** (Orientador – DSO/UFMG), **Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro** (DSO/UFMG), **Corinne Davis Rodrigues** (DSO/UFMG), **José Luiz de Amorim Ratton Jr.** (UFPE) e **Luis Flávio Saporì** (PUC Minas).

Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da Banca Examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela:

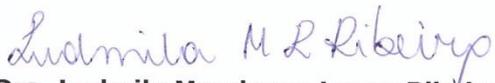
Aprovação (x)

Reprovação da Tese ( )

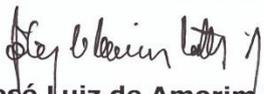
Para constar foi lavrada a presente ata, datada e assinada pelos examinadores.

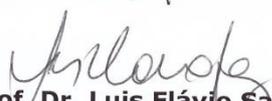
Belo Horizonte, 22 de junho de 2018.

  
**Prof. Dr. Renan Springer de Freitas** (Orientador – DSO/UFMG)

  
**Profa. Dra. Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro** (DSO/UFMG)

  
**Profa. Dra. Corinne Davis Rodrigues** (DSO/UFMG)

  
**Prof. Dr. José Luiz de Amorim Ratton Jr.** (UFPE)

  
**Prof. Dr. Luis Flávio Saporì** (PUC Minas)

**À memória de Luciana Soares Barbosa:**

as lembranças das nossas brincadeiras de criança,  
do seu sorriso e da sua amizade  
permanecerão, para sempre, vivas dentro de mim.

## AGRADECIMENTOS

É uma tarefa difícil agradecer tanta gente querida e especial que passou pela minha vida, ao longo desse percurso, e que contribuiu de maneira significativa para a realização desse trabalho!

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais – Vicente e Marlysia – que passaram a assistir as partidas de futebol, anotando os comentários dos narradores sobre os torcedores organizados, enquanto eu me fazia presente nas arquibancadas. Gratidão pelo carinho e pela compreensão durante os últimos meses, dos quais passei os dias em casa, escrevendo a tese. Eu não poderia conquistar esse título se não fosse a presença de vocês.

Agradeço às minhas irmãs que tanto me ajudaram no decorrer dessa caminhada: Ana Paula Soares e Patrícia Soares. Com certeza, o apoio e a amizade de vocês foram essenciais para que eu continuasse persistindo e acreditando nesses momentos finais. Ao Lucas Silvestre Chaves por tantas palavras de incentivo ao longo dessa trajetória.

À Elisa Maria, Camila Moreira e Marcos Felipe: exemplos de amizade e consideração.

Agradeço ao meu irmão, Carlos Henrique Soares, que me inspirou nessa trajetória acadêmica. Também, agradeço a presença dos meus sobrinhos, Isabela Soares e Mateus Soares, que sempre me trouxeram alegria.

Às minhas tias, Heloísa Soares e Aparecida Soares, que se preocupavam comigo, enviando mensagens de fé e força para que eu pudesse atravessar mais uma etapa da minha vida. Também, não poderia deixar de agradecer as gargalhadas e a amizade da Soraya Machado, o empenho e as dicas do Umberto Tavares para a sugestão dos nomes de clubes de futebol, torcidas organizadas, regiões, entre outros.

Gratidão à amiga Lili Duarte que me acompanhou em algumas partidas de futebol, observando a atuação dos torcedores tanto em Belo Horizonte quanto em Buenos Aires. Alguns detalhes dessa pesquisa não poderiam ser vistos sem a sua presença.

Às minhas amigas: Juliana Fontes, Cibele Seixas de Siqueira, Patrícia Muniz, Marina Carvalho e Marina Zerbini que enviaram mensagens positivas para que eu pudesse passar por esse momento da maneira mais leve possível. Ao amigo, Amauri Ângelo (Aranha) pelas conversas e cervejas que me inspiraram durante a realização dessa pesquisa.

Agradeço ao Professor Sílvio Ricardo da Silva por ter me recebido com tanto carinho no Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT / UFMG) e por ter me possibilitado vivenciar experiências incríveis. Além disso, não poderia deixar de agradecer aos companheiros

de luta que a UFMG me propiciou: César Velásquez, Gabriela Baranowski, Leonardo Pacheco, Marina Mattos, Mauro Júnior, Thárcio Elízio, Thiago Carlos Costa, Victor Neiva e Vitor Profeta. Com certeza, os meus pensamentos só poderiam ser concretizados graças a vocês! Obrigada de coração!

Agradeço as amigas do colégio “fanáticas” por futebol: Camila Silveira e Fernanda Dias que se empenharam na indicação dos nomes para a realização dessa pesquisa e que sempre me acolheram com muito carinho.

O meu singelo agradecimento ao Professor Dr. Renan Springer de Freitas que me orientou durante o meu processo de mestrado e doutorado. Não tenho palavras para agradecer todo o seu esforço e dedicação por me ensinar a fazer pesquisa de campo e a transformar essas vivências em palavras.

Aos comentários e sugestões do Professor Dr. Luis Flávio Sapori durante a banca de qualificação. A cada palavra escrita nessa tese, você se fazia presente.

Agradeço ao CRISP – Centro de Estudos em Criminalidade e Segurança Pública – primordialmente à Professora Dra. Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro – que me ofereceu a oportunidade de trabalhar durante a Copa do Mundo de 2014, tão importante para que eu construísse a concepção do futebol enquanto identidade nacional e a atuação da segurança pública diante dos torcedores e, nesse caso, advindos dos mais diversos países do mundo. Também, agradeço aos comentários durante a banca de qualificação e aos ensinamentos e empenho em me ajudar ao longo dos últimos anos na minha trajetória acadêmica.

Ao Dr. Carlos Cateb, Presidente da ASSPROM – Associação Profissionalizante do Menor de BH – a primeira pessoa que acreditou no meu trabalho e me ofereceu a oportunidade de acompanhar os jovens. Se não fosse o seu coração imenso, não estaria defendendo uma tese nesse momento.

Aos estádios, ao futebol, aos torcedores organizados, minha especial gratidão por encontrar tanta alegria e festa na minha vida. Meu sincero reconhecimento àqueles que me conceberam entrevistas, mas que para garantir a confiabilidade dessa pesquisa não foi possível citar o nome de cada um.

A CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – pela concessão da bolsa durante a realização do doutorado. Com certeza, esse trabalho é apenas o início de uma longa trajetória.

## RESUMO

O presente trabalho procurou demonstrar o processo de formação de uma torcida organizada da capital mineira e, por conseguinte, as suas divisões a partir de um caráter territorializado. Através da observação participante e de entrevistas em profundidade foi possível desvelar que o agrupamento possuía como objetivo dominar o território, impedindo que outros agrupamentos das demais torcidas organizadas se consolidassem na localidade. Para tanto, os jovens constituíram o lema “juntos somos mais” e os seus próprios símbolos, constituíram uma estrutura hierárquica, construíram uma sede e passaram a desenvolver atividades, tais como: reuniões, ações beneficentes, festas e treinamentos em artes marciais. Isto possibilitou serem reconhecidos como grupo de referência no interior da torcida organizada. Para além disso, foi possível desvelar uma rede peculiar de rivalidades entre os jovens, pertencentes às torcidas organizadas de Belo Horizonte, dos quais compartilham o mesmo estilo de vida voltado para a construção de masculinidades através do uso da força física como atributo de poder. Por último, destaca-se que as marcas atribuídas aos jovens como “marginais” ou “vagabundos” foram o resultado da internalização de um rótulo esperado enquanto torcedor organizado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Torcida Organizada; território; jovens; masculinidade.

## **ABSTRACT**

This thesis sought to demonstrate the settling process of a group of organized soccer fans in the capital of Minas Gerais state and, consequently, its divisions from a territorialized perspective. Through participant observation and in-depth interviews, it was possible to unravel that the group had as its objective of dominate the territory, preventing other groups of other organized fans from consolidating in the locality. To this end, young fans created the motto "together we are more" and their own symbols, forming a hierarchical structure, building the club's headquarters and developing activities such as meetings, charities, parties, and martial arts training. These made it possible to be recognized as a reference group within the organized crowd. In addition, it was possible to unveil a peculiar network of rivalries among young people belonging to the organized cheerleaders of Belo Horizonte, who share the same lifestyle oriented toward the construction of masculinities through the use of physical strength as an attribute of power. Lastly, it is highlighted that the traits conferred to the young organized fans as "criminals" or "rowdy" resulted from a well-succeeded transfer of stereotypes since the younger fans began to internalize what was expected from an organized supporter.

**KEY WORDS:** Organized Fans; territory; young people; masculinity.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Demarcação territorial estabelecida pelos integrantes da “sé7ima”.

FIGURA 2 – À esquerda, demonstra-se a altura da escalada até o relógio da Prefeitura de Belo Horizonte. À direita, a “pixação” de um jovem da PE.

FIGURA 3 – Fotografia da tragédia de Heysel.

FIGURA 4 – Fotografia da tragédia de Hillsborough.

FIGURA 5 – A divisão da Tatudominado por regiões.

FIGURA 6 – Símbolo criado pelos Tatus07.

FIGURA 7 – Primeira estrutura hierárquica dos Tatus07.

FIGURA 8 – Atual estrutura hierárquica dos Tatus07.

FIGURA 9 – Informe dos Tatus07 afixado no quadro de avisos da subsede.

FIGURA 10 – Muro de um prédio “pixado” pelos integrantes da Tatudominado.

FIGURA 11 – “Pixo” de um integrante da torcida organizada rival cortado por um dos membros da Tatudominado.

FIGURA 12 – Doações arrecadadas pelos Tatus07 para o Projeto Assistencial Paraíso Azul.

FIGURA 13 – Crianças, adolescentes e adultos com paralisia cerebral abrigados no Projeto Assistencial Paraíso Azul.

FIGURA 14 – Máquina de fazer algodão doce e ovos de páscoa distribuídos para as crianças moradoras da região “sé7ima”.

FIGURA 15 – Escorregador e “pula-pula” para festejar o dia das crianças em uma ocupação localizada na “sé7ima”.

FIGURA 16 – Rifa para beneficiar um morador da “sé7ima” que necessitava de recursos financeiros para realizar o tratamento de câncer.

FIGURA 17 – Cozinha dos Tatus07 com o recado “favor manter [a pia] limpa e organizada”.

FIGURA 18 – Recados na subsede dos Tatus07 para os membros do subgrupo. “Componente colabore com a limpeza” e “favor apagar as luzes”.

FIGURA 19 – Informações para os membros pertencentes aos Tatus07 em relação a algumas atividades realizadas na região “sé7ima”.

FIGURA 20 – “União Dedo pro Alto”

FIGURA 21 – “União Punho Colado”

FIGURA 22 – “União Punho Cruzado”

FIGURA 23 – A frase “procura-se rivais” inscrita pelos muros da região “sétima”.

FIGURA 24 – Foto demonstrando apologia à “trocação”.

FIGURA 25: Exemplos de bandeiras confeccionadas pelo artista.

FIGURA 26: Bandeirão da Galoucura sendo confeccionado em um galpão de BH.

FIGURA 27: Foto do bandeirão da Galoucura sendo queimado pelos inimigos.

FIGURA 28: Processo do Juizado Especial Criminal.

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1- Quantidade de seguidores das páginas do *Facebook* criadas pelos líderes dos subgrupos das torcidas organizadas adversárias constituídas em Belo Horizonte e o ano de fundação.

## LISTA DE SIGLAS

AI-5	Ato Institucional nº 5
BH	Belo Horizonte
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CV	Comando Vermelho
EDT	Estatuto de Defesa do Torcedor
EEFFTO	Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
ESPN	<i>Entertainment and Sports Programming Network</i>
FBO	<i>Football Banning Order</i>
FIFA	Federação Internacional de Futebol
FIO	<i>Football Intelligence Officer</i>
FJV	Força Jovem do Vasco
FMF	Federação Mineira de Futebol
G.R.C.E.S	Grêmio Recreativo Cultural e Escola de Samba
GEFuT	Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas
GEPE	Grupamento Especial de Policiamento em Estádios
JECrim	Juizado Especial Criminal
MGTV	Minas Gerais Televisão
MMA	<i>Mixed Martial Arts</i>
OCL	Operação Caça-Lobisomem
ONG	Organização não-governamental
PCC	Primeiro Comando da Capital
PE	“Pixadores” de Elite
PELOPES	Pelotão de Operações Especiais
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PMMG	Polícia Militar de Minas Gerais
RN	Rio Grande do Norte
RRN	Raça Rubro-Negra
TAC	Termo de Ajustamento de Condutas
TCO	Termo Circunstanciado de Ocorrência
TJB	Torcida Jovem do Botafogo
TJF	Torcida Jovem do Flamengo
TO	Torcida Organizada

TOL	Torcida Organizada Lobisomens
TOT	Torcida Organizada Tatudominado
UEFA	<i>Union of European Football Associations</i>
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFC	<i>Ultimate Fighting Championship</i>
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
YF	<i>Young Flu do Fluminense</i>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>1 ENTRE OS ESTÁDIOS DE FUTEBOL E AS TORCIDAS ORGANIZADAS: UMA PESQUISA COM OS TATUS07.....</b>	<b>21</b>
<b>1.1 ALGUNS PASSOS DA PESQUISA DE CAMPO.....</b>	<b>22</b>
<b>1.2 OS TATUS07 INSPIRADOS NO HOOLIGANISMO INGLÊS.....</b>	<b>30</b>
<b>1.3 DA FORMAÇÃO DAS TORCIDAS BRASILEIRAS À TORCIDA ORGANIZADA TATUDOMINADO.....</b>	<b>34</b>
<b>2 DA TATUDOMINADO AOS TATUS07: HIERARQUIA, SEDE E SUBSEDE.....</b>	<b>40</b>
<b>2.1 O SURGIMENTO DA TORCIDA ORGANIZADA TATUDOMINADO E SUAS DIVISÕES EM “DOMÍNIOS”.....</b>	<b>41</b>
<b>2.2 OS PRIMÓRDIOS DA FORMAÇÃO DA “SÉTIMA” PELOS TATUS07.....</b>	<b>48</b>
<b>2.3 ESTRUTURAS HIERÁRQUICAS.....</b>	<b>51</b>
<b>2.4 AS SEDES DA TATUDOMINADO E A SUBSEDE DOS TATUS07.....</b>	<b>55</b>
<b>3 AS ATIVIDADES REALIZADAS PELOS TATUS07.....</b>	<b>61</b>
<b>3.1 RITUAL DE BATISMO.....</b>	<b>62</b>
<b>3.2 AS AÇÕES BENEFICENTES DOS TATUS07.....</b>	<b>66</b>
<b>3.3 AS REUNIÕES DOS TATUS07.....</b>	<b>72</b>
<b>3.4 AS FESTAS REALIZADAS PELOS TATUS07.....</b>	<b>78</b>
<b>4 OS TATUS07 COMO GRUPO DE REFERÊNCIA.....</b>	<b>85</b>
<b>4.1 OS TREINAMENTOS EM ARTES MARCIAIS.....</b>	<b>86</b>
<b>4.2 O USO DA FORÇA FÍSICA COMO CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES.....</b>	<b>91</b>
<b>4.3 AS REGRAS INSTITUÍDAS PELOS TATUS07.....</b>	<b>93</b>
<b>4.4 O GRUPO DE REFERÊNCIA .....</b>	<b>100</b>
<b>5 OS CLÁSSICOS DE FUTEBOL NA CAPITAL MINEIRA .....</b>	<b>105</b>
<b>5.1 OS PREPARATIVOS PARA OS CLÁSSICOS DE FUTEBOL PELA TATUDOMINADO.....</b>	<b>106</b>

<b>5.2 OS MOMENTOS VIVENCIADOS PELOS TATUS07 ANTES DOS CLÁSSICOS.....</b>	<b>110</b>
<b>5.3 A ATUAÇÃO DOS TATUS07 NAS ARQUIBANCADAS.....</b>	<b>116</b>
<b>5.4 OS TATUS07 COMO “MARGINAIS” OU “VAGABUNDOS” MORAL?.....</b>	<b>119</b>
<b>6 AS INTERVENÇÕES DO PODER ESTATAL.....</b>	<b>124</b>
<b>6.1 ESTATUTO DE DEFESA DO TORCEDOR.....</b>	<b>125</b>
<b>6.2 A REFORMA DO MINEIRÃO E A IMPLANTAÇÃO DO JECRIM NO INTERIOR DOS ESTÁDIOS.....</b>	<b>132</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>141</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS.....</b>	<b>143</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>150</b>

## INTRODUÇÃO

Pelas mais diversas cidades do mundo observamos o fenômeno da violência entre os torcedores rivais fanáticos pelos clubes de futebol, principalmente nos dias destinados às partidas entre equipes adversárias pertencentes a uma mesma cidade, sejam elas de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Londres ou de Buenos Aires. Eles se confrontam corporalmente como uma questão de honra. Em Belo Horizonte, tais embates físicos não são uma exceção. Independentemente da vitória ou da derrota do time em uma partida de futebol, um determinado grupo de torcedores se prepara ao longo dos anos para combater com os seus rivais. Os confrontos ocorrem, na maioria das vezes, entre agrupamentos que possuem aproximadamente o mesmo número de jovens do sexo masculino, que se enfrentam uniformizados e munidos de armas brancas como paus e pedras. Diante do encontro de um grupo de 30 jovens com outros 30 jovens, considerados como rivais, o estabelecimento de embates físicos pelos espaços urbanos é quase inevitável. Esses acontecimentos possuem a duração de 5 a 10 minutos e são interrompidos pelo fluxo de veículos automotivos da capital mineira ou pela polícia militar, episódios que nem sequer ocorrem uma vez ao ano.

Neste trabalho, estudo um desses agrupamentos – denominado, no Brasil, de torcidas organizadas – constituído na cidade de Belo Horizonte durante a década de 1980, ao qual darei o nome fictício de Tatudominado. Essa torcida organizada, de modo análogo a algumas outras, é formada por vários subgrupos, uns mais conhecidos pela violência do que outros. Nesta pesquisa, concentro-me em um desses subgrupos ao qual darei a denominação de Tatus07. Os Tatus07 são particularmente reconhecidos como violentos no interior da torcida organizada, dado que, ao longo do ano, se preparam fisicamente para o confronto físico através de treinamentos em artes marciais. Tal preparação ocorre em sessões de treino com frequência de três vezes por semana e duração de duas horas por dia, onde os membros desse subgrupo adquirem preparo físico, força muscular e domínio sobre as técnicas e estratégias de lutas corporais. Essas atitudes reforçam um dos traços de identidade que vigoram entre os Tatus07: o prazer de combater fisicamente contra os rivais. Além disso, os Tatus07 costumam ser destaques em jornais impressos ou televisivos nos dias destinados aos clássicos de futebol. Algumas das reportagens salientam que os policiais militares já detiveram membros do subgrupo por portarem porretes e barras de ferro, materiais que poderiam ser utilizados para os embates físicos.

Os Tatus07 possuem em torno de 50 jovens do sexo masculino com idade entre 15 a 29 anos, moradores de uma área denominada pelos integrantes de “Sé7ima” – uma demarcação

territorial construída socialmente por eles, localizada na regional noroeste da capital mineira<sup>1</sup>. O leitor pode notar que utilizei a caligrafia “Sé7ima” para manter a nomeação adotada pelos Tatus07 em relação ao espaço apropriado por eles. Consta que os 7 jovens precursores do subgrupo e moradores de 7 bairros distintos denominaram a área de “Sé7ima”, incluindo o número 7, para identificar a quantidade de jovens envolvidos com a formação do subgrupo e o número de bairros: Dom Bosco, Inconfidência, Ipanema, Novo Progresso, Padre Eustáquio, Pindorama e São José, conforme ilustrado na próxima figura. Essa área, também chamada de “território de moradia” pelos integrantes, possui aproximadamente 20 mil habitantes, ocupadas por moradores de baixa renda<sup>2</sup>, e uma extensão territorial em torno de 6 km<sup>2</sup>. Ela é cortada pela BR 040, Anel Rodoviário, Avenida Pedro II, Via Expressa e Avenida Carlos Luz. Merece destaque o fato de que essas vias – amplas e abertas – são locais propícios para o estabelecimento de embates físicos.

Figura 1 – Demarcação territorial estabelecida pelos integrantes da “sé7ima”.



Google Maps<sup>3</sup>

Em 1993, os Tatus07 surgiram com o objetivo de dominar o território, impedindo que o espaço de moradia fosse ocupado por torcedores organizados rivais. Cabe ressaltar que o aparecimento desse grupo tem relação com o contexto social em que ele estava inserido, visto

<sup>1</sup> Em Belo Horizonte, a metrópole é dividida em 9 regionais administrativas: Noroeste, Oeste, Nordeste, Norte, Barreiro, Centro-sul, Leste, Pampulha e Venda Nova.

<sup>2</sup> Informações disponíveis em: <<http://bairrosdebelohorizonte.webnode.com.br/regi%C3%A3o%20noroeste/>> Acesso em: 15 jan. 2018.

<sup>3</sup> Imagem disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-19.9043548,-43.998561,14z?dcr=0>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

que, a partir da década de 1990, os índices de criminalidade violenta cresceram de maneira acentuada em decorrência da expansão do comércio ilegal de drogas, acompanhado pelo tráfico de armas em Belo Horizonte. Com isso, os Tatus07 construíram o lema “juntos somos mais” e algumas estratégias para permanecerem atuando na localidade que serão descritas a seguir.

Com o passar dos anos, eles recrutaram os jovens moradores da “Sé7ima” para participar do subgrupo e, por conseguinte, impedir a livre circulação de membros de torcidas organizadas rivais pelas ruas da região. Instituíram, assim, a “Operação Caça-Lobisomens” – OCL – expulsando os grupos embrionários pertencentes à torcida organizada rival (à qual denominei de Lobisomens) através dos confrontos físicos e dos roubos de bandeiras e camisetas, impossibilitando a atuação desses jovens na “Sé7ima”. Consta que, desde os primórdios da formação do subgrupo, os integrantes passaram a vigiar a circulação dos jovens desconhecidos no território, mapeando aqueles poucos que pertenciam à torcida organizada rival e impedindo que eles utilizassem qualquer camiseta ou pertence que pudesse fazer alusão à torcida organizada adversária. Os Tatus07 acreditavam que a passagem de estranhos pela “Sé7ima” poderia ser nociva ao subgrupo, assim como ao bem-estar dos moradores dos sete bairros. Tendo isso em vista, os Tatus07 passaram a fazer a vigilância do local e a instituir algumas regras que deveriam ser adotadas por seus integrantes, controlando o comportamento dos jovens no interior do subgrupo.

Isto não quer dizer que qualquer morador, criança ou idoso seja interpelado pelos Tatus07. Para estabelecer essa espécie de controle sobre a região, os membros desse subgrupo passaram a reconhecer os jovens considerados rivais pelo modo de caminhar, pelos gestos ou movimentos do corpo e pela forma com que transitam pelas ruas da “Sé7ima”. Assim, dois jovens utilizando capacetes e trafegando de moto pelos pontos de encontro dos Tatus07 por mais de uma vez, significa uma possível ameaça ao subgrupo, visto que o capacete pode não ser utilizado, única e exclusivamente, como objeto de proteção da cabeça, mas também com o intuito de esconder o rosto. Nesta situação, tais jovens são repreendidos pelos membros do subgrupo para o reconhecimento deles, além de serem questionados sobre os motivos pelos quais transitam pela localidade por diversas vezes. Caso eles sejam moradores da “Sé7ima”, os Tatus07 liberam os jovens e solicitam que eles façam um novo percurso. Por outro lado, se forem concebidos enquanto rivais, os membros do subgrupo agridem os jovens e os proíbem de passar pela localidade, visto que eles podem relatar o cotidiano dos Tatus07 aos membros de grupos rivais, moradores dos mais diversos espaços da cidade. Estar atento passou a ser uma particularidade dos Tatus07, tanto para atacar quanto para impedir a circulação dos

adversários pela região com o objetivo de evitar possíveis situações inesperadas advindas dos rivais.

Ademais, os Tatus07 foram internalizando a “excelência do corpo”, uma estratégia empregada pelo primeiro líder dos Tatus07, exigindo aos membros do subgrupo a matrícula e a frequência nas escolas públicas da região, além da inserção no mercado de trabalho, seja formal ou informal. Ao longo de 25 anos de atuação na região, estima-se que quase 2000 pessoas se integraram aos Tatus07 (predominantemente durante a juventude) e se afastaram das atividades desenvolvidas pelo subgrupo. Entretanto, esses ex-integrantes passaram a conceber a “Operação Caça-Lobisomens” e a “excelência do corpo” como princípios fundamentais para suas próprias vidas, transmitindo aos filhos e parentes mais próximos esses ideais. Mesmo com a chegada da idade adulta, o subgrupo continua sendo a principal referência identitária dos membros que participaram dos Tatus07 e que ainda residem no local. Com isso, a “Sé7ima” se transformou em um espaço vangloriado pelos membros da região. Além dos jovens fazerem a vigilância do local, os membros pertencentes aos Tatus07 passaram a estudar e trabalhar com o propósito de permanecerem no subgrupo. Sendo assim, é de fundamental importância destacar que a “excelência do corpo” foi uma marca do subgrupo que distinguiu os Tatus07 dos demais agrupamentos consolidados na metrópole, primordialmente, em relação às gangues de jovens envolvidas com a criminalidade violenta. A escola e a inserção no mercado de trabalho tornaram-se peculiaridades cruciais para uma boa parte desses jovens.

A identificação dos integrantes com o subgrupo e a apropriação do espaço urbano possibilitaram que os Tatus07 passassem a dividir suas funções ou atividades através de uma hierarquia, ou seja, de forma burocrática, exigindo dos jovens compromisso em relação à educação e ao trabalho. Outra questão importante a se destacar é que, com o tempo, os Tatus07 passaram a mobilizar as pessoas para arrecadar doativos às crianças mais carentes ou doações de sangue para ajudar os moradores da “Sé7ima” que se encontravam hospitalizados, realizando ações filantrópicas no local. Além do mais, constatei que os Tatus07 apoiam um vereador – morador da “Sé7ima” – nas campanhas eleitorais, dado que ele pode representar os interesses do subgrupo em relação à região como, por exemplo, a manutenção de instituições locais e a aprovação de documentos que destinam recursos financeiros ao território. Assim, podemos constatar que os Tatus07, com apenas 50 membros atuantes, passaram a estabelecer uma rede peculiar de relações sociais que mantém sob controle uma quantidade expressiva de jovens moradores do local.

Isto posto, pode-se dizer que o subgrupo se distanciou dos objetivos propostos pela Torcida Organizada Tatudominado - apoiar o clube de futebol - e constituiu sua principal

identidade através da apropriação do espaço urbano. Enquanto uma série de pesquisas foram realizadas com as torcidas organizadas para compreender o fenômeno da violência entre seus membros, o presente estudo tem por objetivo mostrar como o futebol enquanto identidade nacional vinculou os jovens da “Sé7ima” para dominar o território. Cabe dizer que, para obter este encaminhamento para o trabalho, me dispus, primeiramente, a compreender o fenômeno da violência entre as torcidas organizadas na capital mineira, optando por realizar uma pesquisa de campo com os Tatus07 – um subgrupo reconhecido como particularmente violento até mesmo entre os próprios membros da torcida organizada.

No primeiro capítulo, alguns passos da pesquisa de campo serão descritos e, logo, os estudos de maior relevância sobre o *hooliganismo* inglês e as torcidas brasileiras serão destacados para que haja uma maior compreensão por parte do leitor do contexto socioeconômico do surgimento da Tatudominado e a consolidação dos Tatus07. No capítulo seguinte, as narrativas históricas construídas pelos fundadores da torcida organizada serão retratadas a partir das semelhanças e distinções da estrutura hierárquica e da sede e subsede, tanto da Tatudominado, quanto dos Tatus07.

Com a consolidação dos Tatus07 em uma área denominada de “Sé7ima”, os “rituais de batismo”, as ações beneficentes, as reuniões e as festas serão descritos no capítulo 3, procurando demonstrar as relações estabelecidas entre eles e a atuação dos jovens no território. No capítulo 4, os treinamentos em artes marciais serão destacados como uma atividade que possibilita adquirir força física como atributo de masculinidade. Além disso, será mostrado que os jovens construíram algumas regras e princípios de condutas em relação ao combate com os rivais. No capítulo 5, os momentos que antecedem os clássicos de futebol e a atuação na arquibancada serão relatados com a finalidade de mostrar as concepções construídas pelos Tatus07. Por último, as intervenções do poder estatal para conter os episódios de violência e a mudança de comportamento dos membros do subgrupo serão explicitadas, procurando demonstrar as transformações do futebol na capital mineira após a reforma do Mineirão, a implantação do Juizado Especial Criminal – JECrim – e da alteração do Estatuto de Defesa do Torcedor.

**1 ENTRE OS ESTÁDIOS DE FUTEBOL E AS TORCIDAS  
ORGANIZADAS: UMA PESQUISA COM OS TATUS07.**

---

# 1 ENTRE OS ESTÁDIOS DE FUTEBOL E AS TORCIDAS ORGANIZADAS: UMA PESQUISA COM OS TATUS07.

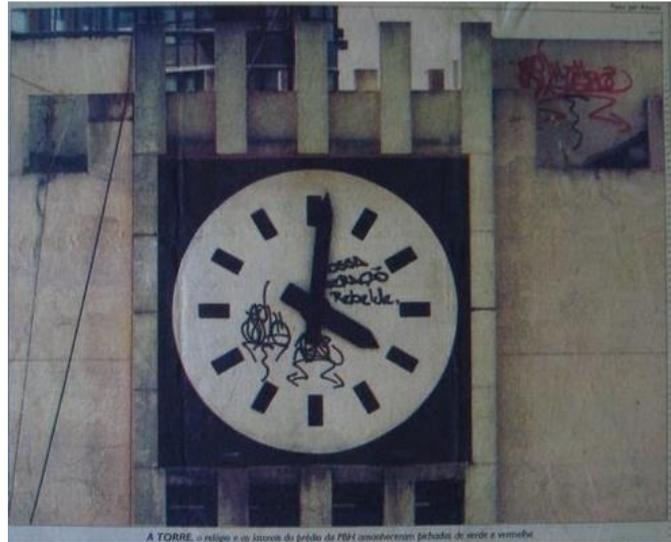
Neste capítulo, descreverei alguns passos da metodologia utilizada na pesquisa de campo. Em seguida, demonstrarei a atuação dos *hooligans* ingleses nos estádios de futebol europeu e o surgimento das torcidas organizadas brasileiras.

## 1.1 ALGUNS PASSOS DA PESQUISA DE CAMPO.

O interesse em investigar o subgrupo conhecido por Tatus07 surgiu como continuidade da minha pesquisa de mestrado intitulada “Pixadores de Elite: duas décadas de uma grife”, realizada entre os anos de 2012 e 2013, na cidade de Belo Horizonte. A palavra “pixadores”, escrita com “X”, é utilizada pelos membros como forma de apropriação do espaço urbano, construindo um modo de vida peculiar e circulando pelas mais diversas ruas da metrópole para marcarem as suas assinaturas, muitas vezes ilegíveis, em busca de reconhecimento e visibilidade social (SOARES, 2013). Eles utilizam essa palavra para distinguir das demais inscrições realizadas pelos muros da cidade – conhecidas por pichações com “ch” – a partir das quais expressam aos cidadãos mensagens de amor ou revolta em relação a um determinado regime político, sendo passíveis de compreensão por parte daqueles que as leem como, por exemplo, “não vai ter copa” ou “abaixo a ditadura”.

Como os “Pixadores de Elite” ou PE possuíam visibilidade entre os demais agrupamentos de “pixadores” constituídos na metrópole, eles passaram a se gabar por “pixarem” os lugares com mais difícil acesso, os mais bem vigiados e os mais nobres da capital mineira. Destaca-se a “pixação”, realizada por um jovem dos “Pixadores de Elite”, no prédio da Prefeitura de Belo Horizonte. Ele escalou o edifício através de um cabo de aço e “pixou” a sua assinatura nas quatro faces do relógio da prefeitura, conforme ilustrado na figura 2. O acontecimento propiciou notoriedade entre os “pixadores” e fama para o grupo (SOARES, 2013, p. 47). Para integrar os melhores “pixadores” de Belo Horizonte, o presidente da PE estabeleceu o lema: “a torcida organizada em prol do pixo”, visto que os jovens mais renomados no cenário da “pixação” pertenciam às duas maiores torcidas organizadas consolidadas na capital mineira.

Figura 2 – À esquerda, demonstra-se a altura da escalada até o relógio da Prefeitura de Belo Horizonte. À direita, a “pixação” de um jovem da PE.



SOARES, 2013, p. 47

Ademais, os membros pertencentes à PE inscreviam as suas assinaturas nos muros ao redor e no interior dos estádios de futebol, dado que nessas localidades havia uma grande circulação de “pixadores”, propiciando a obtenção de fama e reconhecimento entre os pares. Sendo assim, observei que os jovens transitavam pelos mais diversos estilos de vida, entre eles, o estilo de vida peculiar ao membro de uma torcida organizada. Para dar ao leitor uma ideia do que estou chamando de “estilo de vida”, destaco o exemplo do *rockeiro*. As vestimentas pretas estampando caveiras, as correntes de caminhão dependuradas nas calças, a utilização de uma linguagem baseada em palavrões, além da presença nos lugares destinados ao *rock* compõem todo um estilo de vida dos *rockeiros*. O mesmo raciocínio se aplica ao torcedor organizado, embora, neste caso, não se trata de meramente alguém que, no dia destinado às partidas futebolísticas, torce pelo clube de futebol nas arquibancadas, mas assume um certo compromisso com o corpo, fazendo tatuagens com os símbolos das torcidas organizadas e frequentando uma série de atividades realizadas pelos grupos, construindo um estilo de vida próprio. Como os “pixadores” – membros de torcidas organizadas rivais – transitavam entre os estilos “pixador” e “torcedor organizado”, passei a acompanhar os clubes de futebol de Minas Gerais para participar das conversas e “zoações” dos membros dos “Pixadores de Elite” durante as reuniões do grupo<sup>4</sup>.

Em minha primeira ida ao estádio de futebol para acompanhar e observar a circulação

<sup>4</sup> A pesquisa de mestrado foi realizada entre os anos de 2012 e 2013. Destaca-se que, em 2013, os principais clubes da capital mineira conquistaram a Copa Libertadores da América e o Campeonato Brasileiro.

dos “pixadores” pela metrópole, diferentes situações me chamaram a atenção. A quantidade de bandeiras, os cantos e as coreografias realizadas pelos torcedores organizados, assim como alguns comportamentos dos jovens nas arquibancadas, me instigaram a propor uma pesquisa de doutorado. A partir de situações vivenciadas na arquibancada, percebi a presença de um modo de agir particularmente violento, como explicitado no exemplo a seguir: um dos Tatus07 pegou uma pessoa à força e entregou à polícia militar, uma vez que ela havia lançado uma garrafa de água no campo de futebol. Além disso, eles obrigaram um dos torcedores a retirar uma camiseta que estava vestindo, dado que a cor fazia alusão ao principal clube adversário. Sendo assim, no interior dos estádios, os Tatus07 se comportam controlando algumas atitudes dos demais torcedores, visto que a punição em relação aos torcedores organizados passou a ser de maneira coletiva. Ao perguntar por que eles adotavam esse tipo de comportamento na arquibancada, um jovem me respondeu: “somos Tatus07”. Cabe ressaltar que estes aspectos serão melhor esclarecidos no decorrer dos capítulos.

A escolha dos Tatus07 como objeto específico para minha investigação se deu pelo fato de que um dos integrantes dos “Pixadores de Elite” era membro desse grupo, caracterizado por ser um subgrupo da Tatudominado que se autodenominava a “linha de frente” da torcida organizada. Este grupo era formado por jovens com disposição para defender os valores e os simbolismos do grupo através de lutas físicas ou corporais. Assim, optei por realizar a pesquisa de campo apenas com esse subgrupo com o propósito de compreender os confrontos físicos travados entre os torcedores organizados rivais tão noticiados pelos meios de comunicação.

Para se ter a dimensão do quanto os Tatus07 possuem visibilidade entre os torcedores organizados, utilizei as páginas oficiais do *Facebook* criadas pelos subgrupos das torcidas organizadas como uma ferramenta para compará-los. Neste sentido, pode-se dizer que quanto maior o número de seguidores, maior o reconhecimento do subgrupo pelos torcedores organizados da capital mineira.

**Tabela 1- Quantidade de seguidores das páginas do *Facebook* criadas pelos líderes dos subgrupos das torcidas organizadas adversárias constituídas em Belo Horizonte e o ano de fundação.**

<u>Tatudominado</u>	<u>Lobisomens</u>
1- Tatus07 Seguidores: 13.489 Fundação: 1993	1- Lobisomens X Seguidores: 14670 Fundação: 1990
2- Tatus A Seguidores: 13.235 Fundação: 1997	2- Lobisomens A Seguidores: 13418 Fundação: 1999
3- Tatus B Seguidores: 6.404 Fundação: 1996	3- Lobisomens B Seguidores: 11.148 Fundação: 1993

4- Tatus C Seguidores: 4.993 Fundação: 1995	4- Lobisomens C Seguidores: 9854 Fundação: 2000
5- Tatus D Seguidores: 3042 Fundação: 2007	5- Lobisomens D Seguidores: 9189 Fundação: não tem.
6- Tatus E Seguidores: 1.143 Fundação: não tem.	6- Lobisomens E Seguidores: 4887 Fundação: 2010
7- Tatus F Seguidores: 1030 Fundação: 2000	7- Lobisomens F Seguidores: 3880 Fundação: 1994
8- Tatus G Seguidores: 1030 Fundação: 2006	8- Lobisomens G (Pedreira Prado Lopes) Seguidores: 2569 Fundação: não tem.
	9- Lobisomens H Seguidores: 871 Fundação: não tem.

**As páginas oficiais do *Facebook* dos subgrupos das torcidas organizadas de Belo Horizonte foram mantidas em sigilo para que não haja qualquer identificação com os agrupamentos.**

Na Tabela 1, nota-se que os Tatus07 possuem o maior número de seguidores, quando comparados aos demais subgrupos constituídos no interior da Tatudominado. Para além disso, sua fundação remonta ao ano de 1993, fazendo dele o primeiro subgrupo a se consolidar no interior da torcida organizada. Estes dois aspectos propiciam visibilidade e reconhecimento aos Tatus07 entre os demais agrupamentos da Tatudominado, bem como entre os rivais. Em segundo lugar, visualizamos os “Tatus A” como um subgrupo que possui um número de seguidores pouco abaixo dos Tatus07, fato que propicia a disputa entre esses dois agrupamentos para adquirir visibilidade dentro da Tatudominado. Por outro lado, observamos que os Lobisomens possuem 2 subgrupos com uma quantidade de seguidores acima de 11.200 pessoas. A observação desses números possibilita mapear os subgrupos que mais se envolvem com os confrontos físicos, uma vez que a disputa por visibilidade é um elemento para a constituição das rivalidades entre eles. Assim, os “Tatus A” (Regional Norte), os Lobisomens X (Regional Barreiro) e os Lobisomens A (Regional Norte) são os principais rivais dos Tatus07. Portanto, como os “Tatus A” e os “Lobisomens A” se ocupam de confrontar entre si na regional norte, os Tatus07 embatem fisicamente com os Lobisomens X. Com isso, é possível afirmar que os embates estabelecidos entre os jovens pertencentes às torcidas organizadas na cidade de Belo Horizonte possuem um caráter territorializado, ou seja, eles confrontam corporalmente com os subgrupos considerados como rivais, podendo pertencer ou não à mesma torcida organizada. Isto se refere ao processo de construção de masculinidades, conforme será descrito no capítulo 4.

A partir da terceira colocação dos subgrupos da TatuDominado, o número de seguidores das páginas oficiais no *Facebook* possui uma representatividade bem abaixo da média dos Tatus07. Já entre os Lobisomens, o único agrupamento constituído na Pedreira Prado Lopes possui uma quantidade inexpressiva de seguidores. Sendo assim, a construção da história da formação da TatuDominado, a partir dos relatos dos fundadores e ex-diretores da torcida organizada, foi de fundamental importância para entender o processo de consolidação dos Tatus07 na capital mineira. Além do mais, os relatos dos precursores do subgrupo possibilitaram construir o percurso realizado pelos jovens para adquirir a reputação particular de violência entre os torcedores organizados. Tais contextos serão melhor descritos no capítulo 2.

Ao longo de quase três anos, participei das atividades realizadas pelos membros do subgrupo que, em sua maioria, são jovens moradores da “Sé7ima” de Belo Horizonte. Nesse ínterim, frequentei 10 atividades filantrópicas com o engajamento dos Tatus07, 15 reuniões na subseção do subgrupo, cinco treinamentos e 11 encontros realizados por eles nos mais diversos espaços da metrópole. Por 18 vezes, circulei com os membros pela cidade nos dias destinados às partidas disputadas pelo Clube Esportivo Alterosa, acompanhando a atuação dos jovens no interior das arquibancadas e pelas ruas da capital mineira. Além disso, realizei sete entrevistas em profundidade com os membros dos Tatus07, porém uma das entrevistas foi feita com integrantes de torcidas organizadas rivais ao mesmo tempo, dado que mostra como os torcedores organizados possuem uma rede de relações sociais peculiar. Isto significa que nem todos os jovens pertencentes às torcidas organizadas rivais são considerados como inimigos na perspectiva dos Tatus07. Cabe destacar que após desligar o gravador, informações importantes foram relatadas, uma vez que os jovens possuíam receio de narrar algumas situações que estavam sendo registradas. Tais entrevistas exigiram destinar em média de três a quatro horas para cada jovem, pois eles mostravam vídeos postados na internet, fotos com os amigos das mais diversas torcidas organizadas brasileiras e conversas em redes sociais. As entrevistas foram realizadas no centro da capital mineira ou na área dos Tatus07 (“Sé7ima”). Cabe salientar que uma das entrevistas não foi transcrita, pois o barulho do local não permitiu a escuta do áudio.

Durante a pesquisa de campo, diversos aspectos a respeito dos Tatus07 foram observados. A hierarquia do subgrupo, a carreira do jovem em seu interior, os rituais de inserção na torcida organizada, as atividades desenvolvidas por eles, a atuação do subgrupo na arquibancada e pelas ruas da capital mineira, as regras instituídas por eles, os confrontos com

os rivais e as relações estabelecidas com a mídia, as mulheres, a polícia militar e o poder judiciário com o propósito de descrever o cotidiano dos Tatus07 e as narrativas construídas em relação aos confrontos corporais, desvelando os motivos pelos quais os membros lutam fisicamente pelas ruas da metrópole, primordialmente, nos dias destinados aos clássicos de futebol.

Assim, para compreender as narrativas históricas construídas pelos Tatus07 em relação à formação do subgrupo e a sua permanência ao longo de 25 anos pela capital mineira, realizei 11 entrevistas em profundidade, entre os meses de janeiro e maio de 2017, com os fundadores e ex-diretores da Tatudominado – alguns que fizeram parte dos Tatus07 –, além de ter frequentado duas festas realizadas por eles, com a finalidade de adquirir informações sobre os momentos que foram determinantes para a constituição do subgrupo. Essas entrevistas foram realizadas na região central de Belo Horizonte.

Em relação aos confrontos estabelecidos entre os Tatus07 e os rivais, presenciei alguns que ocorreram nas ruas próximas ao Estádio Governador Magalhães Pinto – Mineirão – e nas reuniões do subgrupo. Nesses acontecimentos, percebi o quanto o treinamento dos jovens através das artes marciais propicia coragem, resistência física e tolerância à dor, além de apreender as regras, os valores do subgrupo e as estratégias para me proteger em situações de conflitos. Estes aspectos serão abordados, de maneira mais detalhada, no capítulo 5.

Cabe destacar que no período destinado às entrevistas com os ex-diretores da Tatudominado – alguns que fizeram parte dos Tatus07 – para entender as narrativas históricas construídas pelos membros em relação à formação do subgrupo e a sua permanência ao longo de 25 anos pela capital mineira, um jovem expôs uma foto minha nas redes sociais, ressaltando que eu era uma policial infiltrada na torcida organizada. Diante desse acontecimento, me senti insegura para prosseguir com as entrevistas e finalizei a pesquisa. Entretanto, em quinze minutos, a minha foto foi excluída das redes sociais, pois um dos ex-diretores, consagrado na Tatudominado e que havia me concedido entrevista, exigiu que o *post* fosse retirado, já que eu havia apresentado os documentos que comprovavam a minha pesquisa de doutorado. Com isso, foi possível perceber o quanto os torcedores organizados possuem receio dos policiais militares e das notícias veiculadas pelos meios de comunicação, dado que eles desconfiam das pessoas “estranhas”, que se juntam ao grupo para obter informações sobre a Tatudominado.

Além disso, eu passei a participar do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nas reuniões com o grupo de pesquisa, os relatos dos pesquisadores sobre as torcidas organizadas da capital mineira afirmavam o quanto

os Tatus07 eram reconhecidos entre os torcedores organizados como aqueles que possuíam “disposição” para confrontar com os rivais, obtendo visibilidade no interior da Tatudominado e pelos principais adversários: os jovens pertencentes aos Lobisomens X e A que representa o Futebol Clube Del Rey. Aqui, vale destacar mais uma vez, que os nomes que identificam os subgrupos, as torcidas organizadas, os clubes de futebol, as regiões de moradia, bem como os lemas, mascotes e alianças serão alterados para garantir a confidencialidade da pesquisa.

Desde a década de 1990, alguns estudos (TOLEDO, 1996; TEIXEIRA, 1998; MONTEIRO, 2003; MURAD, 2012; HOLLANDA, 2009) foram realizados para entender os motivos pelos quais os torcedores organizados se confrontavam corporalmente nos dias destinados aos clássicos de futebol, associando a paixão pelo clube como o principal motivo para o estabelecimento de embates físicos. Obviamente, esses trabalhos são de fundamental importância para compreender o surgimento das torcidas organizadas e suas transformações ao longo dos anos no país. Jovens do sexo masculino se unem em decorrência de uma identificação pelo mesmo clube de futebol e passam a adotar comportamentos que estreitam laços sociais através da criação dos seus próprios símbolos (os quais são estampados em camisetas, bandeiras e outros materiais), na composição de cantos, na confecção de carteirinhas para os membros da torcida, na definição de mensalidades, na institucionalização de hierarquias, cargos e responsabilidades dentro do grupo, além de diversas outras ações, as quais podem variar entre as diferentes torcidas organizadas (REIS, 2016).

A partir dessa organização, os torcedores organizados passam a interagir com o cenário futebolístico de uma maneira diferente dos chamados “torcedores comuns”, no que diz respeito às formas com as quais se manifestam dentro e fora dos estádios. No proceder dentro dos estádios, as torcidas organizadas se caracterizam pela localização de seus membros em setores determinados das arquibancadas, pelas atitudes mais entusiasmadas de seus componentes, pela maior frequência dos cânticos em apoio à equipe e pelo manuseio de objetos tais como bandeiras e instrumentos de percussão. Já fora dos estádios, esses torcedores costumam ter funções a desempenhar no dia a dia da torcida organizada, como a realização de encontros para ensaiar as músicas que serão entoadas nas arquibancadas, para preparar as ações para os jogos e para a construção de materiais para a torcida (como bandeiras e faixas). Desse modo, nota-se que os torcedores organizados acabam por construir um estilo de vida em que boa parte de suas ações gira em torno do universo relacionado à torcida organizada à qual pertencem.

Porém, o presente estudo procura demonstrar como os Tatus07 surgiram com o propósito de dominar o território, impedindo que outras torcidas organizadas se institucionalizassem no local durante a década de 1990. A partir das narrativas históricas relatadas pelos fundadores e

ex-diretores da Tatudominado e da observação de campo nas atividades realizadas pelos Tatus07, entre fevereiro de 2014 e maio de 2017, esse trabalho procura preencher uma lacuna relativa à configuração da torcida organizada a partir de um subgrupo que possui visibilidade no interior da Tatudominado, através da “disposição” em confrontar fisicamente contra os rivais, adquirindo um caráter territorializado. Nesse sentido, os embates físicos, necessariamente, não são entre os torcedores dos clubes adversários, mas entre aqueles que se encontram pelas ruas da cidade e que possuem os mesmos atributos de masculinidades construídos por eles. Os Tatus07 não atuam como se fossem “bárbaros” distribuindo violência a qualquer cidadão da capital mineira. Para os confrontos contra os rivais, eles possuem algumas regras instituídas pelo subgrupo distinta das demais torcidas organizadas. Caso algum jovem despreze esses princípios, ele é passível de sanções pelos próprios membros, podendo, inclusive, ser expulso do subgrupo, conforme será retratado no capítulo 4.

Aqui, não há qualquer perspectiva de analisar dados quantitativos para verificar se os relatos são consistentes, pois o que interessa é descrever os embates físicos e as rivalidades constituídas pelo subgrupo, distintas daquilo que é transmitido pelos meios de comunicação atrelando os confrontos às rivalidades clubísticas. Sendo assim, não é possível estudar apenas o subgrupo sem contextualizar a rede de relações estabelecidas entre os Tatus07 e a Tatudominado, além de conhecer a história da torcida organizada e o processo de fragmentação do grupo em diversos subgrupos<sup>5</sup>. Isto possibilita descrever o estilo de vida dos Tatus07, através dos confrontos físicos, e as relações sociais constituídas entre o subgrupo e os seus rivais, explicando os motivos pelos quais os membros das torcidas organizadas adversárias podem frequentar os mesmos espaços de maneira “pacífica”. Por “pacífica”, pode-se entender as relações sociais estabelecidas pelos membros do subgrupo sem confrontos físicos. A princípio, um percurso histórico acerca da violência no futebol inglês e o surgimento das torcidas organizadas brasileiras serão descritos, tendo como referência uma seleção de trabalhos realizados por autores diversos, com a finalidade de apontar as diferenças dos contextos sociais e econômicos do surgimento do *hooliganismo* inglês e das torcidas organizadas nas capitais carioca e paulista em relação à Belo Horizonte.

---

<sup>5</sup> Esse contexto será retratado neste capítulo.

## 1.2 OS TATUS07 INSPIRADOS NO *HOOLIGANISMO* INGLÊS

Nas primeiras incursões de campo, observei que uma das faixas utilizadas pelos Tatus07 estampava a expressão “os *hooligans* da Sé7ima”. Ao questionar um dos jovens sobre esse lema, ele relatou que o subgrupo se inspirou nos *hooligans* ingleses – um termo utilizado para denominar o comportamento desordeiro dos torcedores britânicos fanáticos pelos clubes de futebol. Com isso, ele indicou o filme “*Hooligans*” para que eu pudesse compreender as relações estabelecidas entre os jovens pertencentes ao subgrupo da Tatudominado. Nesse longa-metragem, a história se baseia nos confrontos físicos travados pelos torcedores do *West Ham United Football Club* - um clube de futebol constituído na região leste de Londres e considerado como um dos mais tradicionais do Reino Unido. Eles construíram um estilo de vida agressivo através das lutas físicas contra os rivais, demonstrando o papel da liderança para a coesão do grupo, os laços de amizade e rivalidades estabelecidos entre eles e as regras instituídas para embaterem fisicamente. Além disso, o filme retrata os conflitos pessoais e familiares desses jovens que utilizam da força física para obter notoriedade entre os pares.

Ao pesquisar sobre o *hooliganismo* inglês, Eric Dunning – o principal precursor da Sociologia do Esporte – dedicou seus estudos para compreender a violência entre os mais diversos torcedores de clubes de futebol na Inglaterra. Ele foi fortemente influenciado pela teoria do processo civilizador de Norbert Elias, consequência da “formação do Estado”; da “pacificação sob o controle do Estado”; da “crescente igualdade nas oportunidades de poder entre as classes sociais, homens e mulheres e entre gerações (velhos e jovens)”; e do “crescimento da riqueza” (DUNNING, 2014, p. 72). Sendo assim, Dunning destacou que a violência entre os *hooligans* ingleses seria decorrente dos processos descivilizadores, uma vez que o poder é concebido enquanto uma propriedade das relações sociais. Esse conceito foi formulado “para identificar o fato de que a formação do Estado não produz necessariamente consequências civilizadoras, e que os monopólios da violência por parte do Estado podem ser usados para finalidades ‘bárbaras’ e ‘não civilizadas’” (DUNNING, 2014, p. 125).

Uma das explicações formuladas pelo autor diz respeito ao ano que antecedeu a Copa do Mundo de 1966, realizada na Inglaterra. Para ele, a indústria jornalística estava altamente competitiva e, como estratégia, os redatores passaram a noticiar o mau comportamento do torcedor inglês de maneira sensacionalista para vender o maior número de exemplares, despertando os interesses dos agentes policiais para intervir nesses comportamentos. Isso ocasionou um aumento significativo do número de notícias sobre essas ocorrências envolvendo os *hooligans* do futebol inglês. Além do mais, o autor verificou que, desde 1880, as violências

verbais e físicas já representavam estilos de vida entre os fãs de futebol, dado que “em todas as décadas houve arremesso de objetos, ataques contra árbitros, bandeirinhas e jogadores adversários, e brigas entre torcidas rivais” (DUNNING, 2014, p. 219). O interesse da mídia em reportar os comportamentos desordeiros dos torcedores propiciou que eles fossem vistos como “brigões”, obtendo visibilidade entre os pares, uma vez que os embates físicos passaram a ser noticiados pelas manchetes de jornais e revistas, disseminando o pânico moral pela sociedade inglesa e a exportação do *hooliganismo* para o exterior (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 385).

Através desses estudos, o autor ressalta que o *hooliganismo* é um problema mundial, dado que o comportamento desordeiro ou violento dos jovens pode ser observado pelos mais diversos países do mundo como, por exemplo, na Argentina, no Brasil, na Colômbia ou na Itália<sup>6</sup>. Tendo isso em vista, Heloísa Helena Baldy dos Reis (2014) concorda com Dunning ao afirmar que existe um núcleo duro de jovens dispostos a violentar o outro nos dias destinados às partidas futebolísticas. A autora ressalta que o *hooliganismo* pode ser um conceito utilizado para nomear tanto as práticas de violência entre os jovens fanáticos pelos clubes de futebol, como também as que envolvem outros agrupamentos juvenis que utilizam da violência como forma de estabelecer relações sociais, resguardando as suas devidas distinções.

Com isso, Dunning (2014) destaca alguns acontecimentos que marcaram a violência no futebol como um problema mundial. Prova disso é que, para o autor, o “tumulto de Lima” pode ser considerado a maior tragédia ocasionada no interior dos estádios de futebol. Em 1964, em uma partida disputada no Torneio Pré-Olímpico entre Argentina e Peru, na cidade de Lima, os peruanos se revoltaram após a anulação de um gol. Consta que “a polícia começou a disparar suas armas de fogo, a briga entre torcedores e policiais passou para fora do estádio e o resultado final dessa combinação de tumulto no futebol, protesto contra a polícia e pânico em massa foi um total de aproximadamente 300 pessoas mortas” (DUNNING, 2014, p. 222). Neste sentido, um outro acontecimento que repercutiu mundialmente ocorreu na cidade de Buenos Aires, em uma partida de futebol disputada entre o River Plate e o Boca Juniors, realizada no Monumental de Nuñez, em 1968. Os torcedores do River Plate incendiaram a arquibancada e trancaram o portão 12, impedindo a saída de uma multidão de torcedores, conhecida como a Tragédia da *Puerta 12*. Em torno de 74 pessoas morreram asfixiadas e pisoteadas e 150 ficaram feridas.

Apesar desses episódios ocasionados em países da América Latina, dois acontecimentos localizados na Europa exerceram importância considerável no futebol brasileiro, visto que marcaram as transformações no futebol inglês que acabaram influenciando no movimento de

---

<sup>6</sup> Os agrupamentos de torcedores são conhecidos como *barra bravas*, na Argentina e Colômbia; torcedores organizados, no Brasil; *hooligans*, na Inglaterra; e, *ultras*, na Itália.

reformas dos estádios brasileiros para receber os jogos da Copa do Mundo de 2014. O primeiro deles ocorreu no ano de 1985, durante a final da Liga dos Campeões da Europa (precursora da UEFA<sup>7</sup> *Champions League*<sup>8</sup>), em uma partida de futebol entre o *Liverpool* da Inglaterra e *Juventus* da Itália: os *hooligans* ingleses se confrontaram com os italianos no interior do Estádio do Heysel, em Bruxelas. Esse conflito, conhecido por “tragédia de Heysel”, resultou em 39 mortes e cerca de 450 feridos. Os *hooligans* ingleses foram responsabilizados pelo tumulto e, por conseguinte, os clubes ingleses foram proibidos de participar dessa competição por um período de cinco anos (D’ornellas, 2014). Já, em 1989, em um jogo entre *Liverpool* e *Nottingham Forest* no Estádio *Hillsborough*, em *Sheffield* (Inglaterra), a superlotação de um espaço cercado por grades resultou no esmagamento e na morte de 96 pessoas e 766 feridos. A “tragédia de Hillsborough” foi considerada “o maior desastre do futebol inglês” (D’ornellas, 2014, p. 164).

**Figura 3 – Fotografia da tragédia de Heysel.**



#### **Fatos do Futebol<sup>9</sup>**

---

<sup>7</sup> *Union of European Football Associations.*

<sup>8</sup> Liga dos campeões é uma competição realizada pela UEFA.

<sup>9</sup> Imagem disponível em: <<http://futebolemfatos.blogspot.com.br/2014/09/tragedia-de-heysel.html>> Acesso em: 22 dez. 2017.

**Figura 4 – Fotografia da tragédia de Hillsborough**



ESPN Notícias<sup>10</sup>

Esse último acontecimento foi o marco para que o governo de Margaret Thatcher<sup>11</sup> adotasse medidas de segurança pública, visando diminuir o número de ocorrências no interior e nos arredores dos estádios de futebol inglês, conhecido por Relatório Taylor<sup>12</sup>. Dentre essas medidas, destacam-se a proibição do uso de bebidas alcoólicas nas dependências dos estádios, a transformação da “conduta desordeira” em crime, além da obrigatoriedade de assistirem às partidas futebolísticas assentados nas cadeiras numeradas e o aumento no valor dos ingressos (ALVITO, 2014a). Entretanto, cabe ressaltar que esse relatório interveio na organização do futebol profissional para além da Inglaterra, influenciando, inclusive, as reformas e as construções dos estádios de futebol brasileiros para receber os jogos da Copa do Mundo de 2014, com destaque para o Mineirão, incidindo diretamente no comportamento dos jovens pertencentes aos Tatus07, aspecto que será melhor elucidado no capítulo 6.

Com esse histórico de conflitos e confrontos no interior e nos arredores dos estádios, Dunning (2014) realizou um levantamento das mortes de torcedores em decorrência da violência no futebol através dos jornais ingleses, entre os anos de 1996 e 1999. Nesse estudo, o autor destacou a Argentina e a Itália como os países que possuíam o maior número de homicídios ocasionados entre os torcedores, principalmente, através do uso de armas de fogo (DUNNING, 2014, p. 222). Enquanto a Argentina ocupava o *ranking* com 39 mortes, a Itália se destacou com 5 homicídios, durante o período investigado.

No que diz respeito aos estudos brasileiros, Maurício Murad (2013) investigou os números de homicídios ocasionados por confrontos físicos ou armados entre os torcedores

<sup>10</sup> Imagem disponível em: <[http://www.espn.com.br/noticia/706701\\_apos-28-anos-seis-pessoas-sao-formalmente-acusadas-por-tragedia-de-hillsborough](http://www.espn.com.br/noticia/706701_apos-28-anos-seis-pessoas-sao-formalmente-acusadas-por-tragedia-de-hillsborough)> Acesso em: 22 dez. 2017.

<sup>11</sup> Margaret Thatcher foi a primeira-ministra do Reino Unido no período de 1979 a 1990.

<sup>12</sup> Este documento foi supervisionado por Lorde Taylor de Gosforth.

através dos boletins de ocorrência registrados pela polícia militar, entre os anos de 1999 a 2008 (MURAD, 2013, p. 37). Nesse intervalo de tempo, o autor apontou que 42 mortes ocorreram no país durante o período estudado, isto é, uma média de 4,2 mortes por ano. Porém, entre os anos de 2004 e 2008, a média do número de mortes aumentou para 5,6 por ano e, entre 2007 a 2008, a média foi de 7 homicídios por ano, ultrapassando “a Itália e Argentina, que estavam à frente do Brasil no início do período investigado” (IBID, p. 38). Ele salientou que 78% dos óbitos são de torcedores que não possuem qualquer relação com as torcidas organizadas (MURAD, 2013).

Esse autor sublinhou como os problemas sociais – o desemprego, a falta de segurança pública, a impunidade e a corrupção – são fatores que propiciam tanto a violência na sociedade como um todo, denominada de macroviolência, quanto a violência no futebol, nomeada de microviolência. Através dos dados obtidos da pesquisa realizada pelo Núcleo de Sociologia de Futebol da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) em 2009, ele demonstrou que a violência nos estádios de futebol é citada como uma das principais causas para o afastamento do público nas mais diversas arquibancadas cariocas (MURAD, 2013, p. 24). Além disso, essa investigação demonstrou que apenas 5% dos torcedores organizados da cidade do Rio de Janeiro se envolvem em confrontos corporais.

A partir dos dados obtidos por Murad, Heloísa Helena Baldy dos Reis (2010, p. 112) constatou que “São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais lideram o *ranking* de estados brasileiros com maior número de mortes em dias de jogos”. Em vista disso, chama a atenção que os estudos sobre as torcidas organizadas se concentraram nas cidades de São Paulo (TOLEDO, 1996) e do Rio de Janeiro (TEIXEIRA, 1998; MONTEIRO, 2003; MURAD, 2013; HOLLANDA, 2009). Esta pesquisa procura preencher a lacuna no que diz respeito ao estudo com um determinado subgrupo da Torcida Organizada Tatudominado do qual é reconhecido por ser particularmente violento, adquirindo visibilidade entre os demais torcedores organizados, a partir de um caráter territorializado.

### **1.3 DA FORMAÇÃO DAS TORCIDAS BRASILEIRAS À TORCIDA ORGANIZADA TATUDOMINADO.**

Se o *hooliganismo* inglês se tornou um problema público a partir da Copa do Mundo de 1966 – com a propagação dos episódios de violência ocasionados no interior e nos arredores

dos estádios de futebol dos quais os clubes da Inglaterra disputavam os campeonatos – no Brasil, as torcidas organizadas são os principais agrupamentos relatados pela mídia como os responsáveis pela violência no futebol. Nas próximas linhas, o contexto socioeconômico do surgimento das torcidas organizadas brasileiras será melhor explicitado para compreendermos o processo histórico da formação da Torcida Unificada na cidade de Belo Horizonte.

Consta que, entre as décadas de 1930 e 1950, Mário Filho, um jornalista esportivo da capital carioca e grande entusiasta do futebol brasileiro, promovia o Duelo de Torcidas, mais comumente conhecido por Batalha de Confetes, premiando as torcidas que representavam o Clube de Regatas do Flamengo e o Fluminense *Football Club* através dos seguintes critérios: “melhor charanga; maior vibração; torcida que melhor festejar o gol; a torcida que apresentar o maior número de bandeiras; torcida mais numerosa; torcida mais expressiva; mais original torcedora do Flamengo; mais original torcedor do Flamengo; mais original torcedora do Fluminense; mais original torcedor do Fluminense” (HOLLANDA, 2009, p. 107-108). Este período foi denominado de “carnavalização das torcidas”, visto que os torcedores presentes nas arquibancadas passaram a realizar uma festa com confetes e serpentinas para apoiar o clube de futebol (IDEM, 2014, p.113).

Em meados dos anos 1940, as primeiras associações de torcedores nas arquibancadas, tanto cariocas quanto paulistas, surgiram através do “torcedor símbolo” – um chefe de torcida apaixonado pelo clube de futebol – responsável por incentivar a torcida e controlar o comportamento dos demais torcedores. Eles poderiam ser patrocinados pelos clubes e obtinham notoriedade entre os veículos de comunicação (TOLEDO, 1996, p. 27). Dentre eles, destacam-se o Manoel Porfírio da Paz e o Laulo Natel, fundadores da Torcida Uniformizada do São Paulo, em 1940, que representa o São Paulo Futebol Clube, e o Jaime Rodrigues de Carvalho, responsável por instituir a charanga do Clube de Regatas do Flamengo, em 1942 (MURAD, 2012, p. 87). Ambas possuíam como objetivo animar a torcida para apoiar o clube de futebol, perdurando este modelo até o final da década de 1960 (TOLEDO, 1996, p. 22).

Em 1970, a cultura brasileira se consolidou em torno do futebol enquanto uma paixão nacional despertando interesses políticos, econômicos e sociais (TOLEDO, 1996, p. 24). Durante o tempo de vigência da ditadura militar (1964-1985), houve, notadamente nas décadas de 1960 e 1970, além de medidas autoritárias do Estado brasileiro, no sentido de manter o seu poder, a tentativa de manutenção e instigação de um sentimento nacionalista, com a finalidade de fazer com que a população aceitasse e apoiasse a ditadura. A questão da aceitação era importante para os generais e “o futebol teria papel fundamental nisso, principalmente com o

presidente Emilio Garrastazu Médici”<sup>13</sup> (GUTERMAN, 2009, p. 160). Foi nesse contexto que se geraram as condições para o nascimento e a consolidação de uma nova forma coletivizada de torcer: as torcidas organizadas.

Destaca-se que no período ditatorial, foram construídos mais de 30 estádios de futebol e o Estado passou a incentivar a criação de clubes espalhados pelo país, consolidando a realização do primeiro Campeonato Brasileiro de Futebol em 1971, além de utilizar a Seleção Brasileira como símbolo nacional. A existência dos grandes estádios permitia a presença de um número significativo de torcedores nas arquibancadas brasileiras e foi nesse cenário que as torcidas organizadas se consolidaram com a finalidade de “ocuparem um espaço político até então não-reivindicado enquanto torcedores comuns” (TOLEDO, 1996, p. 31). Através dessa transformação social, as torcidas se organizaram em torno de uma identidade juvenil, criando seus próprios símbolos estampados em camisetas e nos mais diversos materiais, confeccionando as carteirinhas, estabelecendo mensalidades para investir nos objetos utilizados nas tribunas e institucionalizando os cargos de presidente, diretoria e conselho, período caracterizado pela “juvenilização das torcidas”, compreendido entre as décadas de 1960 e 1980 (TOLEDO, 2012, p. 115).

Neste sentido, cabe destacar que o surgimento das torcidas organizadas está cronologicamente próximo ao período marcado pela fase mais repressiva da ditadura militar. Esse período teve como marco o decreto do Ato Institucional nº 5 (AI-5), que vigorou de dezembro de 1968 a dezembro de 1978. Não se pretende afirmar que esse movimento de repressão foi responsável pelo surgimento dessa forma de organização torcedora, até porque, o surgimento da primeira torcida organizada ocorreu no dia 06 de dezembro de 1967, com a fundação da Torcida Jovem do Flamengo (Teixeira, 2003), um ano antes do início da vigência do AI-5. No entanto, conhecendo-se a conjuntura política da época, não se pode deixar de relacionar o surgimento das torcidas organizadas a um “contexto mais amplo de valorização das instituições populares, num período em que os direitos políticos e a cidadania estavam cerceados pelo regime militar” (FERREIRA, SOUZA, 2016, p. 75).

Com o fim da Ditadura Militar e a consolidação da democracia no país, almejava-se que os confrontos violentos praticados entre os policiais e os cidadãos pudessem cessar ou diminuir, uma vez que a Constituição Federal de 1988 possibilitou a participação do sistema de justiça<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Emílio Garrastazu Médici foi o presidente no Brasil – durante o período militar – entre 30 de outubro de 1969 e 15 de março de 1974.

<sup>14</sup> Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm) > Acesso em: 25 de set. de 2017.

na garantia de direitos e na resolução dos conflitos baseado em valores democráticos. Porém, no ano de 1988, o primeiro torcedor organizado a ser morto por rivais foi Cléo Sóstenes – presidente da Torcida Organizada Mancha Verde, vinculada à Sociedade Esportiva Palmeiras (HOLLANDA, 2009; 2012; TOLEDO, 1996). Além disso, sete anos mais tarde, emissoras televisivas transmitiram ao vivo a decisão da II Supercopa Juniores entre São Paulo e Palmeiras, onde jovens pertencentes às torcidas organizadas Tricolor Independente (São Paulo) e Mancha Verde (Palmeiras) adentraram no campo de futebol e se muniram de paus, pedras e outros objetos travando um confronto entre eles. Esse episódio ficou conhecido por “batalha campal do Pacaembu” e resultou em 102 pessoas feridas e no falecimento de um jovem (HOLLANDA, 2012; TEIXEIRA, 2001). Naquele momento, a ocorrência do tumulto propiciou a extinção das torcidas organizadas envolvidas no episódio como resposta do poder estatal perante a comoção da sociedade (TEIXEIRA, 2001).

Desde então, alguns estudos foram realizados por pesquisadores que se dedicaram a compreender o surgimento das torcidas brasileiras e suas transformações ao longo dos anos. João Malaia (2014) se concentrou em reconstruir a história do surgimento da palavra torcedor na língua portuguesa a partir das crônicas escritas na Revista Placar<sup>15</sup>. Entre os anos de 1910 e 1920, o público das arquibancadas na capital carioca era composto, em sua grande maioria, pelas mulheres, pois os “chefes de família” – sócios dos clubes de futebol – poderiam ser acompanhados por suas esposas e duas filhas solteiras. Naquela época, as arquibancadas se tornaram um espaço propício para apresentar as filhas aos homens abastados com o objetivo de consolidar o matrimônio. Assim sendo, os lenços utilizados pelas mulheres como adereços das vestimentas passaram a ser um objeto para exprimir as suas aflições diante das incertezas das partidas futebolísticas, uma vez que elas deveriam se comportar diferente dos homens que manifestavam o apoio ao time de futebol através de gritos ou xingamentos. Consta que o público feminino contorcia (verbo contorcer) os lenços dos quais seguravam em suas mãos. O torcer ou o torcedor foi descrito pelos cronistas como uma analogia ao contorcer dos lenços pelas mãos das mulheres.

Em 1996, Luiz Henrique de Toledo – um antropólogo que dedicou seus estudos para compreender o fenômeno da violência no futebol – realizou uma pesquisa de observação participante com a Torcida Tricolor Independente que representa o São Paulo Futebol Clube e a Camisa 12 do Corinthians. O autor demonstrou o processo histórico do surgimento das torcidas organizadas brasileiras e o estilo de vida construído pelos jovens pertencentes a esses

---

<sup>15</sup> Revista brasileira especializada em esportes.

agrupamentos através de “trocas, conflitos e contaminações entre os variados padrões de sociabilidade” na capital paulista (TOLEDO, 1996, p. 42-43).

Após dois anos, Rosana da Câmara Teixeira (1998) – uma pesquisadora renomada em relação aos estudos com as torcidas organizadas – investigou as torcidas jovens de clubes consagrados na cidade do Rio de Janeiro: a Torcida Jovem do Flamengo (TJF), a Torcida Jovem do Botafogo (TJB), a Força Jovem do Vasco (FJV) e a *Young Flu* do Fluminense (YF) através de observação participante e entrevistas com os presidentes ou líderes desses agrupamentos. Ela descreveu as representações e as práticas dos membros das torcidas jovens cariocas, procurando compreender quais os significados que os jovens atribuem tanto ao futebol quanto às suas respectivas torcidas. Além do mais, a autora ressaltou a importância dos conflitos estabelecidos entre eles para a constituição de uma identidade social (TEIXEIRA, 1998).

Um outro estudo etnográfico que merece destaque foi realizado por Rodrigo de Araújo Monteiro (2003). Ele vivenciou o cotidiano dos torcedores organizados integrantes da Raça Rubro-Negra (RRN), uma das maiores torcidas organizadas do Clube de Regatas do Flamengo. O autor afirmou que os confrontos físicos travados entre torcedores organizados e demais agrupamentos juvenis se refere a uma “dessensibilização da sociedade em relação à vida humana e à violência”, intensificado pela perda do “monopólio estatal da força” (MONTEIRO, 2003, p. 111).

Em 2004, Tarcyanie Cajueiro Santos utilizou o conceito conhecido por “tribos urbanas” descrito por Michel Maffesoli (1987) para explicar que a violência entre os torcedores organizados possui uma relação intrínseca com a despolitização dos jovens após os anos 1960. Isto quer dizer que, nas palavras da autora, os *punks*, os *carecas*, os *skinheads* e as torcidas organizadas passaram a construir valores e princípios próprios como forma de se distinguirem da sociedade ou conceberem suas práticas como momentos de lazer, sem qualquer causa social ou política em jogo nessas relações (SANTOS, 2004, p. 17). Por outro lado, nos estudos realizados por José Guilherme Magnani, o autor resalta que o termo “tribos urbanas” evoca “pequenos grupos bem delimitados, com regras e costumes particulares em contraste com o caráter homogêneo e massificado que comumente se atribui ao estilo de vida das grandes cidades” (MAGNANI, 1992, p. 49). Entretanto, o autor afirma que não há qualquer particularismo nos grupos de jovens nas sociedades urbanos-industriais como se fosse uma comunidade homogênea. Por isso, o termo “tribos urbanas” não seria um conceito adequado para denominar as torcidas organizadas.

Por último destaca-se um trabalho realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica exaustiva sobre o futebol no Brasil, além da análise das reportagens no *Jornal dos Sports*<sup>16</sup> e entrevistas com os líderes das torcidas organizadas da capital carioca. Este trabalho intitulado de “O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas do Rio de Janeiro” foi escrito por Bernardo Borges Buarque de Hollanda (2009). O autor destaca que o futebol se transformou em uma cultura de massa pelos brasileiros, fato que provocou a construção de novas normas sociais através das relações estabelecidas entre os dirigentes dos clubes de futebol, a mídia, os torcedores e a tentativa por parte do Estado de controlar o comportamento dos indivíduos fanáticos pelos clubes de futebol.

Isto posto, ressalta-se, mais uma vez, que o foco dessa pesquisa consistiu em reconstituir o processo pelo meio do qual o subgrupo Tatus07 foi estabelecido na capital mineira, reconhecido como amplamente violento nas últimas décadas, sem entrar no mérito de saber se esse reconhecimento é ou não justificado. Previamente, destaca-se que a Tatudominado se constituiu e expandiu durante a década de 1980, período em que data a decadência do regime militar, a consolidação da democracia no Brasil e, por conseguinte, “a eleição direta para governadores dos estados federados (1982), o movimento Diretas-Já (1985), a promulgação da Constituição Cidadã (1988) e a primeira eleição direta para presidente da república (1989)” (RIBEIRO, 2013, p. 199). Assim sendo, os relatos dos fundadores da torcida organizada apontam que só foi possível a consagração da Tatudominado a partir dos contatos políticos estabelecidos por eles, possibilitando obter privilégios a partir dos recursos financeiros destinados para realizar as viagens para acompanhar as partidas de futebol do Clube Esportivo Alterosa e adquirir os materiais das arquibancadas. Por outro lado, além das pessoas que ocupavam os cargos públicos solicitarem votos aos integrantes da torcida organizada e a presença de mão de obra nas campanhas eleitorais, os políticos exigiam que seus nomes fossem estampados nas bandeiras e nas faixas utilizadas nas arquibancadas com o propósito de se tornarem reconhecidos pelas mais diversas torcidas organizadas e pelos telespectadores que assistiam às partidas de futebol transmitidas pelas emissoras televisivas, aspecto que será melhor detalhado no próximo capítulo. Tendo em vista que, em 1999, houve a expulsão dos fundadores da Tatudominado, para efeitos de exposição, a torcida organizada será dividida em dois períodos: o primeiro se refere à Tatudominado enquanto um grupo entre os anos de 1981 à 1999 e o segundo diz respeito à fragmentação da Tatudominado e a consolidação dos Tatus07 a partir dos anos 2000.

---

<sup>16</sup> O primeiro periódico especializado em esportes no Brasil.

**2 DA TATUDOMINADO AOS TATUS07: HIERARQUIAS, SEDE E  
SUBSEDE.**

---

## **2 DA TATUDOMINADO AOS TATUS07: HIERARQUIAS, SEDE E SUBSEDE.**

Neste capítulo, a fim de que possamos compreender o processo de consolidação dos Tatus07 na capital mineira, as narrativas históricas sobre a formação da Torcida Organizada Tatudominado serão explicitadas através dos relatos de seus fundadores. A partir disso, descreveremos o processo de constituição dos Tatus07, além das semelhanças e distinções entre eles e a Tatudominado, no que diz respeito à estrutura hierárquica, à sede e à subsede de cada grupo.

### **2.1 O SURGIMENTO DA TORCIDA ORGANIZADA TATUDOMINADO E SUAS DIVISÕES EM “DOMÍNIOS”.**

Como mencionado, a década de 1970 marcou o início da formação das torcidas organizadas brasileiras, porém, em Belo Horizonte, a Torcida Organizada Lobisomens (TOL), que representa o Futebol Clube Del Rey, e a Torcida Organizada Tatudominado (TOT), que representa o Clube Esportivo Alterosa, surgiram na década de 1980. Em 1981, a Tatudominado foi fundada por Cosmo, Limão, Mauricinho e Chico – quatro jovens, moradores de bairros nobres da capital mineira e estudantes de escolas renomadas da metrópole. Estes jovens possuíam como objetivo representar o Clube Esportivo Alterosa pelas mais diversas arquibancadas brasileiras, apoiando o clube de futebol. Para atrair um número significativo de adeptos pertencentes ao novo modelo de torcida, os fundadores da Tatudominado realizaram uma festa em uma casa noturna, arrecadando recursos financeiros para investir na aquisição de materiais a serem utilizados nas tribunas.

Segundo os fundadores, a primeira festa da torcida organizada foi negociada pessoalmente com a dona de uma determinada casa noturna, localizada na zona sul de Belo Horizonte, sem a cobrança de aluguel do espaço. Em contrapartida, a proprietária obteve lucros com a venda de bebidas (alcoólicas e não alcoólicas) e o dinheiro arrecadado com a venda dos ingressos foi destinado aos precursores da Tatudominado para investir em bandeiras, em camisetas e em uma faixa para estender na arquibancada com a finalidade de dar visibilidade à torcida organizada que surgia. Cabe ressaltar que a festa obteve êxito devido à proximidade de

suas famílias com pessoas influentes, fato que possibilitou a divulgação do evento em um programa jornalístico de uma emissora televisiva de destaque<sup>17</sup>.

Para identificar a torcida organizada como a melhor de Minas Gerais, os fundadores optaram pelo nome de Tatudominado. Inicialmente, a torcida organizada possuía em torno de 20 integrantes, em sua maioria amigos de infância que moravam próximos ou estudavam nos mesmos colégios. Neste momento, não havia o estabelecimento de mensalidades ou carteirinhas de sócio com número de identificação. Para pertencer à Tatudominado era necessário apenas adquirir a camiseta da torcida organizada, comercializada em uma loja no centro da capital mineira.

Como esses jovens adviam de famílias que possuíam influência no cenário político belo-horizontino, eles aproveitaram essa oportunidade para solicitar apoio financeiro às pessoas que ocupavam cargos públicos com o intuito de investir nas viagens realizadas pelo país para acompanharem as partidas do Clube Esportivo Alterosa, adquirindo visibilidade em relação às demais torcidas. Alguns deputados e governadores da época custearam viagens de ônibus em troca de votos e mão de obra que pudesse ser utilizada durante as campanhas eleitorais. Um dos fundadores da Tatudominado ressalta:

[...] aí sempre teve, até nós mesmos, entendeu? Inclusive na época do Hélio Garcia<sup>18</sup>, do Newton Cardoso<sup>19</sup> a gente tinha uma audiência por mês com o governador pra falar besteira, pra não falar nada. A gente chegava no Palácio da Liberdade<sup>20</sup> lá, cheio de deputados lá, a gente chegava: manda meus meninos entrar. A gente ia pra lá pra falar besteira, pra falar bobagem, pra falar de futebol, falar do Clube Esportivo Alterosa (...) e aí a gente trabalhava pra eles na campanha [...]. (Entrevistado 11)

Nos relatos dos fundadores, é possível constatar que os políticos disponibilizavam recursos financeiros à Tatudominado com o propósito de financiar o aluguel de um ônibus para que os jovens acompanhassem as partidas de futebol disputadas pelo Clube Esportivo Alterosa. Na medida em que os jovens torcedores desejavam que a Tatudominado obtivesse visibilidade entre as demais torcidas organizadas consolidadas no Brasil, seus fundadores convidavam torcedores do Clube Esportivo Alterosa disponíveis para viajar, com o intuito de integrá-los à torcida organizada. Formaram-se, assim, as caravanas, viagens em que a primeira regra

---

<sup>17</sup> MGTV, da Rede Globo.

<sup>18</sup> Hélio Garcia foi governador do estado de Minas Gerais no período de 14 de agosto de 1984 à 15 de março de 1987 pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Após o mandato de seu sucessor, Hélio Garcia foi eleito novamente para governador, assumindo o cargo entre 15 de março de 1991 à 01 de janeiro de 1995.

<sup>19</sup> Newton Cardoso foi governador do estado de Minas Gerais no período de 15 de março de 1987 à 15 de março de 1991 pelo PMDB.

<sup>20</sup> Sede do governo do Estado de Minas Gerais.

consistia na proibição da presença de jovens não identificados com a Tatudominado. Isto propiciou a afinidade dos torcedores com a Tatudominado, uma vez que os jovens interpretavam as viagens como momentos de lazer e diversão, consagrando os momentos de socialização.

Pouco a pouco, o número de jovens que pertenciam à torcida organizada foi crescendo e os fundadores optaram por cadastrar os membros através de um número de identificação, confeccionando carteirinhas de sócio e cobrando mensalidades. Este movimento seguiu a lógica das torcidas organizadas da capital paulista (TOLEDO, 1996) e da capital carioca (HOLLANDA, 2012), em um período que ficou marcado pela “juvenilização das torcidas”. A renda das mensalidades foi empregada em outras atividades que não eram financiadas por políticos como, por exemplo, a compra de instrumentos percussivos para instituir a bateria<sup>21</sup> da Tatudominado. A exemplo de uma escola de samba, as torcidas organizadas sempre carregam consigo um conjunto de pessoas com instrumentos percussivos. Para tanto, os fundadores da torcida organizada convidaram um lavador de carros conhecido na zona sul da cidade de Belo Horizonte que tocava instrumentos musicais na bateria do Grêmio Recreativo Escola de Samba Cidade Jardim (GRES Cidade Jardim)<sup>22</sup> para ensaiar cerca de trinta membros da Tatudominado. Tais ensaios aconteciam semanalmente, aos domingos pela manhã, na Praça João Luiz Alves, conhecida por Praça Marília de Dirceu, localizada no bairro Lourdes. Os jovens moradores da zona sul da cidade frequentavam aquele espaço em busca de lazer, diversão, paqueras, assim como para aprender as músicas que seriam entoadas durante as partidas de futebol.

Com a consolidação da bateria e a inserção de um número significativo de jovens na Tatudominado, os fundadores da torcida organizada negociaram com os administradores do Mineirão para ocuparem o espaço localizado atrás do gol, dado que a permanência da torcida organizada no meio da arquibancada impedia a visão do jogo pelos demais torcedores. A partir desse momento, foi inaugurado um novo modo de torcer, caracterizado por jovens que possuíam disposição para cantar e incentivar o clube durante toda a partida de futebol, balançando bandeiras para festejar os lances e na comemoração dos gols. Cabe ressaltar que, naquela época, os fundadores da Tatudominado também participavam de programas de esporte (rádio e televisão), propiciando ainda mais visibilidade ao grupo no cenário belo-horizontino.

[...] nós já nascemos com esse acesso [à imprensa e aos políticos], entendeu? Nós já nascemos com esse acesso tanto aqui quanto em Brasília, entendeu? A gente já nasceu com esse acesso, então, isso facilitou, né? Então, assim, a gente conseguia pano pra bandeira, esses negócios todos. Tinha um projeto direitinho que já tinha advogado pra

<sup>21</sup> Toledo (1996, p. 21) ressalta que a bateria é uma “nomeação oriunda da linguagem do samba”.

<sup>22</sup> O GRES Cidade Jardim foi fundado em 1961 na cidade de Belo Horizonte.

gente. Até os advogados dos próprios políticos que faziam os projetos, era tudo, né, legalizado [...] (Entrevistado 11)

Com os recursos financeiros arrecadados através da venda de camisetas, do pagamento de mensalidades e do apoio político, os fundadores da torcida organizada conseguiram atrair os “olhares” dos demais torcedores em relação à festa realizada na arquibancada para apoiar o clube de futebol. Com isso, a Tatudominado se tornou uma das maiores torcidas organizadas do estado de Minas Gerais, fato que se tornava visível através da quantidade expressiva de membros que se identificavam com o grupo, da visibilidade da bateria no estádio de futebol e da quantidade de materiais utilizados nas tribunas. Notava-se que, devido à vibração contagiante da torcida organizada, muitos torcedores desejavam estar mais próximo desse movimento. Os fundadores afirmam que foram cadastrados em torno de 40 mil jovens no transcorrer da década de 1990.

[...] Então, eu acostumava, quando era mais novo, ir ao Mineirão com ele. Ele me levava em todos os jogos, a gente ficava nos portões 9-12 afastado das torcidas organizadas, mas, assim, meu olho brilhava quando eu olhava aquela energia; assim, eram os anos 90. E aquela energia contagiava, pô; eu já era Clube Esportivo Alterosa, eu nasci Clube Esportivo Alterosa, eu arrepiava quando a galera começava a cantar o hino, as bandeiras tremulando na arquibancada e aquilo tudo me fascinava muito [...] (Entrevistado 7).

Com o aumento expressivo de jovens que se identificavam com a Tatudominado, dois dos fundadores decidiram por abandonar as atividades do grupo, dado que eles optaram por investir nos estudos e na carreira profissional, sem qualquer desentendimento com o grupo. Como consequência, os demais fundadores convidaram outros jovens para comporem a diretoria da torcida organizada, que seria dotada de um presidente, dois vice-presidentes, um diretor de caravana (responsável pelas viagens), um diretor de patrimônio (responsável pelos materiais utilizados nas arquibancadas), um diretor de bateria e um diretor de relações públicas. Vale destacar que a formulação de uma estrutura hierárquica definida para as torcidas organizadas é algo que já se encontrava presentes em outras torcidas brasileiras. O Grêmio Recreativo Cultural e Escola de Samba Gaviões da Fiel Torcida<sup>23</sup> (torcida organizada conhecida por Gaviões da Fiel), em 1996, também possuía uma estrutura hierárquica definida, porém distinta da Tatudominado. De acordo com os estudos realizados por Toledo:

Estas novas formações e agrupamentos de torcedores consolidaram-se definitivamente nos anos 80, tanto em termos de organização burocratizada, quanto em termos de participação e visibilidade no universo do futebol. Entre as maiores Torcidas Organizadas, o modelo de organização formal dos Gaviões da Fiel constituiu-se em um bom exemplo. O organograma dos Gaviões é constituído por um conselho

<sup>23</sup> Torcida Organizada que representa o *Sport Club Corinthians Paulista*.

deliberativo formado por 40 sócios e três diretorias: a Executiva, a Fiscal e a de Carnaval. Segundo um ex-presidente, Luiz Antônio Mazher, 33 anos, empresário do setor gráfico, para ser conselheiro o sócio precisa estar dois anos na torcida. Para ter direito ao voto são necessários três meses e para assumir algum cargo de diretor é preciso que já tenha exercido um mandato de conselheiro (TOLEDO, 1996, p. 33).

Em pouco mais de dez anos de atuação da Tatudominado na cidade de Belo Horizonte, a torcida organizada que, em suas origens, contava com jovens moradores de regiões nobres da capital mineira e estudantes de escolas renomadas, passou a integrar membros de distintos *status* socioeconômicos, diferentes níveis de escolaridade, diversas regiões da cidade, bem como moradores da região metropolitana e do interior do estado de Minas Gerais. Por outro lado, a torcida organizada adversária da Tatudominado, os Lobisomens, também foi incorporando uma diversidade de jovens no interior do grupo, fato que propiciou a competição simbólica dentro das arquibancadas dos estádios de futebol, em uma disputa por ser a torcida organizada portadora da maior quantidade de bandeiras e do número mais expressivo de torcedores cantando e exaltando o clube. Assim sendo, a Tatudominado optou por criar uma mascote que representasse a torcida organizada, conhecida por Tatu.

Nos anos 1990, Limão, vice-presidente da Tatudominado, cursava administração de empresas em uma faculdade particular da capital mineira. Ao conversar com uma professora de *marketing*, percebeu a importância dos símbolos para o reconhecimento de grandes empresas, organizações ou instituições pela sociedade. Na mesma época, viajou com os amigos para Ubatuba, local onde teve contato com vários surfistas e o desenho do tatu em uma roupa de surfe (*surfwear*) o inspirou a criar o Tatu como um símbolo que representasse a torcida organizada. A partir desse momento, as bandeiras e as camisetas da Tatudominado estampavam a mascote da torcida organizada e, em alguns materiais, ela foi ilustrada com gestos obscenos para expor a torcida organizada rival. Já nas camisetas infantis, a mascote foi desenhada simbolizando “paz e amor”.

Em 1996, devido à proximidade e contato com os demais políticos na cidade, Cosmo, então presidente da Tatudominado, optou por abandonar o cargo na torcida organizada para se candidatar a vereador, em busca de consolidar sua carreira no meio político. Limão salienta que a Tatudominado possuía um “projeto de poder”. Para facilitar sua campanha no interior da torcida organizada, os profissionais do *marketing* político ou consultores políticos sugeriram que a Tatudominado fosse dividida em regiões de proximidade de moradia, denominadas de “domínios”. Cada “domínio” possuía um líder responsável por informar aos demais membros da torcida organizada sobre as decisões da Tatudominado. Para exemplificar melhor esta

situação, a Tatudominado foi classificada em primeiro “domínio”, segundo “domínio”, terceiro “domínio” e assim por diante, de acordo com os bairros próximos dos membros cadastrados na torcida organizada. Os diretores indicaram um líder de confiança para realizar reuniões com os jovens dos bairros próximos, com o objetivo de angariar votos para Cosmo e incentivar os membros a realizarem a campanha eleitoral, pois, com um representante da Tatudominado na câmara dos vereadores, a torcida organizada teria maiores facilidades em relação às articulações políticas. Entretanto, o candidato perdeu as eleições e a fragmentação da torcida organizada foi irreversível, visto que os líderes dos “domínios” obtiveram prestígio e reconhecimento social nos seus locais de moradia.

Entre os anos de 1996 e 1999, os “domínios” persistiram enquanto nome e estrutura de grupo na Tatudominado. Este foi o principal motivo para gerar uma disputa interna na torcida organizada, uma vez que todos os símbolos até então criados pela Tatudominado foram se particularizando em alguns “domínios” com mascote, lemas, regras e estruturas distintas. A partir desse momento, para além da competição travada entre a Tatudominado e os Lobisomens, a disputa pelo poder em relação ao “domínio” que se destacaria no interior da torcida organizada passou a ser um foco de tensão. Surgiram, assim, conflitos entre os torcedores organizados pertencentes à própria Tatudominado, fenômeno que perdura até os dias atuais.

[...] Na época que eu entrei não existia o “domínio”. O “domínio” passou a existir depois de 1996, né? E depois que surgiram os “domínios”, realmente, começou a surgir mais desentendimento dentro da própria torcida, né, porque uma região quer ser melhor que a outra. Uma região quer ser mais festeira que a outra, outra quer ser mais brigona que a outra, outra quer ter um lema melhor que a outra e isso faz o que? Divisão. Quem que é o mais prejudicado disso tudo? A própria torcida. Qual que é o foco da torcida Tatudominado? É ser uma torcida que apoia o Clube Esportivo Alterosa nos jogos dentro do Mineirão (...) já teve época que uma certa região não podia cruzar com a outra dentro do estádio que “o pau comia” [brigavam], por que? Porque [há] jogo de interesse, uma quer ser maior que a outra, quem quer ser o mais brigão que o outro, quem sai mais prejudicado com isso é a própria torcida. [...] (Entrevistado 3).

Em 1999, Cosmo já havia abandonado a presidência da torcida organizada para se candidatar a vereador (1996) e Limão assumiu essa função, convocando uma reunião para destituir as divisões territoriais. Porém, os “domínios”, que competiam entre si, foram contrários à unificação da Tatudominado. Diante deste acontecimento, os diretores proibiram o uso do termo “domínio” para amenizar os conflitos internos e dividiram a torcida organizada em: Tatus A, Tatus B, Tatus C, Tatus D, Tatus E, Tatus F, Tatus G, Tatus H e Tatus 07, de acordo com as regionais administrativas da cidade de Belo Horizonte, conforme ilustrado na figura 5.

**Figura 5 – A divisão da Tatudominado por regiões.**



**Mapa Brasil, adaptado pela autora.**

Um dos membros da Tatudominado ressalta que essa divisão representou a criação de “várias Tatudominados”. Com os conflitos existentes no interior da torcida organizada, as articulações políticas e midiáticas até então realizadas pelos fundadores foram enfraquecendo ao longo do tempo. Para além disso, houve um aumento da disputa pelo poder entre os subgrupos, fazendo com que um fato inusitado surpreendesse a primeira diretoria, consolidada desde a fundação da torcida organizada. Ao longo de dezoito anos, não houve qualquer eleição para escolher os diretores da Tatudominado, uma vez que eles repassavam o cargo para os amigos mais próximos. Entretanto, no final do ano de 1999, um grupo de opositores expulsou a primeira diretoria através do uso da força física e ameaças. Toda essa situação mostrava um cenário distinto daquele verificado, por exemplo, nas torcidas jovens cariocas pesquisadas por Teixeira:

Os presidentes são eleitos pelos associados após serem referendados por este Conselho. Para disputar, o candidato deve ser atuante e ter demonstrado “confiança e responsabilidade”. Em geral, é necessário que ele tenha um tempo mínimo de participação e caso eleito, seu mandato varia de dois a quatro anos, podendo haver reeleição. Os eleitores-associados, por sua vez, além de estarem em dia com as mensalidades também devem estar no grupo há algum tempo (TEIXEIRA, 1998, p. 53).

Sendo assim, destacam-se três momentos fundamentais que apontam para a institucionalização dos conflitos no interior da torcida organizada: o primeiro diz respeito à expansão da Tatudominado, ocorrida através do apoio financeiro de pessoas que ocupavam cargos públicos em troca de votos e mão de obra para trabalhar nas campanhas eleitorais; o segundo momento se relaciona com a fragmentação da Tatudominado como estratégia para que o presidente da torcida organizada se tornasse vereador, propiciando a identificação dos jovens com o território; e, por fim, a expulsão dos diretores da Tatudominado através do uso da força física e ameaças, uma vez que não se institucionalizou qualquer eleição no interior do grupo. Através desse breve histórico sobre a consolidação da Torcida Organizada Tatudominado, destacaremos a formação dos Tatus07.

## **2.2 OS PRIMÓRDIOS DA FORMAÇÃO DOS TATUS07.**

A partir da década de 1990, os índices de criminalidade violenta cresceram de maneira acentuada na capital mineira em decorrência da expansão do comércio ilegal de drogas, acompanhado pelo tráfico de armas. Os dados apontam que jovens do sexo masculino, com idade entre 15 a 24 anos, negros ou pardos, com baixo nível de escolaridade e moradores de áreas conhecidas como vilas e favelas são tanto os autores como as vítimas dos homicídios (SILVEIRA, 2008). Desde então, a população dessas regiões passou a conviver diariamente com a presença dos policiais nessas localidades (PAIXÃO, 1983). Por outro lado, esse período marcou, também, a expansão da torcida organizada na capital mineira, o que se deu com apoio financeiro de pessoas que ocupavam cargos públicos (políticos). É neste contexto social que se inicia a formação dos Tatus 07, no ano de 1993, antes mesmo da fragmentação da Tatudominado após a candidatura do presidente da torcida organizada para vereador. Nota-se que “Sé7ima” já era um nome adotado pelos jovens moradores do local que apenas, em 1996, ficaram conhecidos como Tatus07.

Vale ressaltar que o direito ao voto adquirido pelos brasileiros para a escolha de seus representantes propiciou que a Tatudominado se transformasse em “curral eleitoral”<sup>24</sup>, uma vez que candidatos a deputado ou governador destinavam recursos financeiros para a diretoria da torcida organizada em troca de votos e mão de obra para trabalhar nas campanhas eleitorais.

---

<sup>24</sup> A expressão “curral eleitoral” foi empregada para demonstrar que os políticos exerciam bastante influência sobre o grupo.

Por outro lado, a fragmentação da Tatudominado em “domínios” promoveu a consolidação dos Tatus07, um grupo inicialmente composto por sete jovens, moradores de sete bairros distintos, localizados na regional noroeste da capital mineira e estudantes de escolas públicas. Em 1996, eles exigiram da Tatudominado a nomeação Tatus07 como forma de identificação do grupo, a fim de associarem-se ao número “sete”, em uma referência à quantidade de jovens e bairros vinculados à formação do grupo. Logo, eles instituíram o lema “juntos somos mais” com o propósito de dominar o território, construindo seus próprios valores e símbolos e adquirindo visibilidade no interior da torcida organizada.

Em meados de 1996, com a fragmentação da Tatudominado, os sete jovens se mobilizaram afixando cartazes nas escolas públicas e convocando jovens para se alistarem ao subgrupo. Consta que 50 jovens se alistaram ao subgrupo e criaram o símbolo 7 em meio a um soco-ínglês, objeto utilizado para as lutas corporais, conforme ilustrado na figura 6. Essa marca é distinta dos demais símbolos constituídos pela Tatudominado. Os Tatus07 integravam membros em sua maioria do sexo masculino, com baixo *status* socioeconômico e que, em relação aos estudos, caracterizavam-se por nem todos estarem matriculados ou frequentando escolas. Para além disso, se identificavam por serem moradores das “quebradas”. Em uma das pesquisas realizadas por Pereira (2005, p. 58), o autor ressaltou que a categoria nativa “quebrada”, utilizada pelos jovens, “evoca uma identificação com o espaço da periferia, ou com a representação que estes jovens constroem desse espaço, constituindo ‘laços de sociabilidade’ duradouros”.

**Figura 6 – Símbolo criado pelos Tatus07.**



**Registro da autora em um boné vendido pelos Tatus07.**

Para normatizar os confrontos físicos entre agrupamentos rivais, os Tatus07 impuseram o que eles próprios chamam de “ideologia”. “Ideologia” é o nome empregado pelos membros dos Tatus07 para designar o conjunto de regras e princípios construídos pelos membros do

subgrupo com o objetivo de unificar os jovens da região. Para eles, não havia qualquer problema se o jovem morador da “Sé7ima” torcia para Clube Esportivo Alterosa ou para seu principal rival. Porém, era inconcebível que esse habitante pertencesse à Torcida Organizada Lobisomens, pois eles desejavam dominar o território, expulsando os inimigos da região. Diante disso, eles inauguraram a “Operação Caça-Lobisomens”, denominado de “OCL”, circulando pela região para “caçar os lobisomens”, ou seja, impedir que os jovens moradores da “Sé7ima” se vinculassem à torcida organizada adversária, um princípio que possibilitou adquirir notoriedade e visibilidade no interior da torcida organizada.

No final dos anos 1990, o líder dos Tatus07 e, na mesma época, diretor de relações públicas da Tatudominado – conhecido por Funil – era um jovem de aproximadamente 20 anos, branco e morador da “Sé7ima”. Ele confeccionou uma faixa para usar no braço sobre a manga da camisa, denominada “braçadeira de capitão”. A faixa continha “Sé7ima”, escrita como um atributo para se destacarem dos demais subgrupos institucionalizados pela Tatudominado. Funil relata que “o que a gente começou a fazer, depois que a gente uniu, a gente acabou com a rivalidade entre os bairros e isso já foi um fenômeno”. Para além da unificação dos grupos da “Sé7ima” e da instituição da “OCL”, ele determinou a formação da “excelência do corpo”, um dispositivo que exigia a frequência dos alistados nas escolas públicas e a inserção no mercado de trabalho, seja formal ou informal. O líder dos Tatus07 relata que “se a gente falou em ‘excelência do corpo’, eu não posso pensar em manter parasitas, eu tenho que pensar em gente que vai agregar”. Aos poucos, eles foram adotando comportamentos baseado em coragem, ousadia e disposição para atacar os inimigos, mesmo que, para isso, utilizassem da força física. Em 2015, os Tatus07 comemoraram 22 anos de atuação na “Sé7ima”, assim como o pertencimento à torcida organizada. Em festa intitulada “o registro da memória”, os jovens celebraram sua condição de pertencimento ao subgrupo que possui maior visibilidade em relação à disposição para impedir a circulação dos rivais na região.

Destaca-se assim, que os Tatus07 atuavam na tentativa de dominar o território e ao mesmo tempo cobravam que os membros deveriam seguir duas exigências para fazerem parte do subgrupo: pertencer ao “Pelotão Caça-Lobisomens” e cumprir com a “excelência do corpo”. Aos poucos, os membros foram se organizando para se estruturarem hierarquicamente, seguindo o mesmo formato da Tatudominado. No entanto, o jovem que se destacava dos demais podia ser convidado a assumir um cargo de diretor, que constituía um atributo de prestígio entre os membros do subgrupo.

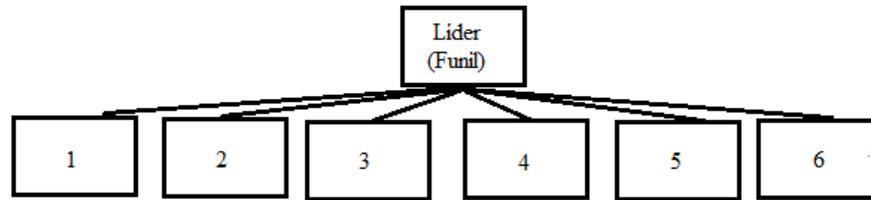
## 2.3 ESTRUTURAS HIERÁRQUICAS

Como explicitado anteriormente, no início da formação da Tatudominado, apenas quatro jovens administravam as atividades da torcida organizada. Com isso, as demandas eram acolhidas de acordo com a disponibilidade de cada fundador, isto é, não havia qualquer divisão de trabalho específico durante o processo de consolidação da Tatudominado na capital mineira. Porém, Cosmo se destacava dos demais fundadores, visto que possuía uma relação próxima com pessoas que ocupavam cargos públicos e, além disso, sua habilidade em persuadir os políticos – no que diz respeito aos recursos destinados à torcida organizada – foi de fundamental importância para legitimar um acordo com o propósito de investir nos materiais e nas caravanas, conhecidas como atividades de maior prestígio entre as torcidas organizadas. Como menciona um dos entrevistados:

[...] eu sou contra como é tratada a organizada hoje, mas isso eu acho que começou sabe como? O negócio é o seguinte: a torcida estava muito grande e virou política. E o Cosmo que era o presidente, ele era muito politizado e tinha muita influência política, entendeu? Como os políticos falam, a mosca azul, eu acho que ficou... ele quis ser candidato a vereador, entendeu? Alguém pôs na cabeça: não, olha o tamanho da torcida, olha o tamanho daquilo. Tudo bem, para torcida ia ser até bom, a gente tinha um plano de poder, é isso [...] (Entrevistado 11)

Limão, Mauricinho e Chico, por sua vez, desempenhavam as mais diversas atividades para manter a torcida organizada presente nas arquibancadas brasileiras durante as partidas futebolísticas disputadas pelo Clube Esportivo Alterosa. Apenas com o abandono das atividades por Mauricinho e Chico, nos anos 1990, é que a estrutura da Tatudominado se tornou mais burocratizada com a presença de um presidente, dois vice-presidentes, um diretor de caravana, um diretor de patrimônio, um diretor de bateria, um diretor financeiro e um diretor de relações públicas. Em relação aos Tatus07, no período de 1993 a 2002, Funil ocupava a posição de líder e contava com a presença de mais seis membros moradores da região. Estes jovens atuavam de maneira próxima e conjunta, sem uma divisão de tarefas específicas, conforme ilustrado na figura 7.

**Figura 7 – Primeira estrutura hierárquica dos Tatus07.**

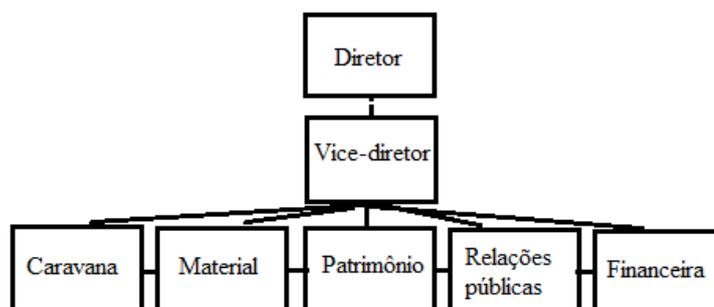


Elaboração da autora.

Com a inserção de um número expressivo de jovens e a decisão de Funil por cursar Geografia em uma faculdade particular da capital mineira, a liderança foi sendo repassada, sucessivamente, para Azulzinho, Boca, Faca e Dedé, homens fortes fisicamente, autoritários, pardos e moradores da “quebrada”. Nos dias atuais, um jovem de 25 anos, chamado Brêtas, negro e com o Ensino Médio completo assumiu o comando dos Tatus07 e, desde 2013, instituiu o conselho do subgrupo com a finalidade de dividir as atividades entre os membros dos Tatus07.

Destaca-se que os integrantes do subgrupo mantiveram os valores e os simbolismos constituídos por Funil no final da década de 1990, primordialmente, a “Operação Caça-Lobisomens” – composta por jovens com disposição para confrontar fisicamente com seus rivais –, e a “excelência do corpo” – uma exigência imposta aos jovens da região para que eles se inserissem no mercado de trabalho formal ou informal, ou se matriculassem nas escolas públicas da região. Entretanto, com o passar dos anos, os Tatus07 instituíram uma hierarquia mais estruturada através de cargos como diretor, vice-diretor, diretoria de caravana, diretoria de material, diretoria de patrimônio, diretoria de relações públicas e diretoria financeira, semelhante à estrutura hierárquica da Tatudominado. A figura 8 representa a atual organização dos Tatus07.

**Figura 8 – Atual estrutura hierárquica dos Tatus07.**

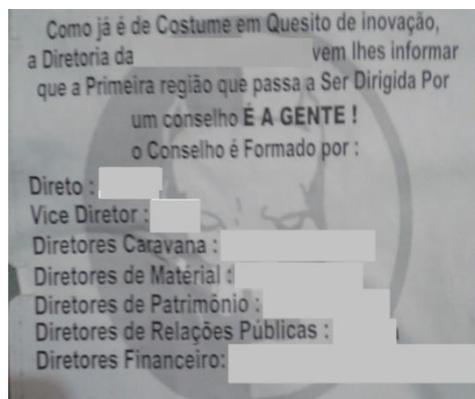


Elaboração da autora.

Vale ressaltar que o diretor dos Tatus07 é considerado um exemplo a ser seguido pelos demais integrantes do subgrupo, uma vez que ele possui coragem, força física, um corpo esteticamente vigoroso e disposição para lutar fisicamente contra os rivais. Além disso, cabe a ele conduzir os membros de maneira impositiva, exigindo dos integrantes a participação em encontros, reuniões, festas, arquibancadas, treinamentos e ações beneficentes realizadas pelo subgrupo. Pode-se dizer que o diretor representa o ideal de homem bem-sucedido, pois é proprietário de um estabelecimento comercial, casado com uma mulher admirada pelos demais e possui um filho, sendo, portanto, dotado de diversos atributos de virilidade<sup>25</sup>. É visto, assim, como um “cara de respeito”, o que revela o quanto o líder é estimado pelo restante do grupo, comprovando os laços de lealdade e cumplicidade estabelecidos entre os integrantes e o diretor. Por outro lado, quando essa relação se revela enfraquecida, utiliza-se o termo “vacilão” para caracterizar aquele jovem que não possui o comportamento esperado pelos membros do subgrupo.

Para instituir a atual estrutura hierárquica, o diretor convidou alguns integrantes renomados para assumir determinadas responsabilidades e formar o conselho. Mais uma vez, nota-se que a imposição do líder para escolher os representantes dos Tatus07 prevalece sobre uma possível eleição no interior do próprio subgrupo. Destaca-se que os jovens convidados a assumir os cargos de diretoria podem escolher por aceitar ou não essa solicitação, além de possuírem a liberdade de abandoná-los quando acharem necessário. Os diretores dos Tatus07 possuem como objetivos a aquisição de autonomia e independência em relação à Tatudominado e a busca por visibilidade no interior da torcida organizada.

**Figura 9 – Informe dos Tatus07 afixado no quadro de avisos da subsede.**



**Registro da autora na subsede dos Tatus07.**

<sup>25</sup> Ter uma companheira e um filho simboliza virilidade para um homem bem sucedido, dado que a mulher lhe propicia a condição de macho e o filho de fertilidade.

Apesar disso, os jovens que ocupam os cargos de diretor e vice-diretor possuem um vínculo direto com a diretoria da Tatudominado. Em decorrência, eles estão presentes nas reuniões que antecedem as partidas futebolísticas, buscando informações sobre os ingressos, sobre as festas ou sobre o policiamento nos dias de jogos de futebol. As informações dadas pela Tatudominado e adquiridas pelo conselho dos Tatus07 são repassadas aos demais integrantes do subgrupo. A venda de ingressos e as festas são divulgadas pelas redes sociais. Porém, as estratégias de circulação pela cidade, concebidas pela segurança pública nos dias destinados aos clássicos de futebol, são repassadas nas reuniões dos Tatus07, pois, em determinadas circunstâncias, o sigilo é fundamental para que eles não se coloquem em situação de risco perante seus rivais.

O diretor de caravana, por sua vez, se responsabiliza pelas viagens realizadas pelo estado de Minas Gerais e pelas mais diversas cidades brasileiras para acompanhar o Clube Esportivo Alterosa. Como o subgrupo possui uma quantidade expressiva de integrantes, muitas vezes, eles escolhem alugar um ônibus, integrando somente os membros dos Tatus07. O diretor de caravana faz a cotação do aluguel de ônibus e motorista nas empresas, repassando o valor estipulado aos demais jovens. O diretor e o vice-diretor impõem a presença dos jovens nas caravanas, uma vez que é necessário dar destaque à “Sé7ima”. Isto quer dizer que os jovens da região devem ter a “disposição” de viajar pelas cidades brasileiras com o propósito de levar objetos com os simbolismos dos Tatus07 para serem reconhecidos por outras torcidas organizadas. Cada integrante deve pagar a sua própria viagem, porém quando o jovem não possui condições financeiras, os Tatus07 assumem o compromisso de arcar com as despesas para beneficiar aquele que possui “disposição” para confrontar com os rivais. O dinheiro da venda de materiais é destinado para investir na presença desse jovem nas arquibancadas, desde que ele se responsabilize pelas bandeiras ou faixas com os símbolos e lemas dos Tatus07 para tornar o subgrupo cada vez mais reconhecido.

Cabe ao diretor de material realizar o orçamento de camisetas, chaveiros, canecas, bonés e adesivos com os simbolismos e lemas dos Tatus07, solicitar a fabricação dos materiais e vendê-los aos integrantes do subgrupo, a fim de arrecadar recursos financeiros para investirem em suas próprias bandeiras, na subsede, bem como para arcarem com as despesas de viagens e ingressos àqueles jovens que não possuem condições financeiras. Os demais integrantes devem adquirir esses materiais, visto que sem os recursos financeiros não é possível realizar as atividades do subgrupo<sup>26</sup>. Em relação às bandeiras e faixas confeccionadas com os simbolismos

---

<sup>26</sup> As atividades do subgrupo serão detalhadas no capítulo 3.

dos Tatus07, o diretor de patrimônio assume o compromisso de comprar o pano, contatar o pintor e realizar a vigilância dos patrimônios, mantendo-as em locais secretos, uma vez que são dois dos materiais mais almejados pelos rivais. Por outro lado, o diretor de relações públicas é quem estabelece contatos com os demais integrantes de torcidas organizadas espalhadas pelo país, com a finalidade de promover encontros e tecer laços de amizade com torcedores organizados que representam outros clubes de futebol, primordialmente, nos dias das partidas disputadas pelo Clube Esportivo Alterosa em outras cidades. Por fim, o diretor financeiro administra o dinheiro arrecadado com a venda dos materiais e das viagens, investindo nos patrimônios (materiais dos Tatus07) e na subsede.

Assim sendo, pode-se notar que a estrutura hierárquica constituída pelos Tatus07 é semelhante à Tatudominado, com exceção do cargo de presidência e vice-presidência, responsáveis por articular a atuação da torcida organizada nas arquibancadas, elaborar estratégias com a polícia militar e distribuir os ingressos das partidas. Os Tatus07 possuem uma atuação limitada no território, beneficiando os moradores da região e exigindo dos membros a internalização da “Operação Caça-Lobisomens” e da “excelência do corpo”.

## **2.4 AS SEDES DA TATUDOMINADO E A SUBSEDE DOS TATUS07.**

Nos primórdios da formação da Tatudominado, não havia qualquer estrutura física para cadastrar os integrantes da torcida organizada. Com o processo de expansão do grupo e a participação de um número expressivo de jovens nas arquibancadas para apoiar o Clube Esportivo Alterosa, os fundadores alugaram uma sala em um edifício localizado no centro da capital mineira. Nessa sala, os diretores da Tatudominado realizavam reuniões e recebiam jovens interessados em se associarem à torcida organizada, o que só poderia ocorrer mediante a apresentação dos seguintes documentos: carteira de identidade, comprovante de endereço e duas fotos 3x4, utilizada para confeccionar a carteirinha de identificação. Além disso, os associados se comprometiam a pagar as mensalidades instituídas pela Tatudominado. Naquele momento, a estrutura hierárquica da torcida organizada já estava consolidada e a sala se tornou um espaço propício para administrar as atividades do grupo. De acordo com os integrantes:

[...] Não, não existia [a sede da Tatudominado]. Isso passou a existir depois de 1995. A torcida cresceu muito, né, então ficou... ficou muito difícil manter o controle de tudo ali dentro de uma só sede, né? Dentro da sede principal que era no caso, a gente tinha uma salinha que era no centro, né? E o volume de gente que ia lá era muito grande, né? [...] (Entrevistado 3).

[...] A explosão da torcida cresceu, tipo assim, em um mês, três mil sócios, dois mil sócios por mês. Que veio para cá, para essa sede do centro. Aí foi crescendo. O Clube Esportivo Alterosa estava sempre entre os três, quatro do brasileirão. Nunca ganhou nada, mas estava. E foi a época que a galera ficou conhecida, todo mundo matava aula junto, todo mundo viajava junto. Tinha os caras mais velhos, tinha os caras mais novos que era eu com uma galera de nego mais novo tipo 12, 13 anos que gostava [...] (Entrevistado 5).

Consta que a sala era mantida através de recursos financeiros destinados por pessoas que ocupavam cargos públicos. Após quase dois anos de administração da torcida organizada naquela localidade, os diretores decidiram mudar para outro espaço que oferecia mais conforto aos torcedores organizados, também situado no centro de Belo Horizonte, permanecendo, assim, como um local de fácil acesso aos jovens moradores das mais diversas regiões da cidade e da região metropolitana. Além da sala administrativa, havia uma sala de reuniões e um consultório com dois dentistas que atendiam, gratuitamente, os integrantes da Tatudominado que mantinham em dia suas mensalidades. Naquele mesmo período, os diretores da Tatudominado firmaram alguns convênios com creches da capital mineira para garantir vagas aos filhos dos integrantes da torcida organizada. Vale destacar que o consultório odontológico e a creche eram contrapartidas da torcida organizada em relação aos recursos financeiros repassados pelas pessoas que ocupavam cargos públicos. No entanto, como um dos fundadores ressalta, “não era todo mundo que conseguia, não era só você fazer um projeto e apresentar, você tinha que ter política, você tinha que ter um suporte político”. A Tatudominado se estabeleceu nesse espaço durante oito anos.

[...] Porque nessa época também, sei lá, tem época que a Tatudominado tinha dinheiro porque político bancava muito torcida, né? A época do Limão e do Cosmo, eles tinham muitos contatos políticos com empresários, ainda mais que a torcida não era tão marginalizada. Então, muita gente bancava a torcida mesmo, empresário bancava [...] (Entrevista 10)

Com uma quantidade significativa de jovens se associando à torcida organizada, no ano de 1997, os fundadores optaram por alugar um espaço com área de lazer para realizar churrascos, campeonatos de truco e encontros festivos, sala de reunião para as decisões da diretoria da torcida organizada e uma loja, localizada em um bairro com fácil acesso aos estádios de futebol. Entretanto, como foi visto, a primeira diretoria da Tatudominado foi expulsa da torcida organizada através do uso da força física e ameaças, em 1999, pois um grupo de opositores não concordava com as decisões dos diretores daquela época. Assim sendo, para obter prestígio em relação às demais torcidas organizadas espalhadas pelo país, os novos diretores inauguraram uma sala de musculação e de artes marciais para institucionalizar os treinamentos dos integrantes. Tanto do lado externo quanto no interior do estabelecimento,

diversas representações foram ilustradas pelas paredes com o símbolo do Tatu sinalizando “paz e amor” e outros com o corpo musculoso. No mesmo local, também foram observadas representações sobre a evolução dos escudos do Clube Esportivo Alterosa e ilustrações das taças conquistadas nos campeonatos mineiros, brasileiros e internacionais. Além disso, foi possível observar que os muros de casas e prédios, localizados próximos à sede, foram “pixados” com as assinaturas dos integrantes da torcida organizada, como forma de demonstrar aos demais que aquele espaço pertence à Tatudominado, conforme demonstrado na figura 10<sup>27</sup>.

**Figura 10 – Muro de um prédio “pixado” pelos integrantes da Tatudominado.**



**Registro da autora na sede da Tatudominado.**

Por outro lado, as “pixações” de membros pertencentes às torcidas organizadas rivais são riscadas, uma vez que os integrantes da Tatudominado se sentem indignados com esta atitude. Riscar o nome é uma forma de transmitir que aquele pedaço da cidade pertence à Tatudominado, de acordo com a ilustração da figura 11. Com a fragmentação da torcida organizada, a sede foi construída como um local de encontro e de tomada de decisões, porém, muitas vezes, os Tatus07 preferem tecer as suas próprias estratégias de circulação pela cidade, visto que eles atuam de maneira autônoma e independente da torcida organizada.

<sup>27</sup> Conforme mencionado no capítulo 1, após realizar 11 entrevistas em profundidade com os fundadores e ex-diretores da Tatudominado, um jovem expôs uma foto minha nas redes sociais, escrevendo que eu era uma policial infiltrada na torcida organizada. Sendo assim, optei por finalizar a pesquisa, dado que passei a sentir insegurança no campo. Portanto, não foi possível entrevistar os membros da diretoria que tomaram o poder através de confrontos corporais e ameaças. Nesse sentido, a organização da sede dos anos 2000, as funções dos integrantes, assim como o apoio para a atuação dos Tatus07 através das narrativas históricas foram suprimidas, destacando a configuração da sede nos dias atuais.

**Figura 11 – “Pixo” de um integrante da torcida organizada rival cortado por um dos membros da Tatudominado.**



**Registro da autora na sede da Tatudominado.**

Com a consolidação dos Tatus07, a subsede passou a ser almejada como um espaço de visibilidade entre os torcedores organizados das mais diversas regiões da capital mineira. Através da estrutura hierárquica e da divisão das tarefas para administrar de maneira adequada as distintas atividades do subgrupo, eles alugaram um espaço localizado à noroeste da capital mineira, isto é, no local em que seus integrantes residem: a “Sé7ima”. Até o presente momento, esse espaço está situado no segundo pavimento de uma casa comercial, acima de uma loja destinada à assistência técnica de aparelhos celulares, em uma avenida movimentada da região. Para adentrar no recinto, é necessário que os membros mais reconhecidos pelo subgrupo estejam presentes no local, uma vez que eles são os responsáveis por permitir a entrada dos demais integrantes no interior da subsede. O impedimento do livre acesso de pessoas é uma estratégia para se protegerem, caso algum rival queira se adentrar no espaço e causar danos materiais ou físicos. Por isso, eles colocaram uma grade que fica trancada com um cadeado para separar a rua da subsede. Após perpassar esse caminho com o conhecimento dos Tatus07, há uma escada que conecta a entrada ao segundo pavimento, ou seja, à subsede.

Neste espaço, os mais diversos símbolos do clube de futebol, da Torcida Organizada Tatudominado, dos Tatus07 e o lema “juntos somos mais” estão inscritos nas paredes do ambiente. A subsede conta com a infraestrutura de dois lavabos, sendo que um deles é destinado aos homens e o outro às mulheres; uma sala pequena de reunião equipada com computador, onde apenas é permitida a entrada dos diretores; e um balcão com os materiais fabricados com os simbolismos do subgrupo (chaveiros, canecas, bonés, camisetas, meias) e destinados à venda para a arrecadação de recursos financeiros. Além disso, há uma varanda onde estão dependuradas as bandeiras com os símbolos dos Tatus07, as quais são utilizadas nos estádios de futebol com o intuito de demonstrar que o subgrupo possui destaque no interior da

Tatudominado. Por último, há também uma sala grande onde se encontram os tatames e as luvas utilizadas para os treinos de jiu-jitsu, *muay-thai* e boxe, além de saco de pancadas dependurados no teto do estabelecimento. Mais uma vez, nota-se a independência dos Tatus07 em relação à Tatudominado, realizando as suas atividades com autonomia, constituindo, inclusive, uma subsede na “Sé7ima” para as reuniões, os treinamentos e as tomadas de decisões. Assim, percebe-se o quanto os jovens pertencentes aos Tatus07 se apropriam do espaço urbano, passando a inaugurar uma subsede própria e, primordialmente, constituindo valores distintos da torcida organizada. Com isso, é possível notar que a subsede possui algumas características da sede, porém, o espaço construído pelos Tatus07 se mantém com as portas cerradas para evitar qualquer ataque dos rivais. Além do mais, a subsede é menor e mais simples se comparado com a sede. Mesmo assim, um subgrupo que possui um espaço para realizar as reuniões e treinamentos possui destaque no interior das torcidas organizadas.

[...] E o que acontece? A gente ia fazer outra torcida, só que para fazer outra torcida é mó burocracia, tem que ter CNPJ, esses lero lero todo. Aí, nós fomos e nos filiamos à outra torcida organizada, porque o presidente da outra torcida organizada morava a uma rua da nossa subsede. Aí, nós todos viramos outra torcida organizada. Ficamos mais ou menos um ano [...] (Entrevistado 4)

No relato acima nota-se que nem sempre os Tatus07 se caracterizam como um subgrupo da Tatudominado, uma vez que diante dos conflitos e tensões no interior da torcida organizada, eles se separam da Tatudominado e se aliam a outra torcida organizada em que o presidente do grupo reside no mesmo território dos Tatus07. Nos momentos em que os Tatus07 se distanciam da torcida organizada, a Tatudominado se enfraquece devido à perda de uma quantidade expressiva de integrantes treinados para “caçar os Lobisomens”. Além do mais, eles frequentam outros espaços da arquibancada, sem qualquer aproximação com a torcida organizada. Os jovens afirmam que a existência do subgrupo está relacionada aos ideais e a história da “Sé7ima”.

[...] Mas a Sé7ima, por exemplo, a galera nossa era pobre, então entrava eu, o Fulano e, às vezes, o Beltrano e a gente ia puxar os meninos da geral para conseguir ir para a arquibancada. E aí, num instantinho, apelidaram a gente de sétima quebrada, só que aquilo para nós era tipo um orgulho, entendeu? O que era a Tatudominado para os meninos e aquelas pessoas zoarem a gente, era motivo que acabou fortalecendo a gente [...] (Entrevistado 14).

A identificação com a “Sé7ima” ou com o território se relaciona com a apropriação do espaço urbano como, por exemplo, “ser da quebrada” é um motivo de orgulho, uma vez que

eles passaram a construir uma identidade calcada na dominação do território para impedir o surgimento de jovens pertencentes à torcida organizada adversária. A partir dessa breve descrição histórica do surgimento da Tatudominado e dos Tatus07, da consolidação de suas estruturas hierárquicas, da sede e da subsede, apresentaremos, no próximo capítulo, as atividades realizadas por eles na “Sé7ima”.

### **3 AS ATIVIDADES REALIZADAS PELOS TATUS07.**

---

### 3 AS ATIVIDADES REALIZADAS PELOS TATUS07.

A partir da formação dos Tatus07 na “Sé7ima”, os jovens foram se inserindo no subgrupo ao longo do tempo e internalizando as regras instituídas através da “excelência do corpo” (jovens matriculados nas escolas e inseridos no mercado de trabalho) e da “Operação Caça-Lobisomens” (jovens que possuíam “disposição” para caçar os Lobisomens através de lutas físicas). Neste capítulo, a inserção de um jovem no subgrupo e a sua participação nas mais diversas atividades realizadas pelos Tatus07 como, por exemplo, as ações beneficentes, as reuniões e as festas serão descritas, procurando demonstrar as relações estabelecidas entre eles e a atuação na “Sé7ima”.

#### 3.1 RITUAL DE BATISMO

Considerando que o futebol constituiu uma identidade nacional a partir dos anos 1970 (Toledo, 1996), o pertencimento clubístico<sup>28</sup> dos torcedores, expressado através do apoio ao clube nas arquibancadas, passou a fazer parte do cotidiano dos cidadãos brasileiros. Os pais ou familiares mais próximos levavam as crianças para frequentar os estádios de futebol, acompanhando as partidas, as conquistas de títulos e construindo uma afinidade com o público torcedor. Pelas mais diversas arquibancadas brasileiras observam-se a presença de bebês e crianças acompanhados pelos responsáveis como uma forma de transmitir uma herança em relação à escolha do clube de futebol. Vale ressaltar que as crianças do sexo feminino são mais poupadas dessa herança, haja vista que o futebol passou a ser concebido como um espaço predominantemente masculino a partir dos anos 1920 (Malaia, 2014). Os jovens pertencentes aos Tatus07 também destacam a influência do contexto familiar pela escolha de apoiar o Clube Esportivo Alterosa.

[...] O que acontece... Isso aí, acho que vem de cada um, né? Meu pai sempre frequentou o estádio e sempre me levava pequeno com ele, mas ele nunca frequentou torcida organizada, nunca gostou. Mas, a partir do momento que ele me levava, né? Aí começou a crescer o sentimento em mim, naquilo... bacana aquilo ali... bandeira, os gritos, os cantos, né, tipo, é diferente. Então, você com 11, 12, 13 anos, você está

---

<sup>28</sup> Para pertencimento clubístico, ver: DAMO, Arlei Sander. Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. 1998. 247 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

em formação... a sua cabeça, sua personalidade, caráter. E pra mim, naquela época, era lindo, maravilhoso, bacana... Aí, conforme o tempo foi passando, né... 12, 13, 14, aí eu acho que com 15 anos eu já comecei a ter aquele sentimento, né? Comprar camisa, juntar dinheiro, comprar camisa da torcida... Não saía ainda junto, mas já tinha camisa. Comprava, né? Aí, com 16 anos já fui para um jogo sozinho... Aí, já ficava lá no meio. Aí, o pessoal já olhava. Esse rapaz sozinho aí, pequeno... assim foi... [...] (Entrevistado 2).

O relato desse jovem pertencente aos Tatus07 demonstra a influência do seu pai em relação à escolha do clube de futebol e sobre a forma como se deu o seu “encantamento” pela torcida organizada. Geralmente, no início da fase da juventude, os jovens passam a se distanciar da família e a formar grupos, como forma de constituírem identidades. Nos primórdios da Tatudominado, o jovem se inseria na torcida organizada com o objetivo de apoiar o clube de futebol, adquirindo a camiseta da Tatudominado e frequentando os estádios, geralmente na companhia de amigos de infância. Com a expansão da torcida organizada através dos recursos financeiros destinados por pessoas que ocupavam cargos públicos, a inserção de um membro no grupo passou a se dar de maneira burocratizada. Os fundadores instituíram o pagamento de mensalidades, a confecção de carteirinha de sócio com o número e foto de identificação, além de solicitarem a fotocópia da carteira de identidade e do comprovante de endereço, conforme relatado no capítulo 2. Naquele momento, os diretores da Tatudominado administravam a torcida organizada na sala localizada no centro da capital mineira e atendiam os jovens que desejavam se associar ao grupo. Através da realização de parcerias com os estabelecimentos comerciais, as camisetas passaram a ser vendidas em uma loja localizada no BH Shopping – primeiro *shopping center* inaugurado em Belo Horizonte, no ano de 1979 – e na área central da cidade.

Com a expansão da Tatudominado, a partir da década de 1990, os relatos apontam que, para se inserir no grupo, os jovens passavam por um ritual conhecido por “batismo” ou “calourada” em sua primeira viagem – caravana<sup>29</sup> – para acompanhar o clube de futebol. Os membros mais antigos da torcida organizada elaboravam perguntas sobre o Clube Esportivo Alterosa como, por exemplo, o ano de sua fundação, a quantidade de títulos conquistados pelo clube ou resultados das partidas que marcaram o time na conquista de campeonatos. Caso o jovem não respondesse adequadamente, ele deveria passar por duas fileiras formadas pelos membros levando socos e pontapés, chamada de “corredor da morte”. O “batismo” ou a “calourada” é um ritual admirado pelos novos integrantes ou “calouros”, uma vez que é através dele que os jovens obtêm legitimidade de pertencer à torcida organizada.

---

<sup>29</sup> As caravanas são caracterizadas por um grupo de torcedores que se juntam para viajar acompanhando o clube de futebol.

Entretanto, com a fragmentação da Tatu07 em “domínios” e, posteriormente, com a consagração dos Tatus07 no interior da torcida organizada, adquirindo visibilidade entre os demais membros através da “excelência do corpo” e da “Operação Caça-Lobisomens”, o ritual de “batismo” passou a ser concebido de maneira diferenciada pelos Tatus07. Além do “corredor da morte”, o “calouro” é trancado no banheiro ou no bagageiro do ônibus durante o percurso da sua primeira viagem com o subgrupo. O ritual marca a inserção do jovem nos Tatus07 através de sua resistência física e da tolerância à dor, atributos de masculinidade<sup>30</sup> tão almejados entre os membros do subgrupo. Cabe destacar que a procedência – origem territorial do jovem – e a “disposição” para participar das atividades propostas pelo subgrupo com coragem, ousadia e força física para “caçar os Lobisomens” são consideradas características primordiais para a inserção de um novo membro e a sua permanência no interior do subgrupo. Um jovem considerado fraco não sobrevive como membro dos Tatus07 ao longo do tempo. Como o “batismo” é concebido enquanto atributo de masculinidade, o “calouro” se sente honrado ao participar do ritual e, por conseguinte, ele transmite aos novos integrantes o mesmo processo vivenciado por ele. De acordo com relatos dos membros dos Tatus07:

[...] Nesse dia rolou. Colocou gente no bagageiro, prendeu gente por mais de duas horas dentro do banheiro, mais de duas pessoas dentro do banheiro; colocou para brigar no corredor, só de tapa, entendeu? Mais castigo, assim, sabe? Essas coisas assim, sabe? Perguntando idade da torcida e se não souber toma umas porradas, entendeu? Se não tiver roupa dos Tatus07, que é obrigado, né, que quem é Tatu07 tem que ir com roupa dos Tatus07 em viagem, é obrigatório. (...) É uma obrigação de quem é torcedor, né? Aí, quem não tava tomava umas porradas também, mas não é aquelas porradas de machucar, sabe, aquelas porradas mesmo. Basicamente, é isso. [...] (Entrevista 1)

[...] Eu vou falar que pra mim é normal, entendeu? Aquilo não é coisa de outro mundo não! Você só passa pelo corredor e depois que você vai e volta você tá batizado, entendeu? Porque a próxima viagem o calouro já pode cobrar de outro calouro. (...) Você passa no corredor e é porrada, mas não é aquele treco de espancamento não. Você passa só no corredor [...] (Entrevista 4).

A princípio, o ritual de “batismo” ou “calourada”, através do “corredor da morte”, não possui qualquer relação com a violência no interior do próprio subgrupo. Ao contrário, os jovens ressaltam que este episódio é visto como um momento de lazer, o que pode ser visto através de palavras como “brincadeira”, “zoação” ou “diversão”. Por outro lado, quando o jovem não passa pelo ritual de “batismo”, ele possui um sentimento de inferioridade perante os demais, visto que ele se sente abandonado e esquecido pelo subgrupo, fato que sugere que o novo integrante é considerado como fraco.

---

<sup>30</sup> A construção de masculinidade pelos Tatus07 será discutida no próximo capítulo.

Apesar das peculiaridades dos Tatus07, esse ritual possui semelhanças com os rituais de batismos realizados por outras torcidas organizadas. Rosana da Câmara Teixeira (1998, p. 96), ao estudar as Torcidas Jovens Cariocas<sup>31</sup>, especialmente, a Torcida Jovem do Flamengo (TJF), a Torcida Jovem do Botafogo (TJB), a Força Jovem do Vasco (FJV) e a *Young Flu* do Fluminense (YF), constatou que o ritual de “batismo” é caracterizado como um momento de afastamento das “obrigações e compromissos” em relação à vida cotidiana. Além disso, o ritual concebe um novo estatuto para o jovem através do poder adquirido ao vivenciar o “batismo”. Sendo assim, “passar por estas provas significa confirmar o pertencimento adquirindo um *status* frente aos outros que não viveram essa experiência” (TEIXEIRA, 1998, p. 117).

Em relação às mulheres, não há qualquer ritual de “batismo”, uma vez que os jovens as concebem em um lugar diferenciado no interior do próprio subgrupo. A inserção delas nos Tatus07, muitas vezes, está atrelada ao fato de serem namoradas, companheiras ou esposas dos membros. Além disso, uma mulher que não possui qualquer relação amorosa com algum integrante é vista de maneira negativa ou, nas palavras dos jovens, como “piranha”<sup>32</sup>. Caso as mulheres passem a frequentar as atividades do subgrupo desacompanhadas, geralmente, em pouco tempo elas estabelecem um relacionamento para evitar possíveis constrangimentos. Por outro lado, a mulher que não possui qualquer enlace afetivo é considerada como homossexual ou, nos termos dos jovens, “sapatão”. Um dos integrantes dos Tatus07 relata o seu pensamento em relação à inserção de uma mulher no subgrupo:

[...] Eu, na minha opinião, não é muito bem vista pra mim não. Porque torcida organizada é coisa de homem. Esse tal de Tatudominado feminina, isso aí... porque querendo ou não, Flávia, as mulheres são tudo piranha. (...) As mulheres são tudo piranha. Então, sei lá... É minha opinião particular. Não tô falando que é o que acontece não. Geralmente, as mulheres de torcida organizada é tudo vagabunda, véi! Como que vai uma mulher, vai viajar, aí tem 50 caras dentro do ônibus, a mulher vai lá e mama dez. Você quer falar o quê da mulher? (...) Não é que não deveria, não. Eu acho que tem que ter, mas a única coisa que rola é que ela mesma se estraga, véi [...] (Entrevistado 4).

[...] Antigamente existia, até uns oito anos atrás tinha a Tatudominado feminina; a Tatudominado Feminina não era a região não. Aí, deu muito problema, acabou muito sem ideologia; estavam na torcida só para ganhar fama. Vou ser bem nítido, iam para dar para qualquer um e ganhar fama com isso. Sem ideologia nenhuma, ia lá e ficava com marido também, queimava o filme da torcida. Então, acabou com a Tatudominado feminina [...] (Entrevistado 7).

<sup>31</sup> De acordo com os estudos de Teixeira (1998, p. 16), a autora demonstra que as Torcidas Jovens Cariocas são formadas por jovens com idade entre 14 a 25 anos. Além disso, elas surgiram no final da década de 1960 e início da década de 1970 e constituem as maiores torcidas dos clubes de futebol das quais representam.

<sup>32</sup> “Piranha” é um termo pejorativo utilizado para se referir às mulheres que se relacionam com diversos homens.

### 3.2 AS AÇÕES BENEFICENTES DOS TATUS07

Após esses apontamentos em relação à inserção de um jovem no subgrupo através do ritual de “batismo” ou “calourada”, destaca-se, mais uma vez, que desde os primórdios da formação dos Tatus07, eles instituíram o lema “juntos somos mais”, adquirindo visibilidade no interior da torcida organizada. Com o passar do tempo, eles dominaram o espaço urbano com uma série de atividades para a comunidade. Além do lema, as frases “Sé7ima é o poder”, “procura-se rivais” e “*hooligans* da ‘Sé7ima’” passaram a estampar os mais diversos materiais fabricados pelos Tatus07, como forma de demonstrar sua maior visibilidade em relação às outras regiões de Belo Horizonte.

Destaca-se que as ações beneficentes, filantrópicas ou assistenciais são mais uma das atividades realizadas pelos membros do subgrupo, conhecida entre eles por “ação social”. As “ações sociais” são realizadas na “Sé7ima” com o propósito de beneficiar os moradores dessa comunidade com algum ato de bondade, possibilitando dar sentido à existência de cada um dos integrantes. Como se sabe, os jovens pertencentes aos Tatus07 advêm das “quebradas” – locais com alto índice de criminalidade violenta – e, geralmente, nesses espaços os jovens possuem um baixo *status* socioeconômico e maiores probabilidades de serem rotulados pela sociedade e pela mídia de “marginais”, “vagabundos” ou “criminosos”. Nesse sentido, além de evitar que a imagem deles fossem associadas à criminalidade ou vagabundagem com as ações filantrópicas realizadas pelos membros do subgrupo, os jovens pertencentes aos Tatus07 desejam ressignificar a sua própria história de vida através do contato com aqueles que julgam necessitar dos atos de bondade realizados por eles. Assim, cabe destacar que as ações beneficentes representam sentimentos de alegria, compaixão, tristeza e solidariedade.

Em outras palavras, é possível dizer que as ações filantrópicas possuem diferentes significados para os jovens que as vivenciam. Prova disso foi vista na observação da emoção de alguns membros do subgrupo ao verem crianças, adolescentes e adultos com paralisia cerebral abrigados no Projeto Assistencial Paraíso Azul<sup>33</sup> – uma instituição filantrópica sem fins lucrativos. Eles se sentiram impactados com outra realidade social tão próxima vivenciada pelos integrantes do mesmo território. Inclusive, foi possível observar um dos jovens chorando e sendo abraçado pelos demais membros dos Tatus07. A partir daquele momento, a instituição passou a ser beneficiada com doações de alimentos durante o decorrer do ano.

---

<sup>33</sup> O nome da instituição foi alterado para evitar qualquer identificação do subgrupo pesquisado.

[...] e é o que a mídia mostra hoje em dia, é violência. Eles não mostram “ação social”, que você já teve a oportunidade de participar de uma “ação social”. Você já viu alguém na mídia, alguém no jornal fazendo alguma matéria? Ninguém. Quando foram no Paraíso Azul, ninguém também. Então, tem oito anos que eu ingressei nos Tatus07, e eu nunca vi a mídia, ela jogando a favor da “Sé7ima”, do lado, assim, digamos, seria muito bacana porque elevaria muito a concepção [...] (Entrevistado 7).

**Figura 12 – Doações arrecadadas pelos Tatus07 para o Projeto Assistencial Paraíso Azul.**



**Registro da autora.**

**Figura 13 – Crianças, adolescentes e adultos com paralisia cerebral abrigados no Projeto Assistencial Paraíso Azul**



**Registro da autora.**

Para além disso, outras ações filantrópicas são praticadas pelos Tatus07. Uma das mais recorrentes diz respeito à comemoração da páscoa durante a semana santa. Nos últimos anos, os jovens desse subgrupo assumiram a responsabilidade de organizar o evento através de parcerias com os vereadores e comerciantes da região, com as finalidades de distribuir ovos de páscoa e construir um espaço de lazer e diversão com “pula-pula”, escorregador e algodão doce para distribuir entre as crianças moradoras da “Sé7ima”. Estes eventos são sempre planejados com antecedência, a fim de que seja viabilizada a arrecadação de recursos financeiros entre os integrantes, além da mobilização dos amigos mais próximos e da comunidade local para

colaborarem com a realização dessa atividade. Os Tatus07 contam, primordialmente, com a participação das namoradas, companheiras ou esposas, sejam elas integrantes da torcida ou não. Elas se responsabilizam por comprar os materiais necessários e por confeccionar os ovos de páscoa. Através dessas “ações sociais”, notam-se que as mulheres assumem o papel de dar atenção às crianças e distribuir algodões-doces. Por outro lado, os homens se responsabilizam por estender as bandeiras com o lema “juntos somos mais” e por carregar os materiais mais pesados para a realização da ação assistencial.

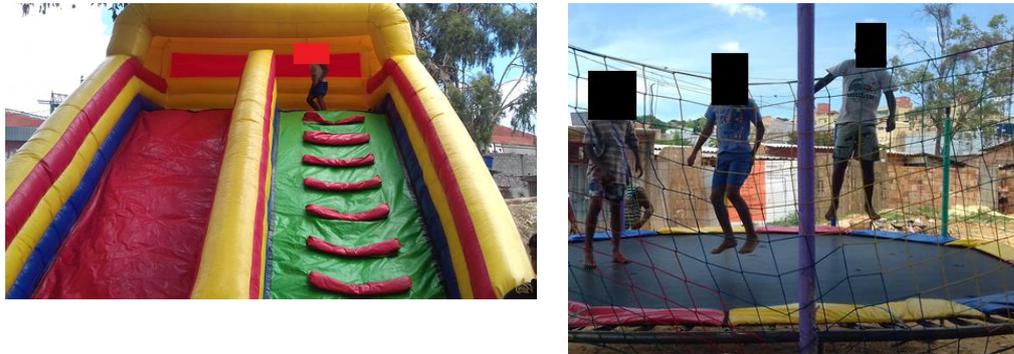
**Figura 14 – Máquina de fazer algodão doce e ovos de páscoa distribuídos para as crianças moradoras da “Sé7ima”.**



**Registro da autora em frente à subsede dos Tatus07.**

A comemoração do dia das crianças em uma certa ocupação localizada na “Sé7ima” – habitada por pessoas que lutam pelo direito à moradia e resistem contra o despejo de suas famílias – também fica sob responsabilidade dos Tatus07. Cabe aos jovens integrantes da torcida arrecadarem brinquedos para serem distribuídos entre as crianças que residem nessa comunidade, que se caracteriza por congregar diversos fatores de vulnerabilidade social, tais como a falta de saneamento básico, de rede de energia elétrica e a reunião de um grande número de residências inacabadas. Enquanto os Tatus07 cuidam da arrecadação dos brinquedos através das redes sociais e organizam o espaço de lazer e diversão para as crianças, as mulheres se comprometem a fazer cachorro-quente para distribuir entre os moradores dessa área. Nota-se que as mulheres não ocupam uma posição de destaque na estrutura hierárquica dos Tatus07, uma vez que os cargos de maior prestígio são dedicados aos jovens do sexo masculino.

**Figura 15 – Escorregador e “pula-pula” para festejar o dia das crianças em uma ocupação localizada na “Sé7ima”.**



**Registro da autora.**

Além dessas ações filantrópicas, os Tatus07 se mobilizam para doar sangue aos moradores da “Sé7ima” que se encontram hospitalizados, constituindo laços de solidariedade com os moradores da comunidade. Logo em seguida, eles participam de uma palestra realizada pelos profissionais do hemocentro<sup>34</sup> de Belo Horizonte e realizam uma série de exames ambulatoriais para a possível coleta de sangue. Os diretores dos Tatus07 marcam um ponto de encontro na “Sé7ima” para reunir os integrantes às 08 horas de um sábado e irem até o hemocentro para realizar o procedimento. Esta ação beneficente é marcada pela solidariedade em relação ao morador que necessita das doações de sangue, bem como pelo sentimento de serem reconhecidos como pessoas generosas, contrariando a associação que usualmente se faz do torcedor organizado e “marginal”, “vagabundo” ou “criminoso”. Nesses dias, o lema “fazer o bem, não importa a quem” adquire visibilidade nas redes sociais. Nos momentos em que um dos moradores da “Sé7ima” necessita de recursos financeiros para realizar um tratamento de câncer, por exemplo, são os Tatus07 que articulam e mobilizam uma rede de relações sociais vendendo rifas para beneficiá-lo, conforme ilustrado na figura 16.

---

<sup>34</sup> Disponível em: < <http://www.hemominas.mg.gov.br/> > Acesso em: 20 nov. 2017.

**Figura 16 – Rifa para beneficiar um morador da “sé7ima” que necessitava de recursos financeiros para realizar o tratamento de câncer.**



**Registro da autora.**

Outro fato importante de se ser notado é a consideração que os Tatus07 destinam aos motoristas e trocadores dos transportes coletivos da região. A essas pessoas, é comum que os torcedores destinem alimentos arrecadados ou lembrancinhas de natal. Isso ocorre devido ao fato de que os moradores da “Sé7ima” nem sempre possuem dinheiro para pagar as passagens cobradas pelas empresas e, o benefício aos motoristas e cobradores, propicia a garantia da circulação dos habitantes da região pela metrópole, visto que eles se sentem na obrigação de não cobrar o valor das pessoas que realmente necessitam. Para além disso, moradores e comerciantes também são contemplados com as lembrancinhas, todas carregando a frase “torcedor organizado não é vagabundo”. Esta ação pode ser vista como forma de agradecer o apoio dado por essas pessoas em relação às atividades promovidas pelo subgrupo ao longo do ano, marcando a existência de uma parceria entre os torcedores organizados e a comunidade, em prol da colaboração com aqueles que necessitam de alguma assistência. Esta situação, por sua vez, propicia a construção de uma imagem positiva do local, de acordo com os relatos dos membros pertencentes aos Tatus07.

Com tudo isso, observa-se que os jovens desejam adquirir reconhecimento por parte dos moradores da “Sé7ima”, mantendo o objetivo proposto pelo primeiro líder dos Tatus07, isto é, dominar o território, impedindo que agrupamentos de torcidas organizadas adversárias se institucionalizem nesse espaço. Além dessa perspectiva, eles buscam sentido para a sua própria existência, uma vez que se sentem como pessoas úteis para a comunidade com a distribuição de donativos, com a construção de espaços de lazer e com o desejo de ajudar o próximo.

As ações filantrópicas possibilitaram o estabelecimento de uma rede de relações sociais entre os Tatus07, os moradores, as instituições, os políticos, os comerciantes e os trabalhadores da “Sé7ima”. Como mencionado, eles instituíram a “Operação Caça-Lobisomens”, a

“excelência do corpo” e promovem ações assistenciais para beneficiar as instituições e os moradores do local. Por outro lado, a comunidade se sente no dever de retribuir todo o empenho dos Tatus<sup>07</sup>, possibilitando constituir um sistema de troca e reciprocidade no sentido formulado por Marcel Mauss (1924)<sup>35</sup>. O ponto de partida para a presente análise se refere àquilo que podemos chamar de crise de legitimidade do Estado. Na medida do momento em que os cidadãos não podem acionar o Estado como um dispositivo para garantir o direito à saúde, à educação e à segurança pública, eles passaram a resolver as suas dificuldades através de uma rede de relações sociais estabelecidas na “Sé7ima”, beneficiando aqueles que necessitam das ações filantrópicas.

O efeito mais deletério dessa incapacidade das instituições estatais brasileiras em efetivar a ordem e a segurança e em garantir o adequado funcionamento da justiça criminal é o fato de que os indivíduos terminam por não considerar a polícia como uma agência capaz de garantir a lei, os direitos e a própria cidadania quando veem a sua vida, a sua liberdade ou a sua propriedade ameaçadas [...]. Como os cidadãos brasileiros não podem depender das instituições estatais para alcançar os seus direitos, tanto no sentido de proteções como no sentido de imunizações, diante de qualquer problema que demande a intervenção dessas agências, outras soluções são buscadas, ainda que sejam ilegais (RIBEIRO, 2013, p. 203).

Eric Dunning, Patrick Murphy e John Williams (1992), ao pesquisarem sobre este fenômeno na Inglaterra, questionaram os motivos pelos quais adolescentes e jovens do sexo masculino e de classes de trabalhadores de nível mais baixo se envolviam em lutas físicas ou confrontos corporais com os torcedores de futebol de clubes adversários, constituindo um estilo de vida agressivo, principalmente, nos dias destinados às partidas futebolísticas. Eles sustentaram que os conflitos ocasionados por jovens moradores das mais diversas localidades da cidade tinham como objetivo defender o “bom nome do bairro” (DUNNING; MURPHY; WILLIAMS, 1992). Além do mais, essas disputas também foram observadas no interior e no entorno dos estádios de futebol, sugerindo uma “unidade territorial”, além de propiciar um significado importante para a vida dos jovens, uma vez que obtinham reconhecimento e visibilidade no interior do grupo. Em resumo, os autores destacaram que a construção de masculinidades, a disputa pelo território e a busca pela excitação foram os principais fatores que propulsionaram os jovens a se envolverem em confrontos (Ibidem).

---

<sup>35</sup> No “Ensaio sobre a dádiva”, Marcel Mauss (1924) descreve o caráter obrigatório da retribuição de presentes, demonstrando as relações de troca e reciprocidade estabelecidas entre as pessoas nas sociedades primitivas.

### 3.3 AS REUNIÕES DOS TATUS07

Além de ser “batizado” e participar das “ações sociais” desenvolvidas pelos Tatus07, o “calouro” deve estar presente em outras atividades realizadas pelo subgrupo. Para tanto, o novo integrante é obrigado a adquirir uma camiseta – conhecida por farda – que estampa o símbolo, o lema “juntos somos mais” e a frase “Sé7ima é o poder”. Nas atividades dos Tatus07, eles devem comparecer fardados como forma de transmitir aos moradores que dominam o espaço de moradia. Vale destacar que a farda é vista como um patrimônio, isto é, um bem que deve ser cuidadosamente zelado pelos Tatus07. Sendo assim, arrancar a farda do inimigo através de lutas corporais é um atributo de prestígio entre os jovens. Então, circular fardado pela “Sé7ima” para comparecer às reuniões e aos encontros dos Tatus07 significa, para eles, perigo, uma vez que alguns inimigos podem esperar pelo jovem ao transitar pelas ruas da região.

[...] Toma a camisa dele, porque é humilhação, cara! Aquilo ali ele assimila muito mais do que se eu chegar com uma atitude covarde, por exemplo, chutar a boca, quando você chuta a boca e tal, se ele for um nego ‘sangue no olho’ ele vai lembrar daquilo, ele vai ter revolta. Os caras não precisavam fazer aquilo comigo. Então, a gente não faz isso [...] (Entrevistado 14).

Se o líder dos Tatus07 construiu como estratégia a “Operação Caça-Lobisomens” para impedir a circulação dos rivais pela “Sé7ima” – uma vez que eles possuíam como identidade a Torcida Organizada Tatudominado –, os integrantes de agrupamentos adversários passaram a circular pela região em busca de afrontar ou combater os jovens do subgrupo. Além disso, os rivais, ao caminharem pelas ruas da “Sé7ima”, pretendem tomar o patrimônio dos Tatus07 (camisetas, bandeiras ou outros materiais que foram, especificamente, fabricados com os símbolos da “Sé7ima”) para obter reconhecimento entre os pares, um atributo de masculinidade para aqueles que obtiveram êxito. Por outro lado, o jovem que perdeu o patrimônio se sente fracassado. Tanto as camisetas quanto as bandeiras e outros materiais roubados pelos rivais são denominados de “troféus” pelos torcedores organizados. Assim, a quantidade expressiva de “troféus” colecionados pelos jovens, simbolizam poder e masculinidade por parte desses agrupamentos. Cabe ao “calouro” adquirir habilidade e conhecimento em relação à dinâmica interna dos Tatus07, tornando a sua presença indispensável nas reuniões e nos encontros realizados pelos diretores na subsede, com a finalidade de apreender os valores e as regras constituídas entre os membros. Sendo assim, a “disposição” torna-se um atributo primordial para o novo integrante, uma vez que sua presença nas atividades realizadas pelo subgrupo é um requisito fundamental para permanecer enquanto membro dos Tatus07.

[...] Camisa, bandeira, boné, calça.... Tudo é troféu, até meia é troféu. (...) Bandeira, né? Porque, tipo, seu bonde conseguiu tomar a bandeira do rival, entendeu? Então já... Tipo assim, impõe mais aquele respeito, né? Está tendo mais *status* né? (...) Em termos, depende, às vezes, você não tem troféu nenhum, mas tem um bloco que fecha e encara todo mundo, é a melhor coisa que tem. Igual a “Sé7ima” tenta fazer, entendeu? “Sé7ima” tenta ser o bloco da Tatudominado [...] (Entrevistado 8).

Os diretores do subgrupo convocam os integrantes para participarem das reuniões através de mensagens confidenciais enviadas pelo *Whatsapp*, visto que divulgar os dias, horários e locais pelas redes sociais pode colocá-los em situações de ameaça perante os rivais. Geralmente, os diretores realizam as reuniões na segunda ou sexta-feira, às 20 horas, dado que a grande maioria dos jovens trabalham de maneira formal ou informal. Realizar as reuniões durante a noite possibilita agregar uma quantidade expressiva de jovens com disponibilidade para comparecer à subsede.

Como os “calouros” são obrigados a comparecerem fardados nos dias estabelecidos pelos diretores para as reuniões, uma das primeiras estratégias apreendidas pelos novos integrantes consiste em preservar o patrimônio. Isto implica na sua “disposição” em confrontar com os rivais, mesmo que a sua integridade física esteja sob ameaça. Por outro lado, os jovens que se sentem mais inseguros contam com o apoio dos membros mais antigos durante o seu retorno para casa, propiciando uma sensação de segurança a eles. Para tanto, é necessário ressaltar que essas relações estabelecidas entre os jovens não são expressadas claramente, pelo contrário, é um combinado “velado”, já que o novo integrante deve demonstrar coragem, ousadia e ser forte fisicamente para combater com os rivais. O membro antigo reconhece aquele jovem que pode se colocar em situações de risco, incentivando a participação do “calouro” nas atividades realizadas pelos Tatus07 até que ele adquira as habilidades necessárias para se proteger e confrontar fisicamente.

Além disso, os “calouros” que não podem participar das reuniões devem justificar a sua ausência. Porém, não é qualquer justificativa que é aceita pelos diretores do subgrupo. Os motivos se referem ao falecimento de um ente querido, doenças na família ou por trabalho. Se o novo integrante se distancia das atividades realizadas pelos Tatus07, ele é excluído das redes sociais, fato que impossibilita obter informações sobre a atuação do subgrupo na “Sé7ima”. Ressalta-se que os membros mais antigos possuem maior autonomia para comparecer ou não à reunião, uma vez que eles já construíram uma história reconhecida no interior do subgrupo, denominada pelos integrantes de “caminhada”.

[...] O negócio é o seguinte: o seu cargo lá dentro, os outros, tipo assim, não é cem reais e eu vou ser diretor. Não! Você tem que impor seu respeito lá dentro. (...) Vamos supor, você ali, você frequenta a torcida, e com o passar do tempo, da sua história, da

sua caminhada, que você vai se tornando alguém lá dentro. Não quer dizer que quando chega a ser diretor já é isso, já é aquilo, não. (...) Mas isso é pelos fazeres da pessoa. Igual eu era antigo, era porradeiro, tinha noção das coisas, então eu me tornei diretor [...]. (Entrevistado 4)

De maneira geral, observa-se a presença de 40 a 50 jovens do sexo masculino e de 05 a 08 mulheres integrantes do subgrupo ou namoradas, acompanhantes e esposas dos Tatus07, durante as reuniões. Os membros possuem em torno de 15 a 29 anos e a sua maioria advém das classes baixas ou médias. Com isso, os próprios jovens ressaltam que os membros dos Tatus07 possuem “baixa renda, pouca instrução, pouca informação” (Entrevistado 2). Porém, é interessante notar que, para além do *status* socioeconômico desses jovens, uma característica de fundamental importância é a identificação com o espaço urbano e o estabelecimento de relações sociais com os jovens moradores da “Sé7ima”. Esta construção social se remete, primordialmente, aos jovens moradores de vilas, favelas ou comunidades, uma vez que “viver na rua” passa a ser construído como um modo de vida em busca de lazer. Esta particularidade se refere ao momento da fragmentação da Tatudominado em “domínios”, fato que fortaleceu ainda mais a identificação dos jovens com o território. Além disso, o subgrupo é fluido, uma vez que há a inserção de novos membros e abandono das atividades por outros. Destaca-se que a “disposição” para participar das reuniões, assim como das demais atividades e confrontar fisicamente contra os rivais para proteger os patrimônios é uma exigência determinada aos homens.

[...] Pode ser hoje, eu não vou falar a classe média hoje. Até eu sou classe média, mas eu moro dentro da favela, mas eu não vou te dizer isso. Mas, eu acho, que a maioria das organizadas vem dos bairros, igual, pode ser de região periférica, assim ó, a comunidade está aqui e a periferia aqui, vem da região, não vem de dentro da favela [...]. (Entrevistado 8)

O diretor do subgrupo determina que os integrantes se empenhem nas vendas dos objetos confeccionados pela diretoria de materiais para adquirir recursos financeiros com o objetivo de investir na subsede e nas bandeiras estampando seus próprios símbolos (distintos da Tatudominado) considerados como patrimônios. As camisetas, as faixas e as bandeiras ficam sob a responsabilidade do diretor de patrimônio que deve guardá-las em locais secretos e seguros, sem fornecer qualquer informação para os membros do subgrupo, por motivo de segurança em relação a possíveis ataques dos rivais. O diretor financeiro cobra o valor de dez reais para destinar às atividades realizadas pelo subgrupo como, por exemplo, as ações filantrópicas. Além disso, eles exigem que os integrantes cooperem com a limpeza da subsede, afixando mensagens nos mais diversos espaços, bem como informando outras atividades realizadas pelas instituições localizadas na “Sé7ima”. “Tem que fazer o corre” é uma expressão

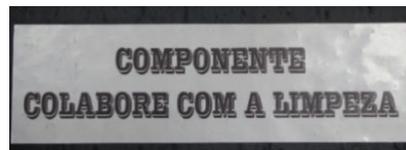
utilizada pelos membros para demonstrar que estão empenhados em desenvolver as atividades do subgrupo e contribuir para o bom funcionamento da subsede.

**Figura 17 – Cozinha dos Tatus07 com o recado “favor manter [a pia] limpa e organizada”.**



**Registro da autora.**

**Figura 18 – Recados na subsede dos Tatus07 para os membros do subgrupo. “Componente colabore com a limpeza” e “favor apagar as luzes”.**



**Registros da autora.**

**Figura 19 – Informações para os membros pertencentes aos Tatus07 em relação à algumas atividades realizadas na “sétima”**



**Registros da autora.**

As mais diversas informações e atuações são repassadas aos membros do subgrupo nas reuniões realizadas pelos Tatus07 como, por exemplo, a aquisição de ingressos dos jogos disputados pelo Clube Esportivo Alterosa na capital mineira, as caravanas para acompanhar o clube, as estratégias para circular pela cidade nos dias destinados aos clássicos de futebol, as festas realizadas pelos Tatus07, as ações beneficentes, as punições aos membros que violaram as regras do subgrupo e o apoio aos parceiros (neste caso, aos políticos que se candidatam como vereadores, comerciantes ou moradores).

Uma das reuniões estabelecidas pelos Tatus07 consistiu em repreender os jovens que violaram as regras instituídas pelo subgrupo. Alguns “calouros” foram punidos através de socos e pontapés, pois subiram no teto de um coletivo para “surfear” em cima de um ônibus que realizava o percurso da “Sé7ima” até o Mineirão, em um domingo destinado a um clássico de futebol. Com a apreensão dos jovens pelos policiais militares, a “Sé7ima” foi transmitida pelos meios de comunicação através da imagem dos jovens que utilizavam as camisetas com a frase “Sé7ima é o poder”, possibilitando a associação do subgrupo com o vandalismo e, por conseguinte, a estigmatização dos Tatus07 perante os moradores da capital mineira. Essa situação não é aceita pelo subgrupo, uma vez que o principal objetivo dos Tatus07 consiste em serem reconhecidos como jovens dispostos a defender o território através de lutas fíctias ou corporais. Sendo assim, os diretores e os membros mais renomados puniram os “calouros” através de agressões físicas com o propósito de mostrar que os integrantes dos Tatus07 não podem se envolver em atos considerados como vandalismo e não possuem qualquer associação com o crime<sup>36</sup>. Esse acontecimento é um exemplo claro do caráter particularmente violento construído pelos membros do subgrupo no território.

[...] Eu acho certo, o cara não vai surfar. Hoje, surfar, você pode ser até preso; antigamente não. E se você surfar no ônibus, por exemplo, estiver todo mundo junto e você surfa, todo mundo que está dentro vai ser preso. Todo mundo que está dentro vai “rodar”, todo mundo que tá dentro vai se “fuder”. Então... E a gente faz tanta coisa para “rodar” por causa de um “surfe”? Por causa de subir em cima de um teto de ônibus? Ai ninguém aceita isso não (...). É. Agora você está, por exemplo, eu sou Tatu07 e ele é Tatu007 e se a gente já tá fora da “sé7ima” e se quiser “surfear”, pode. Mas ali na torcida, para não atrapalhar nossa caminhada, porque “surfear” dá polícia, dá isso tudo. Aí a gente não deixa mais [...] (Entrevistado 1).

Em outra reunião realizada pelos Tatus07 na subsede, foi possível observar a presença de um vereador – candidato à reeleição – morador da “Sé7ima”, torcedor do Clube Esportivo Alterosa e que apoia as atividades realizadas pelos membros do subgrupo na região. Eles

---

<sup>36</sup> As regras instituídas pelos Tatus07 serão elencadas no capítulo 4.

estabeleceram um acordo semelhante àquele realizado pela Tatudominado no processo de consolidação da torcida organizada. Enquanto o vereador promete pagar o aluguel da subsele, os Tatus07 devem assumir o compromisso de participar das campanhas eleitorais para reelegê-lo. Destaca-se que o ano de 2016 foi marcado pelas eleições municipais. É de fundamental importância destacar que outras pessoas renomadas no interior da Tatudominado também se candidataram a vereador, porém não tiveram qualquer apoio por parte dos Tatus07. Este fato é importante, uma vez que demonstra o quanto os jovens preferem apoiar o vereador morador da “Sé7ima” com o objetivo de solicitar recursos financeiros e algumas facilidades para os membros do subgrupo como, por exemplo, inscrição em cursos comunitários, trabalhos formais ou informais, entre outros.

Apesar da dinâmica interna dos Tatus07 ser legitimada pela Tatudominado<sup>37</sup>, houve uma determinada situação em que o subgrupo se rebelou contra a diretoria da torcida organizada, dado que eles solicitaram aos jovens da “Sé7ima” uma atuação em prol da Tatudominado e não da região. Com isso, o subgrupo se desassociou da torcida organizada e, por conseguinte, os Tatus07 se associaram a outro grupo de torcedores do Clube Esportivo Alterosa. Nota-se que a presença do subgrupo em ambos os agrupamentos significa poder. Assim, a Tatudominado se tornou um grupo fracassado e a nova torcida organizada adquiriu *status* com a integração dos jovens pertencentes aos Tatus07. Ressalta-se que os jovens – moradores das periferias e trabalhadores de baixa renda e qualificação – constroem um sentimento de pertencimento aos Tatus07 não somente como forma de expressar a masculinidade, mas também para constituir uma identidade coletiva e social, aproximando das características estudadas por Elias e Dunning em relação aos *hooligans* ingleses.

As nossas próprias investigações fornecem alguns dados que provam a existência de um padrão semelhante tanto nos bairros das classes trabalhadoras como no contexto do futebol. Em Leicester, os conflitos interbairros que envolvem grupos de jovens adolescentes do sexo masculino devem-se a necessidade de defender o ‘bom nome’ do bairro, encarado como um todo, contra bandos rivais que representam os bairros vizinhos. Contudo, rapazes destes bairros e outros de Leicester e da área circundante mantem-se lado a lado, nas bancadas de *Filbert Street* e no exterior do recinto, unidos na demonstração de solidariedade quanto ao ‘território da casa’ em oposição aos fãs visitantes (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 370-371).

Enquanto os membros do subgrupo são obrigados a passar pelo ritual de batismo, a comparecer às ações beneficentes realizadas mensalmente pelos Tatus07 e a frequentarem as reuniões dos membros por duas vezes ao mês, passando a dedicar sua vida em prol da “Sé7ima”,

---

<sup>37</sup> Os Tatus07 são legitimados pela Tatudominado, porém, em muitas ocasiões, os conflitos entre eles se acirram.

os torcedores que se associam aos Gaviões da Fiel devem, obrigatoriamente, frequentar duas reuniões realizadas aos sábados pela torcida organizada. Nos estudos realizados pelo Toledo (1996), o autor mostra como é a configuração dos torcedores organizados no interior do grupo, atrelando à existência da torcida organizada com o fato dos integrantes apoiarem o clube de futebol. Nos Tatus07, percebe-se uma mudança de concepção, primordialmente, após a fragmentação da Tatu dominado, uma vez que eles passaram a consolidar as suas práticas em busca de dominar o território, prevalecendo o lema “juntos somos mais” e “Sé7ima é o poder”. A princípio, cabe ressaltar que todas as atividades realizadas pelos Tatus07 e as narrativas construídas pelos membros do subgrupo possuem, como propósito, beneficiar os moradores da “Sé7ima”, seja através das ações beneficentes ou, até mesmo, dos constrangimentos, ameaças ou expulsão de pessoas que eles acreditam que poderão comprometer a reputação do território. Portanto, para possuir coragem, ousadia e disposição para combater fisicamente com aqueles considerados como rivais, foi necessário instituir os treinamentos em artes marciais para adquirir as habilidades das lutas corporais com o propósito de “caçar os Lobisomens” e impedir a circulação de pessoas pela “Sé7ima”, conforme será demonstrado no capítulo 4.

### **3.4 AS FESTAS REALIZADAS PELOS TATUS07**

A cada dois anos, os Tatus07 realizam pelo menos uma festa para receber os jovens considerados como amigos com o objetivo de fortalecer os laços sociais entre os mais diversos torcedores organizados espalhados pelo país. Nota-se que as torcidas organizadas mais reconhecidas constituíram uma rede peculiar de relações sociais, estabelecendo alianças com aquelas consideradas amigas e inimizadas com as torcidas identificadas como adversárias, situação expressa por eles através do provérbio “o inimigo do meu inimigo é meu amigo”. A fim proporcionar ao leitor uma melhor visualização da configuração das alianças e rivalidades entre torcedores organizados, utilizarei a seguir nomes verdadeiros de torcidas organizadas para exemplificar essa situação.

Tomando Minas Gerais como exemplo, há uma rivalidade de longa data entre duas torcidas organizadas: a Torcida Organizada Galoucura, do Atlético Mineiro, e a Máfia Azul, do Cruzeiro. No que diz respeito às alianças e rivalidades, a Galoucura se aliou com os principais rivais da Máfia Azul, representados pela Força Jovem do Vasco e pela Mancha Alverde, do Palmeiras, ao passo que inimigos da Galoucura – a Torcida Jovem do Flamengo e a

Independente, do São Paulo – se aliaram à Máfia Azul. Entretanto, é importante destacar que a Máfia Azul possui rivalidade com outra torcida organizada do Cruzeiro: a Pavilhão Independente<sup>38</sup>. Isto mostra que rivalidade entre torcidas organizadas não é, necessariamente, sinônimo de rivalidade clubística<sup>39</sup>, trazendo à tona reflexões acerca da eficácia de se adotar a torcida única para cessar os confrontos físicos estabelecidos entre torcedores organizados, como é geralmente sugerido por autoridades da segurança pública.

Muito embora não seja possível afirmar com certeza as motivações por trás da constituição de alianças e rivalidades entre torcidas ao longo do tempo, uma das principais justificativas para o estabelecimento desse quadro se refere às partidas futebolísticas realizadas pelas mais diversas cidades brasileiras. Caso um torcedor organizado – morador da capital mineira – deseje viajar para assistir a uma partida de futebol em outra cidade como, por exemplo, São Paulo ou Rio de Janeiro, é necessário que ele possua uma rede de proteção que só os aliados poderão oferecer. Isto quer dizer que os amigos recebem os Tatus07 em sua cidade, informando locais de risco de confrontos ou emboscadas que os inimigos podem preparar. Em contrapartida, os Tatus07 recebem os aliados em Belo Horizonte propiciando essa mesma rede de proteção. Dentro desse cenário, destacam-se no futebol brasileiro três principais alianças entre torcidas organizadas, constituídas da seguinte forma:

- 1- “União Dedo pro Alto”: Mancha Verde (Palmeiras), Galoucura (Atlético Mineiro), Força Jovem (Vasco da Gama), Inferno Coral (Santa Cruz) e Bamor (Bahia).
- 2- “União Punho Colado”: Young-flu (Fluminense), Fúria Independente (Paraná) e Fúria Independente (Guarani).
- 3- “União Punho Cruzado”: Torcida Jovem (Flamengo), Independente (São Paulo), Camisa 12 (Internacional), Máfia Azul (Cruzeiro) e Torcida Jovem (Sport)<sup>40</sup>.

Cabe destacar que essas alianças não são estáticas, pois os grupos podem se afastar ou se aproximar de acordo com os interesses ou com as disputas de poder engendradas pelos torcedores organizados. Nas próximas figuras, é possível observar os símbolos realizados com

---

<sup>38</sup> Em 2013, após o Cruzeiro conquistar o tricampeonato brasileiro, a Máfia Azul e a Pavilhão Independente se enfrentaram corporalmente nos arredores do Estádio Mineirão. Para a cronologia dos confrontos entre essas duas torcidas organizadas rivais, ver: <http://hojeemdia.com.br/esportes/cruzeiro/cronologia-das-brigas-entre-m%C3%A1fia-azul-e-pavilh%C3%A3o-independente-1.225808> Acesso em: 14/02/2018.

<sup>39</sup> Este aspecto será melhor discutido no capítulo 5.

<sup>40</sup> Disponível em: <http://www.supervasco.com/noticias/saiba-como-funciona-as-aliancas-entre-torcidas-organizadas-198690.html>. Acesso em: 17/07/2016

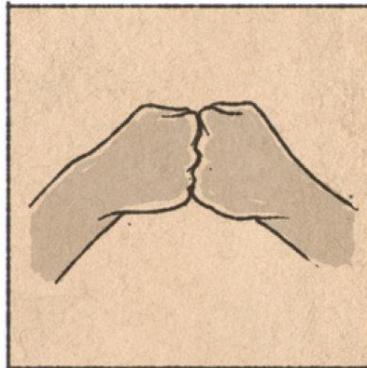
as mãos pelos membros das torcidas organizadas nos encontros dos aliados ou nas arquibancadas do país, demonstrando as alianças construídas historicamente entre eles.

**Figura 20: “União Dedo pro Alto”**



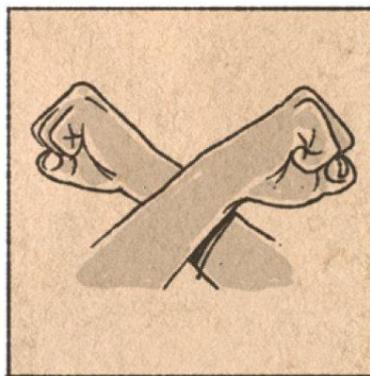
**Revista Placar**

**Figura 21: “União Punho Colado”**



**Revista Placar**

**Figura 22: “União Punho Cruzado”**



**Revista Placar**

O estabelecimento de alianças ou amizades entre as torcidas organizadas se apresenta como uma peculiaridade brasileira em comparação às torcidas argentinas conhecidas como *barra bravas*. Um estudo realizado por Jose Garriga Zucal (2002) retrata que as amizades estabelecidas entre os *barra bravas* argentinos são consideradas como símbolos de fragilidade, característica que se diferencia das torcidas organizadas brasileiras, onde as alianças significam poder e superioridade em relação às demais. Caso uma *barra brava* apresente um número inferior de integrantes em relação ao rival, ela pode se aliar a outra com a finalidade de lutar corporalmente contra o inimigo comum por um determinado período de tempo (transitório). Zucal (2002) denomina este fenômeno de “amizade” entre as *hinchadas* (torcidas). Na Argentina, não há qualquer aliança estabelecida pelas torcidas, uma vez que a maioria dos clubes de futebol se concentram na cidade de Buenos Aires e imediações e, assim os jovens não precisam do suporte oferecido pelas torcidas aliadas nas mais diversas cidades como forma de obter informações sobre possíveis emboscadas.

Para fortalecer o vínculo de amizade, os Tatus07 realizam uma festa com os torcedores organizados considerados como “amigos”. Assim sendo, os diretores do subgrupo exigem que os integrantes se responsabilizem por determinadas atividades, pois sem o empenho dos jovens não é possível receber os convidados de maneira satisfatória. Com isso, eles dividem os componentes nas seguintes comissões organizadoras de acordo com as habilidades de cada membro: os responsáveis pelo aluguel do espaço; pela divulgação; pela confecção de camisetas; pelo financeiro; pelo aparelho de som e música; pelas vendas dos materiais confeccionados com os símbolos dos Tatus07; pelas bandeiras; pelo caixa; e, por fim, pelas vendas de comidas e bebidas (alcoólicas e não alcoólicas). A seguir, as atividades desenvolvidas pelas comissões organizadoras da festa dos Tatus07 serão melhor detalhadas:

- 1- Aluguel do espaço: os diretores definem um local para a realização da festa, geralmente amplo, com capacidade para receber de 400 a 500 pessoas, com piscina, vários ambientes e uma boa estrutura com geladeiras, freezer e uma área coberta.
- 2- Divulgação: alguns jovens pertencentes ao subgrupo se responsabilizam por fazer o material de divulgação, que é utilizado para convidar torcedores organizados amigos através de grupos de *Whatsapp* e *Facebook*. Além disso, é necessário que alguns integrantes se responsabilizem em percorrer a metrópole participando de encontros ou reuniões realizadas pelos demais agrupamentos, convidando os amigos pessoalmente. É também essa comissão a responsável por elaborar uma frase que elucida o tema da festa, transmitindo aos demais convidados o propósito da confraternização, que se estabelece como um marcador da história do subgrupo. Cita-se, como exemplo, “o

registro da memória” como tema do aniversário de 22 anos da “Sé7ima”, cujo objetivo era reunir os jovens que passaram pelos Tatus07.

- 3- Confecção de camisetas: nas datas comemorativas como, por exemplo, o aniversário da “Sé7ima”, os responsáveis realizam os orçamentos de camisetas para fabricá-las em empresas que possuem uma boa cotação. Essas camisetas devem conter o símbolo do subgrupo, a palavra “Sé7ima” em destaque e estampar a frase com o tema da festa.
- 4- Financeiro: os Tatus07 cobram dos convidados um valor para a entrada na festa. Com esse valor, o convidado recebe a camiseta confeccionada pelo subgrupo que deverá ser utilizada por ele no dia da confraternização, substituindo o ingresso. Isto quer dizer que os convidados recebem um material da “Sé7ima” que poderá ser utilizado por eles em outras ocasiões, fato que propicia disseminar o nome do subgrupo entre os jovens moradores das mais diversas cidades brasileiras.
- 5- Som e música: como o espaço é amplo, eles devem levar o aparelho de som que, geralmente, toca hinos que exaltam a “Sé7ima” e são feitos pelos integrantes dos Tatus07. Nessas ocasiões, não se escuta qualquer música que se refere ao clube de futebol e, muito menos, à Tatudominado, uma vez que prevalecem as músicas que se referem às “quebradas” da “Sé7ima”, influenciadas pelo *rap*.
- 6- Vendas dos materiais confeccionados com os símbolos dos Tatus07: os materiais que ficam expostos na subsede como, por exemplo, camisetas, chaveiros, canecas, bonés e adesivos são vendidos durante a festa para os convidados. Quatro jovens se responsabilizam pela venda e pelo dinheiro arrecadado, que será investido nas demais atividades realizadas pelo subgrupo no território e na subsede.
- 7- Bandeiras: o diretor de patrimônio fica responsável por levar a bandeira com os símbolos da “Sé7ima”, que deve ser dependurada em um local de destaque para ser vista pelos mais diversos convidados.
- 8- Caixa: os jovens responsáveis pelo caixa fazem as fichas com os valores dos preços de espeto, refrigerante e cerveja e vendem aos convidados, arrecadando dinheiro para cobrir os custos da festa e investir nas atividades realizadas por eles na “Sé7ima” e na subsede.
- 9- Venda de comidas e bebidas: uma das comissões se responsabiliza pela aquisição de cervejas, refrigerantes e carnes. Além disso, a compra de espetos, copos descartáveis, guardanapos e outros materiais são de responsabilidade dessa comissão.

Por volta das 8 horas da manhã, os Tatus07 chegam ao local destinado para a festa com a finalidade de prepará-lo para receber os convidados. Ao meio dia, torcedores organizados moradores dos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, bem como das cidades interioranas de Minas Gerais, começam a chegar de ônibus para participarem da festa realizada pelos Tatus07. Entre as motivações presentes na ida dos torcedores à festividade se encontram a busca por lazer e diversão, além do estabelecimento e fortalecimento de laços de amizade com os membros do subgrupo. Ao se encontrarem, os Tatus07 os recebem com bastante entusiasmo e se sentem honrados por promoverem um encontro em que uma quantidade significativa de torcedores organizados estão presentes. Os agrupamentos de jovens advindos das mais diversas cidades de Minas Gerais, de São Paulo e do Rio de Janeiro trazem consigo uma bandeira ou uma faixa que é dependurada pelo espaço, cada qual com o seu símbolo. Em algumas delas, é possível observar a palavra paz, mascotes e lemas das torcidas organizadas, enquanto outras foram confeccionadas, especialmente, para essa ocasião, estampando o rosto e o nome de um certo torcedor organizado que faleceu em decorrência da violência urbana, característica que marca os moradores das áreas de grande vulnerabilidade social presentes nas metrópoles brasileiras. Além disso, frases como “eterno em nossos corações” estão marcadas nas bandeiras como uma forma de exaltar a participação desse jovem como membro da torcida organizada.

No que diz respeito ao perfil dos presentes e à entrada das pessoas na festa, além dos jovens do sexo masculino, nota-se uma quantidade significativa de crianças – filhos dos torcedores organizados – e mulheres – namoradas, esposas ou companheiras dos jovens. Como mencionado, estar acompanhado das mulheres e dos filhos é considerado um atributo de virilidade entre os jovens. Todos os convidados passam por uma revista ao adentrarem no espaço da festa, a qual é realizada pelos próprios Tatus07. Este procedimento se faz necessário uma vez que é proibido portar ou usar drogas no ambiente, pois a festa é concebida como um ambiente familiar. Apesar disso, os Tatus07 não têm maiores transtornos com esse tipo de comportamento. Além da preservação do ambiente familiar, a restrição ao porte e uso de drogas se justifica pelo potencial que a liberação de tais condutas teria de atrair os olhares dos policiais militares para uma possível intervenção na festa, fato que poderia propiciar notícias de jornais impressos ou televisivos, relacionando os torcedores organizados com o tráfico de drogas ou formação de quadrilha. Já, o uso de bebidas alcóolicas nesses espaços é permitido pelos membros do subgrupo.

Por volta das 15 horas, as bandeiras – conhecidas como “trapos” – dos diversos agrupamentos são balançadas pelos torcedores organizados, celebrando um dos encontros mais esperados pelos amigos ou aliados. Esse é um momento especial, primordialmente para os

jovens do sexo masculino, visto que saber manuseá-las também é um atributo de virilidade. Geralmente, os panos utilizados nas bandeiras possuem em torno de 4 m<sup>2</sup> e são afixados em um mastro de bambu para erguê-las. Para isso, é necessário que o jovem tenha força física, dado que elas são grandes e pesadas, além de treinar por diversas vezes até adquirir a habilidade para manuseá-las de maneira adequada. Não é bem visto entre os torcedores organizados enroscar o “trapo” no bambu.

Por fim, um determinado período da festa é reservado para consagrar um jovem que faleceu. Um dos diretores dos Tatus07 realiza um discurso emocionante, homenageando o membro do subgrupo e ressaltando a sua importância em possuir “disposição” para participar das atividades realizadas na “Sé7ima” com garra e determinação. Os convidados escutam atentamente as palavras do diretor que exaltam a conduta do jovem. Ao finalizar a homenagem, outro diretor ergue uma bandeira, estampando o rosto do membro do subgrupo e sendo aplaudido pelos amigos presentes na festa. Logo, eles acendem os sinalizadores – um instrumento pirotécnico que produz uma luz brilhante – cantando músicas e ritualizando a perda de um jovem que dedicou alguns anos de sua vida às atividades realizadas pelo subgrupo. Por volta das 19 horas, a festa se encerra e os convidados adentram nos ônibus para retornarem às suas cidades de origem. Feitas as descrições das atividades realizadas pelos Tatus07 – ritual de batismo, ações beneficentes, reuniões e festas – creio ser necessário detalhar seus treinamentos e a construção de masculinidades no interior do grupo, o que se dá através de regras ou princípios construídos pelos membros dos Tatus07 ao longo dos anos.

#### **4 OS TATUS07 COMO GRUPO DE REFERÊNCIA**

---

## 4 OS TATUS07 COMO GRUPO DE REFERÊNCIA

Neste capítulo, os treinamentos em artes marciais para adquirir força física como construção de masculinidades, além da institucionalização das regras de condutas dos membros do subgrupo serão melhor detalhados para que o leitor possa ter uma ideia de como os Tatus07 passaram a se estruturar no interior da torcida organizada.

### 4.1 OS TREINAMENTOS EM ARTES MARCIAIS

Durante a década de 1980 e 1990, os torcedores organizados da capital mineira não possuíam qualquer atividade relacionada com os treinamentos em artes marciais. Nesse período, os membros apresentavam corpos relativamente fracos e os embates físicos eram considerados como fruto de uma simples rivalidade entre os torcedores, neste caso, organizados ou não. Os tumultos, geralmente, aconteciam no centro da capital mineira ou nas estações de metrô, principalmente, nos dias destinados aos clássicos de futebol. Esses confrontos eram denominados de “brigas de rua” e não possuíam qualquer objetivo de retirar a vida do rival.

Um dos possíveis acontecimentos para a institucionalização dos treinamentos em artes marciais no interior das mais diversas torcidas organizadas se refere à consolidação do MMA (*Mixed Martial Arts*)<sup>41</sup> no cenário mundial. Na primeira competição, realizada pelo UFC (*Ultimate Fighting Championship*)<sup>42</sup>, nos Estados Unidos da América, em 1993, foi institucionalizada uma modalidade de esporte de combate em que as estratégias de qualquer luta marcial poderiam ser utilizadas para enfrentar o adversário. Consta que um atleta brasileiro, chamado Royce Gracie, considerado como o mais fraco da categoria, derrotou “todos os seus adversários lutando basicamente no chão e utilizando de estrangulamentos e chaves em articulações para fazê-los desistir da luta”<sup>43</sup>. Como o lutador empregou as técnicas do jiu-jitsu brasileiro – até então, desconhecido no país – este acontecimento possibilitou que essa nova modalidade esportiva se tornasse reconhecida no cenário mundial.

Assim sendo, a partir da década de 1990, alguns agrupamentos juvenis começaram a se identificar com a luta e a buscar a prática do esporte pelas mais diversas academias brasileiras. Entre esses jovens, se encontravam membros de torcidas organizadas e, aos poucos, seus

---

<sup>41</sup> Artes Marciais Mistas, isto é, o boxe, o *savate*, o *muay thai*, o *kickboxing*, o karatê, o judô e o *taekwondo*.

<sup>42</sup> Organização americana de artes marciais mistas.

<sup>43</sup> Informações disponíveis em: < <http://graciebarra.com.br/historia/> > Acesso em: 22 nov. 2017.

treinamentos foram sendo institucionalizados para dominarem as técnicas das lutas mais utilizadas no MMA – o jiu-jitsu brasileiro, o *muay thai* e o *boxe* – com o objetivo de adquirir preparo e força física para combater os rivais. Cabe ressaltar, no entanto, que os treinamentos em artes marciais não são uma peculiaridade das torcidas organizadas. Pelo contrário, jovens pertencentes às classes médias e média-alta, matriculados em escolas renomadas e com acesso aos bens de consumo de alto valor, também construíram um estilo de vida calcado na luta e pelo prazer de lutar, como no caso dos “pitboys” (MONTEIRO, 2003, p. 111) – que possuem o mesmo estereótipo dos Tatus07, porém sem qualquer pertencimento às torcidas organizadas.

[...] no Rio, a Jovem Fla, a sede deles já dava aula, assim particularmente que eu tomei conhecimento foi a primeira torcida que oferecia *muay thai* e jiu jitsu. Ela oferecia pros componentes e eu lembro que eu comentava assim: cara, olha só os caras oferece isso pro componente e tal. E o Rio também tem aquela cultura. Qual que é a vantagem da Força Jovem no final das contas e até da torcida do Botafogo? Que eram torcidas fortes também na zona sul e o cotidiano daqueles “pitboys” tinha muito essa coisa da luta. Então a Força Jovem ela tinha pessoas que já se interessavam pelo mundo das lutas independente de ser uma coisa que a torcida tá colocando entendeu? Então, ela conseguia afrontar [...] (Entrevistado 14).

Diante disso, é possível destacar que os estilos de vida agressivos construídos pelos jovens brasileiros se diferem do *hooliganismo* inglês tal como formulado por Elias e Dunning. Como esses autores afirmaram que os *hooligans* ingleses advinham das classes trabalhadoras em que a “força física dos homens é valorizada em relação à luta pelo trabalho” (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 229), Monteiro (2003) ressalta uma particularidade brasileira em relação aos confrontos travados entre os jovens, uma vez que não são realizados apenas pelos indivíduos das classes trabalhadoras, mas também, por jovens que possuem um alto poder aquisitivo.

Neste sentido, Reis (2014) resguarda a existência de particularidades nos diferentes modos de torcer, destacando que, de maneira geral, os pesquisadores preferem diferenciar o *hooliganismo* inglês das torcidas organizadas. Por outro lado, a autora ressalta que o *hooliganismo* seria um termo adequado para designar os jovens envolvidos com os atos de violência entre os mais diversos agrupamentos constituídos nos países, visto que ela concorda com Dunning (2014) ao afirmar que o *hooliganismo* é considerado como um problema mundial.

Com relação à Tatudominado, vale ressaltar que somente após a fragmentação do grupo, a expulsão da primeira diretoria da torcida organizada através do uso da força física e a constituição da sede com salas de musculação e espaços para treinamentos em artes marciais é que se tornou mais nítida a utilização da violência no interior da torcida organizada como estratégia para enfrentar os inimigos. No caso dos Tatus07, é importante lembrar que, desde os

primórdios do grupo, eles já possuíam como princípio a “Operação Caça-Lobisomens”, uma estratégia empregada pelo primeiro líder com o objetivo de expulsar os jovens pertencentes às torcidas organizadas rivais do território. Isso propiciou o reconhecimento do subgrupo no interior da torcida organizada.

A partir da consolidação da subsede na área de atuação dos Tatus07, eles instituíram os treinamentos em artes marciais para se prepararem, ao longo do ano, para os confrontos físicos, através de atividades com frequência de três vezes por semana e duração de duas horas por dia, com o objetivo de adquirirem força física como atributo de masculinidade. Para os jovens desse subgrupo, os treinamentos propiciam, além da obtenção de uma estrutura corporal musculosa, a consolidação da coragem dos integrantes e as sensações de poder e de exuberância masculina. Tendo isso em vista, eles contrataram um instrutor para treinar os jovens e fizeram dos treinamentos uma das atividades obrigatórias do subgrupo, devendo ser frequentadas, primordialmente, pelos “calouros”.

É importante ressaltar que, como mencionado por Dunning (2014 p. 229), essa construção da masculinidade agressiva é aprovada e aceita nas relações estabelecidas com as mulheres. Este fato propicia a constituição de valores masculinos fundamentados na concepção ideal de homem como aquele que é capaz de combater fisicamente contra os adversários, concebendo a mulher como um ser frágil, inferior ou como posse. De maneira análoga ao que ocorre com os Tatus07, Dunning apresentou como a dominação masculina se mostrava presente nas relações estabelecidas entre os *hooligans* ingleses e as mulheres.

Provavelmente, a principal implicação da presente análise é o fato de o esporte aparentemente ter uma importância apenas secundária com respeito à produção e reprodução da identidade masculina. Mais significativos nesse caso parecem ser aqueles aspectos da estrutura social mais ampla que afetam as oportunidades relativas de poder dos sexos e o grau de segregação sexual que existe na necessária interdependência entre homens e mulheres. Tudo que o esporte parece fazer é desempenhar um papel secundário e de reforço. O esporte, no entanto, é crucial na sustentação de formas modificadas e mais controladas de agressividade machista em uma sociedade em que somente alguns papéis ocupacionais, tais como os dos militares e da polícia, oferecem oportunidades regulares de luta, e em que todo o direcionamento da evolução tecnológica tem sido há muito tempo para reduzir a necessidade da força física. Obviamente, na medida em que as mulheres continuarem sentindo atração por homens machistas, os esportes, especialmente os esportes de combate, desempenharão um papel de certa relevância na perpetuação tanto do complexo do macho quanto da dependência de mulheres que fluem dessa fonte (DUNNING, 2014, p. 251).

Dentro deste cenário, a coragem, a ousadia e a “disposição” para lutar fisicamente contra os rivais passaram a ser os atributos fundamentais para a permanência do jovem no subgrupo. No entanto, cabe ressaltar que nem todos os jovens que se aproximam dos Tatus07 já são

dotados dessa almejada “disposição”. Porém, nota-se que aqueles que realmente se interessam em fazer parte do subgrupo se comprometem a participar das atividades e dos treinamentos, a fim de adquirir as habilidades necessárias diante de qualquer embate físico.

[...] Aí eu tenho “disposição” de ir com vocês. Porque tem muito nego, que é homem quando tá de galera. Quando tá em bando, quando tá de grupinho, todo mundo é homem e super-homem, mas, agora, quando você tá só e desce sozinho, no mano a mano, ninguém faz nada. Todo mundo vira uma moça [...] (Entrevistado 4).

Ao se observar os discursos dos jovens com relação aos treinamentos, percebe-se que há, de forma predominante, menções sobre a importância do esporte como um meio de praticar alguma atividade física. Apesar disso, também é possível visualizar referências à necessidade de ter um preparo corporal para o combate entre os agrupamentos rivais. De acordo com os relatos dos membros dos Tatus07:

[...] Não, eu treino para ficar preparado. Porque eu falo o seguinte, hoje eu tenho minha camisa dos Tatus07 e vale muita coisa. Para uma pessoa comum não vale nada, mas para mim vale muita coisa. E eu penso o seguinte: eu já vi pessoas que fizeram coisas com uma pessoa com a camisa do nosso rival “boiando”, andando sozinho, entendeu? “Boiando” que a gente fala. Então, eu penso o seguinte, se eu quero representar sozinho, indo ali, indo aqui, eu tenho que tá preparado para o que for acontecer. Então, eu penso assim, em treinar e também pela saúde. Porque assim, eu malho, treino, essas coisas, assim. Então eu tento estar mais preparado, por qualquer coisa que acontecer eu vou estar preparado, entendeu? Ah, eu vou treinar para bater em Lobisomens. Eu não treino com esse intuito, assim, tem uma parte que sim. Mas eu treino mais para estar preparado para o que for acontecer [...] (Entrevistado 1).

[...] Pra vida, pra uma porrada, pra se defender, pra tudo. Mas o intuito é o esporte. Não só torcida. O cara mais novo, é droga. Você vê os caras, mais novos, estão cheios de adrenalina. Os caras querem extravasar aquilo ali fazendo coisa errada. Tipo assim, eu carrego desde novo, desde os 12 anos, eu levanto a seguinte bandeira: a gente tem que se defender. Pelos Tatus07, a gente tem que se defender. Não tem que sair fazendo tocaia pros outros, covardia, isso aí não. A gente tem que ser feliz. Estamos aqui. Os caras chegaram, e agora? A gente vai se defender. Mas também não concordo com covardia também não [...] (Entrevistado 5).

Como mencionado na Introdução desse trabalho, esses combates nem sequer ocorrem uma vez ao ano e duram apenas de 5 a 10 minutos, pois são interrompidos pelo fluxo de veículos automotivos ou pela polícia militar. A localização da “Sé7ima” em uma área que é cortada por vias amplas e abertas faz com que ela esteja próxima a espaços propícios para o estabelecimento de confrontos corporais. Nos combates, os jovens precisam ter preparo físico para correr, para socorrer um dos membros que se machucou, para se esconder, assim como força física para se defender e proteger os membros do subgrupo. A “adrenalina” – termo utilizado pelos jovens para justificarem os motivos pelos quais se envolvem nos combates físicos – se refere à

sensação de prazer ocasionada no corpo diante do perigo. Ela proporciona a aceleração dos batimentos cardíacos, a elevação da pressão arterial e, por conseguinte, o relaxamento dos músculos, propiciando um sentimento de “estar vivo”, nas palavras dos Tatus07. Buford também destaca a adrenalina em seu trabalho realizado com os *hooligans* ingleses do *Manchester United Football Club*:

A adrenalina é um dos componentes químicos mais poderosos do organismo. Vendo os ingleses de um lado e os italianos do outro, lembro-me de ter tido rapidamente a impressão de assumir as propriedades de um pequeno helicóptero, erguendo-me a vários centímetros do chão e saindo do caminho de todos. Ouvia-se um rugido, um rugido coletivo, e os torcedores ingleses se insurgiram contra os italianos (BUFORD, 2010, p. 86).

Os ferimentos dos integrantes ocasionados pelos confrontos com os rivais não afastam os jovens do subgrupo, uma vez que as cicatrizes são atributos de prestígio, indicando o ápice da obtenção da virilidade, além de marcarem a história de vida de um Tatu07. Isto pode ser constatado através dos relatos de lembranças dos membros que passaram pelo subgrupo, ressaltando a sua participação nos confrontos corporais como de fundamental importância para manter a imagem positiva da região. Ou seja, eles precisam transmitir uma ideia de que são fortes o suficiente para impedir a circulação dos rivais no território e para adquirir visibilidade e reconhecimento por parte dos moradores do local. A partir disso, é possível chegar a um dos principais motivos para que os Tatus07 persistam ao longo dos anos pela capital mineira: a herança repassada aos “calouros” de que eles devem continuar a beneficiar a “Sé7ima”, mesmo que necessitem utilizar da força física para manter algumas normas e comportamentos consolidados por eles. Para além disso, essa situação pode fazer com que a identificação com o subgrupo e sua área de abrangência acabe por se sobrepor à identificação com a torcida organizada como um todo, como pode ser visto através da próxima fala:

[...] Ah, isso depende muito do líder da região, né? Se o líder da região tiver o intuito de fazer da região dele melhor que a própria torcida... (...) Mas, aquele negócio, quando existe jogo de interesse ou jogo de poder, aí joga tudo a perder, né? Porque aí passa a ser mais bairrista do que setorista, né? Cê quer ser mais setorizado do que ser centralizado. Cê passa a ver a diretoria central da torcida como oposição pra você mesmo porque você quer fazer a sua região ser maior que a própria entidade. Isso não dá certo [...] (Entrevistado 3).

## 4.2 O USO DA FORÇA FÍSICA COMO CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADE

Apesar dos treinamentos em artes marciais possibilitarem a obtenção de uma estrutura corporal musculosa, o uso da força física como construção de masculinidade geralmente é apresentado através da constituição do “bloco”, isto é, quando os integrantes se agrupam com a finalidade de circular pela metrópole para confrontar contra os rivais. Por outro lado, os jornais impressos e televisivos divulgam a atuação dos Tatus07 pela capital mineira, ressaltando que “torcedor organizado é tudo vagabundo e violento”<sup>44</sup> – uma expressão comumente utilizada pelos meios de comunicação para associar os membros do subgrupo à marginalidade, atraindo os olhares dos telespectadores curiosos em relação à circulação dos jovens em “bloco”. Se, para a mídia, o comportamento dos torcedores organizados é retratado como sinônimo de “vagabundagem” ou “marginalidade”, nas narrativas dos Tatus07, é possível revelar um sistema de regras ou princípios constituídos, os quais eles denominam de “ideologia”.

O estabelecimento de embates físicos pelos membros do subgrupo é caracterizado por um estilo de vida, marcado por masculinidades, construído e negociado entre os amigos e os rivais, respeitando, na maioria das vezes, aqueles que não compactuam com o mesmo estilo e nem seguem as mesmas normas de masculinidades. Assim, cabe dizer que, para os Tatus07, estar enquadrado no padrão desejado de masculinidade significa ser forte o suficiente para confrontar com os rivais, possuir um corpo musculoso para atrair os “olhares” femininos, ser dotado de características tais como coragem e ousadia. Para isso, é necessário percorrer toda uma trajetória no interior do subgrupo para ser reconhecido enquanto um Tatu07, participando das atividades desenvolvidas pelos membros. Para além disso, as masculinidades também podem ser verificadas através da estrutura hierárquica do subgrupo, dado que o “calouro” se encontra em um patamar de submissão aos diretores e aos membros mais antigos que, por sua vez, são considerados como os “caras de respeito”<sup>45</sup>. Nesse sentido, o novo integrante passa pelo processo de construção da sua legitimidade enquanto homem pertencente de fato aos Tatus07<sup>46</sup>.

---

<sup>44</sup> Disponível em: < <https://sambanoclero.wordpress.com/2011/09/13/torcedor-organizado-e-tudo-vagabundo-e-violento/> > Acesso em: 08 dez. 2017.

<sup>45</sup> O capítulo 2 descreveu como ser um “cara de respeito” é uma expressão utilizada pelos Tatus07 para demonstrar o quanto os líderes são estimados pelos membros, comprovando os laços de lealdade e cumplicidade estabelecidos entre os “calouros” e os diretores.

<sup>46</sup> Como explicitado no capítulo 3, os “calouros” que, por ventura, sobem no teto dos coletivos para surfar nos dias destinados às partidas futebolísticas são punidos pelos membros do subgrupo, uma vez que essa situação atrai os olhares dos policiais militares para apreendê-los, fato que não é bem visto pelo subgrupo. Neste caso, os “calouros”

Assim, o que se constata é que os Tatus07 se comportam seguindo a “ideologia” – a qual é marcada pelos padrões de masculinidade que vigoram no grupo –, obedecendo regras ou princípios específicos, distanciando-se daquilo que a cobertura midiática e setores da sociedade civil comumente dizem sobre os torcedores organizados. Caracterizar os Tatus07 como uma “turba de vagabundos” ou de “marginais” é incorrer em uma simplificação que não leva em consideração um complexo sistema de relações e significados estabelecidos entre eles, além de ocultar todas as vivências experimentadas por eles em outros momentos de suas vidas.

[...] Eu acho importante, ver isso e tudo mais, é saber que, por exemplo: eu trabalho, eu estudo, eu tenho minha vida pessoal. Se você virar para mim e falar que eu sou Tatu07, entendeu? Você não vai nem acreditar, nem vai acreditar mesmo. No meu serviço, como eu sou, na minha família. Você vai falar assim: ah, você é Tatus07? É porque os Tatus07 é muito mal visto, entendeu? Então, muita gente fica com esse pensamento. Agora, se você já é um cara que não trabalha, você não estuda, você é vagabundo! [...] (Entrevistado 1).

No que diz respeito aos confrontos corporais, pode-se dizer que eles são ocasionados pelos Tatus07 e aqueles considerados como seus rivais, havendo por parte de ambos a preparação física para o embate, que pode ocorrer pelos mais diversos espaços da cidade. Até então, os dias destinados aos clássicos de futebol eram consagrados como os momentos propícios para o encontro do subgrupo com os inimigos, uma vez que nesses dias uma quantidade expressiva de torcedores, organizados ou não, transitavam pelas ruas da metrópole para chegar até os estádios de futebol. Com a decisão dos clubes em dividir a arquibancada entre a equipe mandante que ocupa a maior parte do público (90% dos ingressos são destinados a esses torcedores) e a equipe visitante que ocupa uma pequena parcela da arquibancada (10% dos ingressos são destinados aos visitantes), os embates físicos passaram a ocorrer em dias de semana. Para eles, o que importa é o confronto estabelecido com os grupos de jovens que são treinados e preparados para lutar fisicamente. Assim sendo, não há qualquer agressão ou confronto com as pessoas que se encontram em condições físicas consideradas inferiores como, por exemplo, as mulheres, os idosos, as crianças ou os transeuntes<sup>47</sup>. O comportamento agressivo em relação a essas pessoas é chamado pelo subgrupo de “covardia”, dado que não é bem visto pelos membros, podendo, inclusive, gerar sanções ou punições pelos próprios Tatus07. Na próxima ilustração, é possível visualizar a frase “procura-se rivais” inscrita pelos muros da “Sé7ima” com a assinatura dos membros do subgrupo, demonstrando claramente que

---

passam pelo “corredor da morte” como forma de reprovação do comportamento e, ao mesmo tempo, como um ensinamento do que se espera de um membro dos Tatus07.

<sup>47</sup> No primeiro ano de pesquisa, um torcedor do clube adversário passou pelos Tatus07 em um dia destinado ao clássico de futebol e foi aplaudido. Naquele momento, eu tive receio de um possível linchamento, porém eles me explicaram que não são vagabundos, mas que brigam com aqueles que gostam de confrontar fisicamente.

há uma linguagem no que diz respeito ao estabelecimento de rivalidades, assim como a apropriação e o domínio da “Sé7ima” pelos Tatus07.

**Figura 23: A frase “procura-se rivais” inscrita pelos muros da “Sé7ima”.**



**Registro da autora.**

### **4.3 AS REGRAS INSTITUÍDAS PELOS TATUS07**

A partir da identificação dos Tatus07 com o território, a constituição de seus próprios símbolos, o lema “juntos somos mais”, assim como a “Operação Caça-Lobisomens” e a “excelência do corpo”, os membros do subgrupo foram adquirindo visibilidade no interior da torcida organizada, assim como pelos demais torcedores organizados e pelos moradores da “Sé7ima”. Nos primórdios da formação do subgrupo, eles já possuíam como objetivo dominar o território, porém, com o passar dos anos, eles passaram a atuar na região de maneira burocratizada, fato que facilita o recrutamento de jovens para inserir no subgrupo.

Como exemplos dessas atividades, pode-se citar que os Tatus07 passaram a instituir os treinamentos em artes marciais não só para combater os inimigos, mas também para exigir o cumprimento de determinadas regras instituídas por eles no interior do subgrupo e que teriam valor entre os outros jovens moradores da região. Isto posto, pode-se perceber que a consagração dos Tatus07 foi uma consequência da crise de legitimidade do Estado, uma vez que a falta da presença estatal na prestação de diversos serviços à população fez com que eles passassem a impor determinadas regras de comportamento válidas tanto para os membros do subgrupo, quanto para outros jovens moradores da região.

Uma das primeiras regras estabelecidas pelos Tatus07 se refere ao cidadão que transita pelas ruas da região, vestindo a camisa do clube adversário. Nos dias destinados aos clássicos

de futebol, os membros do subgrupo modificam os pontos de encontros como estratégia para despistar os rivais. Entretanto, em algumas situações, um torcedor comum (do clube adversário) pode encontrar com o “bloco” repentinamente. Nesse momento, esse torcedor se espanta com receio de sofrer possíveis agressões pelos Tatus07. Ainda assim, os membros do subgrupo estabeleceram um código de ética que eles não irão atacar os torcedores comuns, conhecido por eles de “povão”. Há casos, inclusive, em que eles até ironizam e aplaudem essa pessoa. Este fato reforça a concepção de que não é o pertencimento clubístico que possibilita o envolvimento dos jovens nos confrontos corporais, dado que eles construíram uma rede peculiar de rivalidades com agrupamentos das duas maiores torcidas organizadas da capital mineira. Isto é, com aqueles que possuem o mesmo estilo de vida masculino construído através das lutas físicas. Em outras palavras, os Tatus07 não distribuem socos e pontapés a qualquer cidadão belo-horizontino. O relato de um ex-líder dos Tatus07 destaca essa concepção, dado que eles devem possuir disposição para confrontar com os rivais. Isto quer dizer que os rivais não são os torcedores do clube adversário, mas sim, aqueles que construíram um histórico de confrontos pelas ruas da capital mineira.

[...] “Covardia”, igual eu falo, eu participo há vinte anos, mais de quinze anos de torcida organizada. Toda minha caminhada, quando eu puxava a galera [líder], tinha nego com camisa do Futebol Clube Del Rey. Um, dois ou três caras, eu nunca deixei a galera bater. Não vai por a mão não. Por que? Pra mim, pra gente, [é] “povão”. A gente tem que pegar os caras que deve, da Tatudominado. Então, tipo assim, se tem dois cara com a camisa do Futebol Clube Del Rey passando e você vai lá e bate, mete o pau nos caras, chega a polícia lá e separa a galera, leva a galera presa. Desfaz o bloco, entendeu? Então tipo assim, nunca deixei pegar os cara pra não desfazer a galera [...] (Entrevistado 4).

Tendo isso em vista, a partir das normas internalizadas pelos Tatus07, os embates físicos têm um jeito próprio de ocorrer. A forma mais comum para a formação desses confrontos ocorre a partir de encontros com o grupo rival, o que geralmente se dá em grupos com cerca de 30 jovens de cada lado<sup>48</sup>. Cada agrupamento é chamado de “bloco” e, durante o conflito, a coragem, a ousadia e a força física são elementos necessários tanto para atacar quanto para se defender dos rivais, além de serem importantes para proteger aqueles membros do subgrupo que estão em desvantagem diante dos confrontos corporais. A constituição do “bloco” significa que os jovens devem circular juntos pelas ruas da capital mineira para “caçar os Lobisomens”. Entretanto, é importante ressaltar que nenhum Tatu07 pode abandonar o agrupamento durante

---

<sup>48</sup> A expressão “30 jovens” seria apenas um exemplo, dado que os “blocos” podem ser formados através de 40, 50 ou até 100 jovens.

os confrontos corporais, uma vez que esse tipo de comportamento não é bem visto pelos membros, inclusive, sendo passível de punições severas.

[...] Num vai nem colar [circular junto com o “bloco”]. Porque se correr é pior, porque se eu souber de alguém que tava do meu lado e correu, eu acho isso uma “tiração” muito grande, entendeu? Porque minha vida tá em risco ali, entendeu? E eu acho que a segurança de cada um ali é a união e a “disposição” de todo mundo, entendeu? Porque se o cara estiver do meu lado e correr seria pior que qualquer coisa. Ou a gente apanha igual homem, mas se o cara me deixar sozinho com os caras [rivais], não existe isso não. O cara tá comigo, existe muito neguinho que fica vamo lá, vamo lá e te joga numa situação delicada lá da vida. Aí, o cara corre? Isso não existe não. E se isso acontecesse isso é caso de morte, traiagem [traição], entendeu? O cara te deixar para trás, entendeu? [...] (Entrevistado 7).

[...] Aí, acontece isso, mas é igual numa guerra, numa guerra quando o exército pega um soldado. O que eles fazem com o soldado primeiro? Já pega o soldado e coloca na linha de frente da guerra? Não, eles treinam, entendeu? Então é como se fosse isso. Cada integrante é um soldado, na guerra um soldado que corre, não resolve nada, entendeu? [...] (Entrevistado 8).

Por outro lado, em uma situação que proporcione, digamos, um encontro de 30 membros do subgrupo com outros dois jovens pertencentes ao agrupamento rival, não há qualquer estabelecimento de embates físicos, visto que um “bloco” com o número inexpressivo de integrantes não possui condições para combater fisicamente<sup>49</sup>. Isso é considerado como atributo de prestígio, dado que eles possuem uma quantidade significativa de jovens que representam a “Sé7ima”. Caso algum membro do subgrupo confronte com esses rivais, ele será considerado como “covarde” pelos Tatus07, estando sujeito a punições no interior do próprio subgrupo. Vale destacar que esse acontecimento se refere apenas à circulação do “bloco” pela cidade, dado que dois rivais transitando pela “Sé7ima” poderão ser agredidos e ameaçados pelos integrantes do subgrupo como forma de impedir que eles possam adquirir informações sobre o cotidiano dos Tatus07 e de outros moradores da região com o objetivo de realizar alguma emboscada.

[...] É bater cinco pessoas em uma. O cara no chão e o cara chutando. “Covardia” não! Mas brigar normal, o cara de dois metros e você não tá aguentando, você dá nele uma paulada, mas “covardia” assim não. Quando eu falo covardia, é usar alguma coisa assim que acaba com uma pessoa sem ela poder se defender né? Ai para mim vira covardia [...] (Entrevistado 1).

[...] Por exemplo, se arruma uma briga. Encontrei o cara na fila, briguei e apanhei. Os caras vão me perguntar, quantos caras? Era eu e ele. Então, meu filho, problema é seu. Só vocês dois? Você apanhou? Bem feito. Você tem que aprender a brigar mais e não sei o quê. (...) Tem entre aspas uma ética. Ah, é briga? Quer brigar com cara? Briga. Agora, 20 contra 1 não é briga [...] (Entrevistado 13).

<sup>49</sup> Nesse ponto específico, é importante ressaltar que esses dois integrantes correm e se escondem, já que eles sabem da impossibilidade de confrontar com o “bloco”.

A “pista” é um nome utilizado pelos Tatus07 para designar o encontro do “bloco” com outros agrupamentos juvenis que são treinados e preparados fisicamente para o confronto. Como destacado, os principais rivais dos Tatus07 são aqueles que possuem maior visibilidade entre os torcedores organizados. Isto quer dizer que não é possível travar disputas com os mais diversos agrupamentos constituídos pela metrópole, mas que é possível observar uma rede peculiar de rivalidades construídas entre eles. Nos dias atuais, os principais rivais são os jovens moradores de uma região próxima à “Sé7ima” – localizada à regional Barreiro – conhecidos por Lobisomens X, conforme descrito no capítulo 1. Isto significa dizer que os jovens ultrapassam a delimitação territorial construída socialmente por eles – “Sé7ima” – para se encontrarem em determinadas manchas urbanas com aqueles “portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes” (MAGNANI, 1992, p. 194).

Tomando como pressuposto a análise do antropólogo José Guilherme Magnani (1992), em seu estudo realizado com os jovens moradores dos grandes centros urbanos, cita-se uma categoria denominada de “pedaço”, utilizada para se referir a uma determinada delimitação territorial, onde as pessoas estabelecem uma rede de relações sociais, verificada através da frase “ele é lá do pedaço” para fazer menção a um determinado morador da região. Para o autor, esta categoria pode ser analisada a partir de duas perspectivas: a primeira se refere à “ordem espacial” em que há uma demarcação territorial e a segunda diz respeito às relações estabelecidas entre os jovens e os moradores.

As características desses equipamentos definidores de fronteiras mostravam que o território assim delimitado constituía um lugar de passagem e encontro. Entretanto, não bastava passar por esse lugar ou mesmo frequentá-lo com alguma regularidade para ‘ser do pedaço’; era preciso estar situado numa peculiar rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência, vínculos definidos por participação em atividades comunitárias e desportivas etc. Assim, era o segundo elemento – a rede de relações – que instaurava um código capaz de separar, ordenar, classificar: era, ‘do pedaço’, e em que grau – ‘colega’, ‘chegado’, ‘xará’ etc (MAGNANI, 1992, p. 192).

Isto posto, o “bloco” percorre um determinado espaço urbano para encontrar com os rivais, que podem se alterar no transcorrer do tempo. No início da formação da “Sé7ima”, as rivalidades eram estabelecidas entre os grupos de jovens moradores da mesma região, dado que os Tatus07 desejavam expulsar os poucos Lobisomens que permaneciam no local. É curioso notar que apesar da rivalidade, alguns integrantes possuem laços de amizade constituídos através da convivência familiar ou do trabalho com membros pertencentes à grupos rivais.

Diante desse encontro, os jovens que convivem socialmente em outros espaços da cidade não lutam entre si, conforme destacado pelos membros dos Tatus07:

[...] Eu não vou bater nele, eu não vou brigar com ele, eu vou brigar com outro, entendeu? Se o cara for meu amigo. Vai para lá que eu vou pegar o outro! (...) Mas, se um dia eu topar de frente e eu ver que for colega meu, eu não vou encostar não, mas se for alguém que eu não conheço, eu vou brigar [...] (Entrevistado 8).

[...] Aí, a gente ficava na divisa porque tinha mania de ficar um cantando para o outro. Aquela divisa enorme da torcida, aí ele do lado de lá e eu do lado de cá. Aí, eu não falava pra ninguém que ele era meu irmão, porque ninguém conhecia ele e ele também não falava lá. Aí, ele começava virar pra mim de lá, brincando né? É você mesmo que eu quero. Aí, eu ficava assim: você mesmo, eu vou te pegar lá fora. Aí, os meninos que estavam comigo na época, que era a turma da pancadaria falava assim: ou, quem é aquele cara te ameaçando ali? Nunca vi não, ou os cara: ou, nós vamos te pegar! Vem, pode vir, eu só quero ele, é só nós dois não sei o quê... Aí quando eu chegava em casa ele rachava de rir, porque o pessoal que não conhecia [...] (Entrevistado 13).

Uma outra regra constituída pelos Tatus07 consiste em não retirar a vida do rival, primordialmente, porque eles sabem que os conflitos podem se acirrar e algum membro do subgrupo morrer por motivo de retaliação dos inimigos. Por isso, um dos princípios instituídos pelos Tatus07 se baseia em não utilizar armas de fogo. Vale destacar, portanto, que eles utilizam somente dos embates corporais, chamados de “trocação”, que é “brigar na mão”, conforme explica um Tatu07. Assim sendo, o combate se encerra na medida do momento em que o jovem não possui mais condições para lutar, ou seja, “se ele caiu, não há motivos para matar, nós vencemos a batalha”, de acordo com as palavras de um membro do subgrupo. Com isso, ressalta-se que os Tatus07 construíram uma certa normatização da violência, ou seja, instituíram um conjunto de regras para determinar aquilo que é e aquilo que não é aceito nas situações envolvendo os confrontos físicos.

[...] Posso, é assim meio feio você dar tiro no cara e o cara dar tiro em você, fica mal falado. O quê? Região de fulano de tal? Torcida do time tal ali? Os caras é só revólver, os cara são nervosos no braço porra nenhuma, os cara são nervosos no dedo. Então, assim, você queima o filme entendeu? E no Brasil inteiro é falado, não sei se você já chegou a ver algumas coisas de mídias sociais, redes sociais que tinham as comunidades antigamente no Orkut de choque de torcida, galera debatia dos confrontos que aconteciam, entendeu? E pô, torcida tal, torcida x, deu tiro na torcida y. Ah, não! Que isso, é a cara deles! Para que esse cara tá na “covardia”. (...) Mas revolver não é a “ideologia”, é mal visto. Não é uma “ideologia” de nenhuma torcida isso não [...] (Entrevistado 7).

[...] Tiro, essas coisas assim; essas armas. Arma branca também vale. E aquela que você vai tirar a vida mesmo, entendeu, sem poder brigar, aí eu acho “covardia” [...] (Entrevistado 1).

[...] Eu sou Tatudominado, eu sou de “bloco”; meu irmão é Lobisomem e é de “bloco”. Imagina se os caras da Tatudominado “matar” meu irmão? Como que eu ficaria? Entendeu? Imagina se eu morresse na mão dos cara dos Lobisomens, como meu irmão ficaria? Entendeu? (...) Tipo assim, só que matar é meio complicado. Eu acho que é esse o lema: caiu, deixa ele para lá e pega outro [...] (Entrevistado 8).

**Figura 24: Foto demonstrando apologia à “trocação”.**



**Registro cedido por um membro dos Tatus07.**

Outro ponto importante a se destacar é que, para os Tatus07, é inadmissível qualquer envolvimento dos membros com o comércio ilegal de drogas nas atividades realizadas pelo subgrupo, uma vez que os diretores censuram comportamentos dessa natureza. Esse tipo de conduta é reprovado no interior do subgrupo, sendo passível de expulsão, dado que eles não aceitam serem vistos como “traficantes”, mas sim, como o subgrupo que possui o maior número de integrantes preparados e treinados para combater os rivais.

[...] É menino vendendo droga no grupo entendeu? Já rolou, vendendo droga no grupo e o que isso tem a ver com a torcida organizada? Se a PM pega um celular de um “nego” vê o cara vendendo droga num grupo de torcida organizada? “Porra véi” é ferrar com tudo. Então mídia social, hoje em dia, eu acho que as pessoas aqui no Brasil não têm maturidade para poder usar a mídia social como uma ferramenta [...] (Entrevistado 7).

Ademais, o uso de bebidas alcólicas e/ou drogas são proibidos pelos Tatus07 nas atividades realizadas pelos integrantes e nos pontos de encontro do subgrupo na “Sé7ima”. Os diretores reprimem esse tipo de conduta, visando a proteção dos membros que compõem o “bloco”, dado que algum jovem embriagado ou dependente de substâncias psicoativas não possui condição física para confrontar contra os rivais. Como as drogas lícitas ou ilícitas afetam o sistema nervoso e, por conseguinte, os reflexos corporais, qualquer encontro do “bloco” com os rivais exige maiores habilidades ou destrezas do jovem (nesse caso, embriagado ou drogado), fato que poderá colocar a sua vida em risco. Para os Tatus07, um jovem que não possui

condições de lutar fisicamente contra os rivais é visto como fraco, característica inaceitável pelo subgrupo. Esse tipo de comportamento é passível de expulsão através de agressões, dado que o membro não respeitou a regra imposta pelos Tatus07. Para esclarecer melhor esse ponto, em uma determinada ocasião, eu me encontrei com uma pessoa – ex-integrante dos Tatus07 – ao redor do estádio de futebol. Ele expressou que um certo dia utilizou bebidas alcóolicas e foi agredido pelos membros do subgrupo. Desde então, ele não frequentou qualquer atividade realizada pelos Tatus07 e mudou-se para uma região distante da “Sé7ima”.

[...] Se eu souber que você está usando droga véi, você não vai andar com nós. (...) Era proibido, a “Sé7ima”... Os caras que usavam e aí você vai entender o porquê, o grupo... um pequeno grupo próximo do São José que usava, a gente falava: ou, véi, nós não vamos mudar as suas vidas não, mas se vocês estiverem andando com nós, vocês não vão usar não. Se você quer usar, você sai da arquibancada de perto da gente, vai ao banheiro e usa [...] (Entrevistado 14).

Estudos realizados com os *hooligans* ingleses (DUNNING, 2014) e com os *barra bravas* argentinos (ZUCAL, 2002) demonstram que o consumo de álcool e entorpecentes é uma prática corriqueira entre os jovens, uma vez que lutar contra os rivais embriagado ou drogado evidencia a construção de masculinidades entre os membros desses agrupamentos. Aqui, vale ressaltar que as regras dos Tatus07 não são compartilhadas pelos membros pertencentes aos demais subgrupos da Tatudominado, pois foi possível observar o consumo de bebidas alcóolicas pelos demais integrantes moradores de outras localidades. No entanto, os jovens da “Sé7ima” não fazem qualquer uso dessas substâncias, pelo menos, no que diz respeito às atividades realizadas pelo subgrupo.

Por último, destaca-se a proibição de crimes praticados pelos integrantes como, por exemplo, furtos ou roubos de moradores ou de torcedores comuns. Essas atitudes podem ser passíveis de “corredor da morte”. Entretanto, roubar um integrante do subgrupo é visto como uma infração grave. Com isso, além do jovem ser expulso dos Tatus07, os membros podem espancá-lo com socos e pontapés. O “corredor da morte” e as expulsões são justificadas através da identificação dos membros como bons combatentes, dado que eles não desejam ser reconhecidos como “bandidos” ou “marginais”, perspectiva que deteriora a imagem do subgrupo, de acordo com a percepção deles.

Findada a apresentação dessas regras, está construído o caminho para o entendimento da questão norteadora deste capítulo: a burocracia dos Tatus07. No tópico a seguir, este ponto será discutido a partir de aspectos relativos à institucionalização da hierarquia dentro do

subgrupo, à construção da subsele, ao desenvolvimento das atividades realizadas por seus membros, assim como ao uso da força física como construção de masculinidades.

#### 4.4 O GRUPO DE REFERÊNCIA

Tendo em vista os treinamentos em artes marciais para adquirir força física como atributo de masculinidade e o sistema de regras e valores instituídos pelos membros do subgrupo, a burocratização dos Tatus07 pode ser caracterizada através de diferentes elementos e comportamentos visualizados no cotidiano desses jovens. De modo inicial, a própria institucionalização de uma hierarquia dentro do subgrupo, já trabalha nesse sentido, na medida em que, os Tatus07 possuem uma organização dotada de pessoas responsáveis pela execução de diferentes tarefas, cada uma contribuindo de maneira particular para o funcionamento do subgrupo. A base territorial e a organização administrativa são atributos que permitem visualizar os Tatus07 como grupo de referência.

Isto posto, a formação dos Tatus07 de maneira semelhante à uma organização burocrática se refere à delimitação territorial da área, abrangendo os sete bairros localizados na regional noroeste da capital mineira, impedindo que agrupamentos adversários se institucionalizem no local através do recrutamento de jovens para pertencer ao subgrupo e exigindo deles a presença na escola pública para facilitar a inserção no mercado de trabalho, ou seja, a “excelência do corpo”.

[...] E o que faz a entidade ser forte é a “excelência de corpo”, que é o discurso que eu tenho com os meninos hoje. Galera, se vocês estudarem, se vocês tiverem um trabalho bacana, vocês estão fortalecendo a entidade. E muitos não têm essa visão [...] (Entrevistado 14).

[...] O menino quando ele chega da favela e tal, ele não tenho orgulho próprio. Ele chega esperando assistencialismo. E você tem que ensinar. Por exemplo, eu brigava com os meninos. Eu não gostava de Racionais<sup>50</sup>, tenho nada contra, mas eu achava que eu não podia exaltar Racionais. Por que? Porque eu gostava, por exemplo, de Mv Bill<sup>51</sup>. (...) E ele pregava uma coisa assim: você não tem que se sentir coitado porque você mora na favela. Tem neguinho descendo para ir buscar o canudo [diploma]. Era uma frase dele. É essa autoestima que os meninos deveriam ter. Ô velho, não fique achando que você não é melhor porque você mora na favela. A ideia que você deu para nós para carregar as bandeiras aquele dia lá. Tem cara que tem 10 anos na torcida e não tem. E aí o menino cria coragem e às vezes a ideia nem foi tão boa, mas ele cria coragem para no momento em que a gente tá aqui discutindo, ele dá opinião dele que pode ser a boa [...] (Entrevistado 14).

<sup>50</sup> Racionais é uma banda de *Rap* brasileira, estilo musical.

<sup>51</sup> MV Bill é um *rapper* brasileiro.

A “excelência do corpo” contribuiu significativamente para que os jovens internalizassem certos valores educacionais, representados, por exemplo, pela visualização do trabalho como fonte de renda e do estudo como preparação para o trabalho. A concepção construída pelo primeiro líder do subgrupo e transmitida às demais lideranças funcionou como um dispositivo que impediu a evasão escolar por parte dos integrantes mais novos dos Tatus07. Este fato foi constatado nas incursões de campo, visto que os membros do subgrupo frequentam as escolas e uma quantidade expressiva de jovens cursam graduação ou pós-graduação, apesar das dificuldades socioeconômicas vivenciadas por eles<sup>52</sup>. Esta particularidade do subgrupo se difere das gangues de jovens envolvidas com o comércio ilegal de drogas, uma vez que os últimos abandonam as escolas ainda no ensino fundamental ou médio, possuindo dificuldades para concluir os estudos (SILVEIRA, 2008).

A partir disso, foi possível verificar que a valorização da questão educacional propiciou a inserção dos Tatus07 no mercado de trabalho, de forma que até as reuniões do subgrupo são marcadas somente após o horário comercial. Uma das poucas justificativas aceitas pelos diretores dos Tatus07 em relação à ausência nas reuniões se refere aos motivos relacionados com o trabalho, aspecto que possibilita a permanência do membro no subgrupo.

[...] Bom, eu divido esse meu círculo social basicamente em família, todos eles sabem que eu sou da torcida organizada; pessoal da faculdade (eu tô saindo da faculdade agora); ambientes de estudo, ambientes acadêmicos também falo, não vejo nenhum problema nisso; o ambiente da torcida organizada. Porém, no trabalho não; a única coisa que eu não misturo é torcida no ambiente de trabalho, porque lá é bem formal, você tem que passar uma credibilidade, eu mexo com financiamento de projetos, assim, você tem que ter sua imagem querendo ou não. E infelizmente, você falar que é de torcida organizada é uma “queimação de filme” muito grande, então no ambiente de trabalho eu não me exponho [...] (Entrevistado 7).

[...] Pois é, tem muita gente que fica nisso, acha que a gente não trabalha, que a gente é vagabundo. Que nem por exemplo meu pai, ele sabe que eu sou da torcida organizada, mas ele sabe que eu sou tranquilo demais. Geralmente, quando tava naquela empolgação, quando a gente criou a sede lá. Ai, de vez em quando até no meu horário de almoço eu ia lá, era pertinho do meu serviço aí eu ficava com os meninos lá. Aí quando as vezes eu chego. Ah, eu nem almocei hoje. Ah, você foi lá para a sede né? Aí, eu falo assim: não, não fui não. Entendeu? Aí quando você fala alguma coisa negativa, alguma coisa assim, todo mundo acha que você está envolvido com torcida [...] (Entrevistado 1).

Com a delimitação da área de atuação pelos Tatus07 e a “excelência do corpo”, o líder do subgrupo institucionalizou a “Operação Caça-Lobisomens” para expulsar aqueles jovens

---

<sup>52</sup> Essa peculiaridade do subgrupo me chamou a atenção nas primeiras incursões de campo. Somente após as entrevistas realizadas com os fundadores e ex-líderes é que a “excelência do corpo” foi destacada como um primeiro princípio do agrupamento. Nos dias atuais, os diretores não precisam reforçar essa norma, dado que os integrantes já internalizaram o valor educacional e do trabalho como uma premissa para pertencer ao subgrupo.

considerados como rivais do território, não só por pertencerem à torcida organizada rival, mas também para retirar de circulação pessoas que não possuíam o mesmo objetivo construído por eles. Para os Tatus07, era inaceitável confrontos entre os grupos de jovens na região. Esse fato explica os motivos pelos quais os Tatus07 passaram a fazer a vigilância do local, procurando identificar quem são as pessoas que circulam pelas ruas e quem pode oferecer perigo a algum morador ou jovem da “Sé7ima”.

Para além dos confrontos corporais com os inimigos, o processo de construção de masculinidades através dos treinamentos em artes marciais possibilitou que os Tatus07 fossem vistos como os “caras de respeito” pelos mais diversos grupos de jovens constituídos na região. Um dos ex-líderes dos Tatus07 ressalta que: “o modo da gente impor respeito era na porrada” (Entrevistado 4). Nessa perspectiva, a ausência das instituições estatais que teriam como propósito regular e controlar as relações sociais estabelecidas pelos habitantes das grandes metrópoles brasileiras foi um dos principais motivos que propiciou o surgimento da violência como modo de vida entre os diversos jovens moradores das cidades (ZALUAR, 2005; MACHADO DA SILVA, 2004).

Assim sendo, é possível dizer que o subgrupo estudado normatizou a violência, através do uso da força e da imposição física, como formas de estabelecer relações sociais. Através desse modo de agir, os Tatus07 buscam evitar o acontecimento de situações negativas na região, o que proporcionou que eles conquistassem reconhecimento por parte dos jovens moradores, segundo as narrativas construídas por eles próprios. O estabelecimento de determinados códigos de conduta passaram a vigorar entre os jovens pertencentes ao subgrupo devido ao poder que eles passaram a obter das lutas físicas ou corporais.

[...] “Juntos somos mais”, porque o discurso para a gente acabar com a rivalidade do Pindorama, Glória, São José. Você tem noção como que fica a minha cabeça quando eu vejo os meninos hoje? Os caras com camisa com esse *slogan*? Nós estamos falando aqui de... Nós estamos falando de 25 de julho de 1993, data de fundação oficial dos Tatus07 [...] (Entrevistado 14).

[...] Sei, é a nossa união mesmo que prevalece e sempre vai prevalecer. A gente tem união que se a gente for comer cachorro quente, a gente gosta que vai todo mundo. Então se a gente vai no jogo a gente quer que todo mundo vai [...] (Entrevistado 1).

Por último, destaca-se que para atenuar as dificuldades vivenciadas tanto pelos Tatus07 quanto pelos seus entes queridos ou conhecidos, os membros do subgrupo passaram a promover as ações filantrópicas, favorecendo aqueles que necessitavam dos benefícios – alimentos, roupas, brinquedos, doações de sangue ou recursos financeiros – desenvolvendo atividades na área do lazer, da assistência social e promovendo a saúde dos moradores, responsabilidades que

deveriam ser garantidas através das políticas sociais formuladas pelo poder estatal para diminuir as desigualdades estruturais na sociedade. Com isso, pode-se constatar que os Tatus07, ao longo do tempo, passaram a responder algumas demandas dos moradores da região, apropriando da afinidade clubística para atuar na localidade, beneficiando alguns moradores do local.

Para além disso, um fato curioso sobre a formação pessoal do primeiro líder do grupo tem importância representativa no modo de ação que passou a caracterizar os Tatus07, principalmente no que diz respeito à inserção minuciosa do agrupamento no território em que atua e à sua forte presença na dinâmica social vigente por lá. Tendo esse jovem herdado de seu pai o gosto pela leitura, ele destaca que os primórdios da formação do subgrupo foi inspirado pela obra de Carl von Clausewitz – um general prussiano que comandou as tropas militares na guerra contra Napoleão, em 1812. De maneira geral, o autor ressalta que a guerra está intrinsecamente relacionada com a política do Estado, uma vez que os combatentes devem construir alguns princípios em relação às batalhas que estão submetidos aos valores políticos.

[...] Por exemplo, você já leu Clausewitz? É um livro. Chama “Da Guerra: a arte da Estratégia”. E o Clausewitz é um cara que foi o comandante das tropas. Aí, eles falam: um cara que ousou enfrentar Napoleão. Aí, ele ensina várias coisas. Por exemplo, você vai brigar, você tem que ter o conhecimento do território [...] (Entrevistado 14).

Para esse líder, os ensinamentos da obra são simples, porém o mais difícil está relacionado com a aplicação dos conceitos no contexto local. O primeiro mandamento aprendido pelo líder se refere ao pleno conhecimento do território de atuação, pois o inimigo poderá fazer alguma emboscada, caso não se leve em conta a geografia do local e os equipamentos urbanos como, por exemplo, as ruas, as avenidas, os locais sem luminosidade e os córregos. Isto quer dizer que esses lugares podem ser usados como áreas de ataques dos inimigos, prejudicando os membros do subgrupo. Cita-se, como exemplo, uma emboscada que poderia ser realizada em uma área próxima aos córregos da região, fato que poderia ocasionar em mortes, pois eles não teriam espaço suficiente para os enfrentamentos físicos.

O segundo mandamento está relacionado com a “posição controlada”. Eles devem se situar em pontos estratégicos do território, dado que precisam de uma rede de proteção que sinalize a chegada dos inimigos. Ou seja: posicionar nos locais estratégicos também pode evitar encontrar com o rival de forma surpreendente. Inclusive, a subsede está localizada em uma avenida movimentada da região e entre residências e comércios, como uma estratégia de proteção do subgrupo, pois estão cercados dos moradores que podem avisá-los da circulação dos rivais pela região.

Por último, o terceiro aspecto e o mais importante deles, tem a ver com as batalhas corporais. Eles não devem acuar o inimigo em ruas sem saída, pois os rivais podem pensar que vão ser mortos e destinar toda a sua capacidade de violência contra eles, fato que poderia, inclusive, coloca-los em situação de risco. Por isso, a importância dos confrontos físicos serem nas avenidas e ruas movimentadas da região para que os “blocos” possam tanto se enfrentarem quanto correrem do ataque do inimigo. Isto possibilita dizer que os Tatus07, como o primeiro subgrupo a ser formado no interior da Tatudominado e o que possui uma quantidade expressiva de seguidores, possuem uma ética voltada para normatização da violência, procurando mediar os conflitos entre os jovens da região e buscando confrontar com os demais agrupamentos para obter o reconhecimento ocasionado pelo prazer da luta, sem retirar a vida dos rivais.

## **5 OS CLÁSSICOS DE FUTEBOL NA CAPITAL MINEIRA**

---

## **5 OS CLÁSSICOS DE FUTEBOL NA CAPITAL MINEIRA**

No decorrer desse capítulo serão mostrados os preparativos para as festas da Tatudominado pelas mais diversas arquibancadas e a atuação dos membros do subgrupo nos momentos que antecedem os clássicos de futebol, integrando a Tatudominado com o objetivo de proteger os símbolos da torcida organizada. Serão relatadas também a atuação dos Tatus07, vigiando e controlando os comportamentos dos demais torcedores (organizados ou não) nas arquibancadas dos estádios da capital mineira.

### **5.1 OS PREPARATIVOS PARA OS CLÁSSICOS DE FUTEBOL PELA TATUDOMINADO**

Um dos estudos destinados a compreender os motivos pelos quais uma multidão de torcedores exalta os comportamentos de futebolistas, obtendo êxtase durante as partidas da modalidade, foi realizado por Johan Huizinga, em 1938. O historiador descreveu como os estádios de futebol possibilitavam aos torcedores uma separação com a vida cotidiana, dado que a delimitação do espaço como um local sagrado (estádio) e do tempo (90 minutos) propiciavam as diversas formas de ritualizações. No que tange às torcidas organizadas, ao longo dos dias ou até meses, elas se preparam para os clássicos de futebol, confeccionando materiais que serão utilizados nas tribunas e planejando as suas atuações no interior dos estádios para obterem êxito nas festas realizadas em cima das arquibancadas.

Desde a expansão da Tatudominado na capital mineira, primordialmente, a partir da década de 1990, os fundadores da torcida organizada se preocupavam em confeccionar o maior número de bandeiras e a bandeira grande – conhecida por bandeirão – visto que são os principais materiais que possibilitam obter notoriedade entre as demais torcidas organizadas espalhadas pelo país. Ademais, a aquisição de instrumentos percussivos, os ensaios da bateria e as canções exaltando os clubes de futebol se tornaram uma obrigatoriedade por parte desses agrupamentos com o objetivo de animar a torcida. Assim sendo, os clássicos de futebol passaram a ser os momentos mais desejados pelos torcedores organizados, visto que esses jogos deflagram de forma mais clara a disputa entre os diferentes grupos de torcedores, constituindo um cenário propício para revelar a força e mostrar o trabalho daquelas pessoas que destinam parte de suas vidas para apoiarem seus clubes.

As bandeiras e o bandeirão são confeccionados por um artista renomado na capital mineira. Um dos tecidos mais utilizados para a confecção dessas bandeiras é o poliéster, caracterizado por ser um pano leve e por possuir um baixo custo/benefício. Geralmente, ele é adquirido nas lojas localizadas no Barro Preto – um bairro conhecido por ser o polo da moda em Belo Horizonte. Após a compra desse material, o artista solicita as costureiras de sua confiança para coser os tecidos a fim de que eles tomem a forma padrão das bandeiras, isto é, 4 metros de largura por 4 metros de comprimento. Em um dos lados, a dobra cosida na barra deve medir 4 cm com o objetivo de encaixar o bambu – utilizado como suporte para balançá-las no interior das arquibancadas. Além disso, 5 ilhoses são pregados na parte superior do pano, já que, em algumas ocasiões, elas são dependuradas nos espaços concebidos para as festas ou encontros. No caso do tecido ser branco, o artista desenha os símbolos à lápis, porém, se for azul, os símbolos são desenhados à giz. Logo em seguida, ele pinta a bandeira, destinando de 2 a 3 dias para confeccioná-la e o valor cobrado pelo trabalho juntamente com o material é de 250 reais<sup>53</sup>.

**Figura 25: Exemplos de bandeiras confeccionadas pelo artista.**



**As fotos foram cedidas pelo artista.**

No que se refere aos bandeirões – artefato utilizado para encobrir parte da torcida – o mesmo processo das bandeiras é realizado, porém o artista aluga um galpão e coloca uma lona por baixo do pano para evitar que o piso seja manchado pela tinta. Geralmente, os bandeirões – confeccionados para serem utilizados nas arquibancadas da Arena Independência – possuem em torno de 90 metros de comprimento por 20 metros de largura, custando em média 12 mil

<sup>53</sup> No mês de março de 2018, estima-se o valor de 80 dólares para a confecção das bandeiras.

reais<sup>54</sup>. Já os bandeirões utilizados no Mineirão possuem, aproximadamente, 180 metros de comprimento por 30 metros de largura, podendo custar o valor de 20 mil reais<sup>55</sup>. Para confeccionar as bandeiras grandes, o artista necessita de 10 a 15 dias para entregá-las. Porém, vale ressaltar que, ao longo desse período, os membros da Tatudominado devem escoltar o bandeirão, fazendo a vigilância do galpão com a finalidade de evitar possíveis roubos ou tentativas dos inimigos de destruí-lo.

[...] Aí, de madrugada, esses caras dos Lobisomens passa lá em baixo. Eles conseguiram passar do lado mais próximo do bandeirão. Eles fizeram tudo certo, só que deu azar. Chegaram e mandaram os coquetéis molotov. (...) Eles mandaram umas cinco garrafas, não quebraram nenhuma. Nós demos mó sorte, eu fui lá fora para ver. (...) Aquele tecido de bandeira que pega fogo, e foi no centro, no meio certinho [...] (Entrevistado 15).

Para demonstrar o quanto que o bandeirão é um material desejado pelos rivais e considerado como um patrimônio pelos torcedores organizados, destaca-se um acontecimento que marcou o ano de 2017: o roubo do bandeirão da Torcida Organizada Galoucura do Atlético Mineiro pelos integrantes da Máfia Azul do Cruzeiro. No dia 07 de maio, durante a madrugada, nove homens adentraram no galpão alugado pelo artista e furtaram a maior bandeira já confeccionada em Minas Gerais, utilizando um caminhão para transportá-la. Vale ressaltar que a sua estreia estava prevista para o clássico de futebol. Esse episódio é visto como humilhação por parte dos torcedores organizados. Para além disso, os integrantes da Máfia Azul divulgaram pelas redes sociais, as imagens do bandeirão sendo queimado, após dois dias, afrontando ainda mais os integrantes da Galoucura.

**Figura 26: Bandeirão da Galoucura sendo confeccionado em um galpão de BH.**



**O Tempo**<sup>56</sup>

<sup>54</sup> Em março de 2018, este valor possui a cotação de 3.650 dólares aproximadamente.

<sup>55</sup> Em março de 2018, estima-se o valor de 6.080 dólares para a confecção do bandeirão utilizado nas tribunas.

<sup>56</sup> Imagem disponível em: < <http://www.otempo.com.br/cidades/ladr%C3%B5es-usaram-caminh%C3%A3o-para-roubar-bandeir%C3%A3o-da-galoucura-1.1470379> > Acesso em: 19/02/2018.

**Figura 27: Foto do bandeirão da Galoucura sendo queimado pelos inimigos.**



**O Tempo<sup>57</sup>**

Destaca-se que a Tatudominado, também, conta com um regente de bateria para ensaiar cerca de 20 integrantes, em sua maioria, homens que tocam os instrumentos percussivos. A bateria da torcida organizada marca o ritmo das músicas entoadas pelos torcedores nas arquibancadas e das coreografias, com sons fortes ou fracos, de maior ou menor duração, caracterizando os momentos mais tensos ou excitantes das partidas de futebol. Geralmente, os ensaios acontecem aos sábados, a partir das 14 horas, em uma rua localizada próxima à sede da Tatudominado. Enquanto alguns torcedores organizados ensaiam as músicas e os batuques, os demais se encontram no local, estabelecendo relações e vínculos sociais em decorrência da afinidade clubística.

[...] Aí o que acontece? O pessoal chegou, começou a cantar, aí eu olhei com o meu primo, queria ver como é que era, quando a gente subiu pra arquibancada, esperando o pessoal entrar, aí sempre teve isso, entravam todas as bandeiras correndo naquele anel de baixo do Mineirão. Todo mundo correndo, a bateria ficava na porta começava a cantar, quando ela cantava o hino bem forte a galera entrava como se fosse abrir um cano de água forte, muita gente entrando aí quando eu olhei isso com um colega meu, com o meu primo, eu falei: cara, é isso que a gente quer! (Entrevistado 13).

Os preparativos para os clássicos de futebol assinalam duas situações opostas e vivenciadas pelos membros da Tatudominado: o prazer pela realização da festa e a inquietação diante dos perigos reais ou imaginários em relação aos adversários. Para controlar essa “adrenalina” provocada pelo sentimento de tensão e excitação em relação à partida, as instituições policiais convocam os presidentes desses agrupamentos para uma reunião, realizada na semana do clássico de futebol, com o objetivo de estabelecerem os percursos realizados por cada um deles e algumas orientações para prevenir os possíveis confrontos corporais<sup>58</sup>.

<sup>57</sup> Imagem disponível em: < <http://www.otempo.com.br/cidades/bandeir%C3%A3o-roubado-em-bh-aparece-em-v%C3%ADdeo-sendo-queimado-1.1471186> > Acesso em: 19 fev. 2018.

<sup>58</sup> Como o meu objeto de estudo se concentrou nos Tatus07, eu não realizei observação participante nessas reuniões.

Ademais, os policiais responsáveis por conduzir essa reunião definem a quantidade de patrimônios que poderão circular pela metrópole e serem utilizados nas arquibancadas. Com isso, nota-se a permissão de, no máximo, 5 bandeiras, 5 bambus, 1 faixa, 4 surdos (instrumentos percussivos), 1 repinique (tambor pequeno), 9 talabartes (uma alça que pendura o instrumento percussivo no corpo) e 9 baquetas<sup>59</sup>. Dessa forma, a polícia militar passou a controlar o grande número de materiais utilizados nas tribunas, procurando amenizar as rivalidades simbólicas entre as torcidas organizadas. Como bem expressa um membro dos Tatus07: [...] é, todo clássico, a polícia sabe tudo o que a gente faz, onde a gente vai passar, que horas a gente vai sair, e onde a gente vai, e tudo mais [...] (Entrevistado 1). Vale ressaltar que apesar dessa trama engendrada pelas torcidas organizadas, no que diz respeito aos Tatus07 observou-se uma configuração completamente distinta, a qual veremos a seguir.

## **5.2 OS MOMENTOS VIVENCIADOS PELOS TATUS07 ANTES DOS CLÁSSICOS**

Tomando como exemplo os clássicos de futebol que ocorrem aos domingos às 16 horas, é interessante notar que, no dia que antecede a partida, os torcedores organizados mais antigos e aqueles pertencentes aos diversos subgrupos consolidados na metrópole se aglomeram nas ruas próximas à sede da Tatudominado em busca de lazer e diversão como forma de socialização. Por volta das 13 horas, a bateria da torcida organizada inicia o seu último ensaio antes do jogo, ritmado pelo batuque dos tambores, motivando os demais jovens presentes no local a seguirem o ritmo das batidas com as palmas das mãos e com as forças de suas vozes, exaltando em tom alto o nome do clube de futebol. Alguns deles sentam nos bancos e nas cadeiras de um bar localizado na mesma rua da sede, outros se reúnem na sala de artes marciais e os demais conversam com os conhecidos pelo local. Eles querem demonstrar que possuem determinação para cantar, gritar ou xingar, realizando os mais diferentes gestos para exaltar o clube e desmerecer o adversário. Concomitantemente ao ensaio de bateria, a Tatudominado realiza churrascos ou campeonatos de truco para incentivar a presença dos torcedores organizados na sede. Afinal, quanto maior o número de integrantes, maior é o reconhecimento da torcida organizada.

---

<sup>59</sup> Como a Tatudominado é considerada como uma torcida organizada expressiva na capital mineira, as instituições policiais permitem a entrada de um número maior de artefatos, porém nas demais torcidas organizadas essa quantidade é inferior.

No que diz respeito aos Tatus07, eles atuam de uma forma completamente transgressora em relação ao próprio funcionamento da torcida organizada. A estrutura hierárquica, a construção da subsede, a constituição dos seus próprios símbolos e a institucionalização das regras e dos valores possibilitaram uma certa autonomia do subgrupo em relação às atividades propostas pela TatuDominado. Eles não sentem a obrigação de estar presentes nesses encontros. Porém, é importante destacar que eles se sentem na obrigação moral de participar dos encontros realizados pelos Tatus07 na “Sé7ima”, mesmo que isso esteja intrinsecamente motivado pelo receio de ser mal visto ou expulso do subgrupo. Para tanto, não é possível padronizar a atuação dos Tatus07 no dia que antecede o clássico de futebol, ou seja: para esse subgrupo, “cada clássico é uma história”. Eles constroem as suas próprias estratégias de circulação pela metrópole, ora sujeitando aos acordos estabelecidos entre as torcidas organizadas e as instituições policiais, ora “caçando os Lobisomens”.

[...] Mas, fora da mídia, no dia a dia, que um passa na porta da sede do outro e briga ali e acontece isso ou aquilo, sempre existe isso, sempre vai existir, enquanto existir Clube Esportivo Alterosa e Futebol Clube Del Rey isso nunca vai parar porque a violência tá incorporada na sociedade, né? E acaba atingindo o futebol, a torcida organizada, né? [...] (Entrevistado 3).

Às vésperas dos clássicos de futebol, muitas vezes, os Tatus07 preferem realizar um encontro na “Sé7ima”, convidando os jovens da região, membros antigos e moradores. Um dos Tatus07 se responsabiliza por levar a churrasqueira e os membros do subgrupo contribuem com o valor de 5 reais para a compra de refrigerantes e carnes. Vale ressaltar que não há qualquer consumo de álcool ou uso de substâncias entorpecentes nas dependências da subsede, dado que os membros podem sofrer punições severas se adotarem esse tipo de conduta, tão rechaçada pelos diretores do subgrupo. Esta situação é distinta do que acontece nos churrascos realizados na sede da TatuDominado, onde o consumo de bebidas alcólicas é permitido, mesmo porque eles aproveitam essa oportunidade para lucrarem financeiramente com a quantidade de cervejas vendidas. Os Tatus07 fazem os churrascos na varanda da subsede, local em que também encontra-se dependurada a bandeira com os lemas “Sé7ima é o poder” e “juntos somos mais”. Nesses dias, um número expressivo de membros (ativos e aposentados) frequentam a subsede para reencontrar os amigos, narrar sobre os episódios de confrontos físicos, contar sobre a formação histórica dos Tatus07 e ressaltar a importância das regras e dos valores instituídos pelo subgrupo.

[...] Tipo um caso, que tinha na arquibancada que umas quatro ou cinco vezes, a gente chegou e falou pro cara: ou, para. E o cara que tá brigando, bêbado lá? Você vai mandar ele parar de beber? Por exemplo, aí que tem muita gente que bebe. Eu não

bebo, não fumo e não uso droga, e eu acho que o cara que bebe e fuma maconha, acha que todas as brigas que tinha no estádio nas arquibancadas foram por pessoas bêbadas? Todas? Nenhuma. Sabe por que? A gente nunca bebeu? Porque a gente pensava: como é que eu vou conversar com um policial, com um jornalista com bafo de cerveja? Nós estamos responsáveis pela torcida, temos que está sóbrio e conversar tranquilamente [...] (Entrevistado 13).

Os integrantes também repassam as estratégias que as mulheres devem adotar para se protegerem diante dos embates físicos ocasionados entre os agrupamentos rivais. Um dos primeiros ensinamentos se refere a manter a calma, já que eles construíram um sistema de regras calcado em não agredir as pessoas em condições físicas consideradas inferiores. Porém, é necessário que elas corram em direção as avenidas ou as ruas mais movimentadas da região, procurando se proteger no interior dos estabelecimentos comerciais. Uma outra estratégia destacada pelos membros do subgrupo se refere às brigas que acontecem dentro ou no entorno dos estádios de futebol. Nesse caso, eles solicitam para que elas não corram, dado que a grande maioria das pessoas se ferem ou, até mesmo, morrem em função do esmagamento ocasionado diante do tumulto generalizado. Para isso, é preciso que elas encostem nas paredes ou nas grades dos estádios e aguardem o conflito cessar, seja pela ação dos próprios membros da Tatudominado ou pelas intervenções da polícia militar. Uma outra solicitação dos Tatus07 se refere à utilização das camisetas com os lemas “Sé7ima é o poder” e “juntos somos mais” pelas mulheres. Caso elas circulem sozinhas pelas ruas da capital mineira, os membros do subgrupo recomendam guardá-las nas mochilas ou nas bolsas, dado que a “farda” é um patrimônio almejado pelos rivais. Assim sendo, eles sugerem que elas utilizem as camisetas apenas nos momentos em que estão com o “bloco”.

Ao entardecer, a grande maioria dos membros retornam para as suas moradias e aguardam ansiosamente pelo instante mais esperado do ano: o encontro do “bloco” com os seus rivais na “pista”. Esse é o principal momento que consagrará o jovem enquanto “homem” em seu processo de construção de masculinidade. Não é só a rivalidade clubística que provoca o sentimento de êxtase, mas, também, os confrontos corporais que permitem ao jovem se reconhecer enquanto um homem viril, valente ou guerreiro. Por outro lado, o nível de excitação é tão alto que alguns jovens passam a noite na subsede tensos com a possibilidade de embater fisicamente contra seus inimigos. Segundo as palavras de um entrevistado: [...] clássico é muito tempo, a gente espera muito tempo para o clássico e acontece muita coisa durante a semana do clássico [...] (Entrevistado 1).

Nesses encontros que antecedem os clássicos de futebol, os diretores dos Tatus07 definem um local de referência para se reunirem às 07 horas da manhã com os membros do

subgrupo. Cabe ressaltar que esse horário deve ser cumprido à risca, uma vez que um jovem sozinho na região pode se colocar em perigo. Além do mais, esses lugares são alterados a cada clássico para disfarçar os rivais em relação aos planejamentos dos Tatus07. Se, nas reuniões realizadas pelos membros do subgrupo, observa-se a presença de 50 jovens, nos dias destinados aos clássicos de futebol é possível contar com a participação de, pelo menos, 100 integrantes do subgrupo, sejam eles ativos ou que abandonaram as atividades realizadas pelos Tatus07. Isto significa dizer que nos jogos de maior visibilidade, eles devem formar o “bloco” através de uma quantidade significativa de jovens, visto que quanto maior o número de integrantes, maior a probabilidade de protegerem os seus membros e obterem prestígio e reconhecimento entre os jovens que construíram um estilo de vida baseado na luta e pelo prazer de lutar. É no “pedaço” que eles se encontram para circular pelos espaços da metrópole, denominado por “manchas” urbanas, conforme as categorias explicitadas por Magnani (1992).

Aqui, vale ressaltar que, em muitas ocasiões, as mulheres são proibidas de circularem com o “bloco” pela cidade. Além do mais, nas partidas em que os torcedores do Clube Esportivo Alterosa ocupam uma pequena parcela do público nas arquibancadas, as mulheres não possuem prioridade para adquirir as suas entradas, pois são vistas como fracas e os membros do subgrupo desejam protegê-las. Entretanto, o que parece importante destacar é que eles dão prioridade aos homens porque desejam combater fisicamente contra os rivais. Além disso, elas cumprem uma função primordial para os Tatus07: são responsáveis por guardar os pertences dos jovens para que eles possam lutar sem qualquer material (mochila, óculos, bonés, correntes) que impeça o desempenho corporal.

Após o encontro dos membros do subgrupo em algum local da “Sé7ima”, os Tatus07 pegam uma condução para leva-los até a sede da Tatudominado. Por diversas vezes, os jovens não pagam as suas passagens, uma vez que pular as roletas faz parte do percurso realizado pelos membros do subgrupo como forma de diversão. Por outro lado, é interessante notar que os motoristas e os trocadores não se incomodam com essa atitude, primordialmente, porque são beneficiados com as lembrancinhas na época do natal e pelas ações beneficentes realizadas pelos Tatus07. Já, no interior do transporte coletivo, os membros do subgrupo cantam, gritam, xingam os torcedores do clube adversário e batem com os pés e as mãos na lataria do ônibus. Esse tipo de conduta assusta os transeuntes, despertando um sentimento de repúdio em relação aos comportamentos desses jovens por parte dos cidadãos belo-horizontinos. Ao longo de todo o percurso, os Tatus07 adotam uma estética corporal baseada na figura do jovem transgressor.

Com a chegada dos Tatus07 na sede, nota-se o quanto que o subgrupo possui visibilidade entre os demais agrupamentos constituídos na torcida organizada. Essa

particularidade pode ser observada pela quantidade expressiva de jovens uniformizados com as “fardas”, estampando os seus próprios símbolos, distintos da Tatudominado, prevalecendo apenas aqueles constituídos pelos Tatus07. Além do mais, não é possível observar qualquer simbologia que faça menção à Tatudominado. Enquanto alguns jovens apenas observam a chegada dos membros do subgrupo, indiferentes com a formação do “bloco”, um outro agrupamento, destacado anteriormente como Tatus A, passam a competir com os jovens que representam a “Sé7ima”.

A competição é visualizada pelo número de integrantes que compõem os dois agrupamentos para formar o “bloco” de maior destaque no interior da torcida organizada, assim como pela disposição em expressar palavras de ordem como “juntos somos mais” e “Sé7ima é o poder” pelas ruas próximas da sede. Isto significa que eles destacam a região de moradia como superior à Tatudominado. Para além disso, as músicas criadas pelos Tatus07 retratam os episódios de confrontos ocasionados entre eles e seus rivais. Esses dois “blocos” – partes da mesma torcida organizada – se aproximam, cantam e gesticulam uns para os outros, travando uma competição simbólica. É certo que, em algumas situações, essas competições acabam em confrontos corporais, porém, nos últimos anos, os conflitos entre os membros no interior da Tatudominado se encontram apaziguados.

Após uns dez minutos, os “blocos” encerram esse ritual de encontro e passam a conviver com os demais torcedores organizados, transformando as ruas próximas à sede em uma grande festa visualizada através das bandeiras espalhadas entre os jovens – pertencentes, em sua grande maioria, aos Tatus07 e aos Tatus A – subgrupos que possuem maior notoriedade no interior da torcida organizada. Para tanto, balançar as bandeiras nos dias destinados aos clássicos de futebol é um atributo de prestígio, visto que é preciso ter força muscular e adquirir a habilidade necessária para manuseá-las de maneira adequada.

Nesses dias, particularmente, chama atenção a presença de policiais militares posicionados no entorno da sede. Com o histórico de confrontos corporais transmitidos pelos veículos midiáticos, ressaltando uma maior participação dos jovens pertencentes às torcidas organizadas nos tumultos em decorrência da violência no futebol, os agentes de segurança pública estão presentes nesses locais para garantir a ordem e prevenir possíveis episódios de violência entre as torcidas organizadas constituídas na capital mineira.

Logo após a preparação dos materiais que serão utilizados na arquibancada, os torcedores organizados se reúnem para caminhar até ao estádio de futebol com o propósito de assistir à partida e incentivar o clube. Nesse percurso, é possível observar a presença dos policiais militares à frente de todos os membros da Tatudominado, escoltando os jovens, bem

como os patrimônios da torcida organizada. Logo atrás, visualiza-se uma Kombi dirigida por um torcedor organizado com as bandeiras, os bandeirões e os instrumentos percussivos – materiais em que as suas entradas foram permitidas pelas instituições policiais. Em seguida, encontra-se um jovem adulto forte, balançando uma bandeira, nesse caso, com o símbolo da Tatudominado, durante todo o percurso até o destino final. Posteriormente, vêm os Tatus07 – que são os jovens treinados e preparados para confrontar fisicamente contra os rivais, que constroem as suas próprias masculinidades através do uso da força física como atributo de poder. Com isso, pode-se afirmar que a consolidação do subgrupo na “Sé7ima”, institucionalizando uma estrutura hierárquica, criando os seus próprios símbolos, construindo a subseleção, constituindo um sistema de regras e princípios, além dos treinamentos, resultou na manutenção desses jovens no interior da torcida organizada como “linha de frente”, pois a Tatudominado depende desse subgrupo para proteger os seus patrimônios, dado que eles possuem disposição para confrontar com os rivais que construíram o mesmo estilo de vida calcado nos treinamentos em artes marciais, utilizando da força física como processo de construção de masculinidades. Logo depois, observam-se os demais torcedores organizados e, por último, as mulheres.

Essa caminhada se assemelha às procissões católicas marcadas pela devoção a um objeto sagrado. Este objeto – nas procissões um santo, para os torcedores a bandeira da Tatudominado – possui um significado tanto para os fiéis, quanto para os torcedores organizados, os quais caminham em direção à casa de Deus ou ao estádio de futebol, espalhando a fé e a devoção à religião ou ao clube do coração pelas ruas da metrópole. Enquanto os fiéis entoam as preces da religião, os torcedores organizados cantam as músicas elaboradas por eles. Ao chegarem aos estádios de futebol, notam-se uma quantidade de torcedores com terços pendurados no pescoço ou assegurados nas mãos. Além disso, é possível visualizar alguns torcedores comuns se fantasiando de jogadores que foram “canonizados” pela torcida, porém, em relação a esse ponto específico, os Tatus07 ressaltam que isso constitui um tipo de comportamento que é considerado “muito fanatismo” por parte deles.

Assim sendo, os clássicos de futebol são os momentos mais propícios para o estabelecimento dos embates físicos, dado que os mais diversos jovens circulam pela metrópole para assistirem as partidas, propiciando o encontro entre os agrupamentos que possuem o mesmo estilo de vida voltado para a construção de masculinidades através do uso da força física. Entretanto, mesmo que os Tatus07 circulem para “caçar os Lobisomens”, na grande maioria das vezes, os “blocos” não se encontram.

Com o histórico de confrontos entre os torcedores organizados, as instituições policiais passaram a intervir nesses agrupamentos, seja através de reuniões, da escolta de patrimônios ou por uma série de estratégias advindas do poder estatal, que serão retratadas no próximo capítulo. Assim, as dinâmicas espacial e temporal dos confrontos se alteraram e os jovens passaram a se encontrar em outros dias da semana, primordialmente, nas avenidas ou nas ruas que se localizam entre a regional barreiro e a noroeste. Entretanto, a estética do combate assume uma particularidade interessante entre esses agrupamentos, dado que eles promovem um cenário espetacular diante do encontro com os rivais.

Ao se avistarem, nos primeiros segundos, os corpos dos jovens se erguem, as aparências transmitem semblantes malignos, as mãos se fecham para demonstrar a disposição ao combate e eles caminham em “bloco” em direção aos rivais. Logo de imediato, alguns jovens correm para enfrentar outros, assim como uns tentam se proteger e, por fim, observa-se um cenário de socos e pontapés nem sempre atingindo os membros dos “blocos” e uma quantidade de objetos, como cadeiras, mesas ou garrafas, sendo arremessados uns contra os outros. Nas vias de circulação dos automóveis, pode se escutar uma quantidade expressiva de buzinas, os gritos de mulheres apavoradas com os seus filhos nos colos, transeuntes correndo para se proteger, faróis de carros piscando e os estabelecimentos comerciais fechando as suas portas. Durante o confronto, é possível escutar os próprios jovens dos “blocos” gritando “sem covardia”. Essas batalhas duram em torno de 5 a 10 minutos e o impressionante se refere ao fato de que, pelo menos, no caso dos Tatus07, não se pôde observar qualquer ferimento grave. Após descrever os momentos que antecedem os clássicos de futebol tanto pela Tatudominado, quanto pelos Tatus07, a atuação dos membros do subgrupo nas arquibancadas serão retratadas no próximo tópico.

### **5.3 A ATUAÇÃO DOS TATUS07 NAS ARQUIBANCADAS**

Como exposto, os clássicos de futebol são marcados por uma série de ritualizações, primordialmente, no dia e nas horas que antecedem a partida futebolística. Ao chegarem nas arquibancadas, observam-se que os Tatus07 atuam vigiando e controlando o comportamento dos demais torcedores.

Enquanto a bateria da Tatudominado ocupa o centro da arquibancada, uma vez que ela é responsável por animar os diversos torcedores através das músicas e dos batuques, os Tatus07

se encontram à direita dos percussionistas. Nesse lugar, os membros do subgrupo possuem maior visibilidade ao serem filmados pelas câmeras que transmitem a festa realizada pela torcida organizada nos momentos em que algum jogador faz um gol ou que o time obtém êxito nos campeonatos. Ou seja: qualquer pessoa que assistir à partida pela televisão irá reconhecer os Tatus07, visto que eles carregam consigo as suas próprias faixas, camisetas ou objetos que mostram os lemas e os símbolos construídos ao longo dos anos. Cada integrante possui uma faixa estampando as expressões “Sé7ima é o poder” e “futebol é porrada”, além de vestirem uma camiseta com destaque para a região que eles representam: a “Sé7ima”. Cabe destacar que não necessariamente eles precisam adquirir a camiseta da torcida organizada, bastando que utilizem as cores que fazem alusão ao clube de futebol. Como exemplo, citam-se as duas torcidas organizadas da capital mineira: a Galoucura e a Máfia Azul vestem uniformes brancos com escritos em preto e azul, respectivamente. Já a Torcida Organizada Império Alviverde do Coritiba *Foot Ball Club* veste camisas verdes e a Gaviões da Fiel do Corinthians utiliza o preto nas tribunas.

Sobre a atuação dos Tatus07 nas arquibancadas assumindo a função de controlar os demais torcedores, diferentes são as situações capazes de exemplificar este acontecimento. Assim, se houver qualquer torcedor (organizado ou não) que utilize alguma peça aludindo à cor do clube adversário, os Tatus07 se organizam para retirar à força esse pertence da pessoa. Em uma certa ocasião, foi possível presenciar essa atuação dos membros do subgrupo, onde eles exigiram que um torcedor retirasse o tênis para entregar o par de meias com a cor do clube adversário. De outra vez, um dos torcedores presentes nas arquibancadas passou com uma camiseta que fazia referência a cor do principal rival por baixo de uma camiseta que representava o Clube Esportivo Alterosa. Mais uma vez, cinco jovens fortes pressionaram um determinado torcedor a entregar a vestimenta, mediante o constrangimento e sem resistir a essa conduta adotada pelos Tatus07.

Consta que, durante a década de 1990, era muito comum o lançamento de objetos entre os torcedores que ocupavam as arquibancadas, assim como em direção aos árbitros, bandeirinhas ou jogadores no campo de futebol. Tais objetos poderiam ser tanto copos descartáveis com cerveja ou urina, como também garrafas de água ou até bombas. Com a promulgação do Estatuto de Defesa do Torcedor<sup>60</sup>, um dos artigos objetivou criminalizar esse tipo de conduta realizada por parte dos torcedores (organizados ou não). Caso esse fato aconteça, a legislação passou a responsabilizar a torcida organizada em relação ao episódio,

---

<sup>60</sup> O Estatuto de Defesa do Torcedor será melhor descrito no próximo capítulo.

com a proibição da entrada dos instrumentos percussivos, das bandeiras, do bandeirão e das camisetas com os símbolos da torcida organizada por um determinado período de tempo estipulado pela justiça.

Com isso, os Tatus07 passaram a identificar os possíveis torcedores que, atualmente, lançam objetos em direção ao campo de futebol para prendê-los e encaminharem à polícia militar presente no interior dos estádios, evitando que a torcida organizada seja penalizada em função do comportamento de apenas um torcedor. Isso quer dizer que a força física adquirida pelos Tatus07 através dos treinamentos em artes marciais possibilitou que eles passassem a controlar, não só o comportamento dos integrantes do subgrupo, como também a prender os desordeiros presentes nas tribunas. De fato, a presença dos Tatus07 nas arquibancadas foi de fundamental importância para o controle das condutas dos torcedores (organizados ou não).

De outra vez, dois torcedores organizados, que ocupavam o mesmo espaço devido ao pertencimento à Tatudominado, se desentenderam pelo simples fato de um deles exigir ao outro que cantasse para apoiar os jogadores do clube durante a partida. Porém, ele se negou, fato que culminou em xingamentos e agressões por parte de ambos os torcedores organizados. Em segundos, os Tatus07 evitaram o tumulto, separando os jovens envolvidos nesse episódio, a fim de evitar as penalidades impostas pela legislação. Ou seja, eles passaram a atuar mediando os conflitos nas arquibancadas. É interessante notar que esse conflito, nem sequer durou 2 minutos, mas os veículos midiáticos transmitiram ao vivo a discussão de uma forma tão espetacular que os familiares dos torcedores organizados passaram a telefonar e a enviar mensagens para saber notícias dos jovens presentes nas tribunas.

Vale destacar que o espaço do estádio comumente ocupado pelos torcedores organizados também é frequentado pelos torcedores “comuns”. Assim sendo, é muito habitual escutar das pessoas que a quantidade de bandeiras, o bandeirão e as faixas atrapalham a visão do jogo por parte dos demais torcedores. Por isso, muitos deles preferem adquirir ingressos em outro setor, mesmo que sejam comprados por valores mais caros. Porém, aqueles que adquirem as suas entradas no mesmo local da Tatudominado, em algumas situações, gritam para abaixarem as bandeiras, uma vez que esses objetos atrapalham a visão do jogo pelo torcedor. Nesse caso, os Tatus07 ameaçam expulsar a pessoa do local, justificando que o espaço foi concedido à torcida organizada para realizar a festa na arquibancada. Inclusive, em uma certa ocasião, presenciei os Tatus07 retirando um desses torcedores da arquibancada, através do uso da força física, com o objetivo de mostrar que esse espaço foi concedido e apropriado por eles.

Outra questão importante de se observar é que os locais ocupados pelas torcidas organizadas também são espaços de contestação. Com isso, é muito comum, observar que o

mal desempenho dos jogadores durante a temporada dos campeonatos de futebol propicia uma reação por parte dos torcedores organizados. Em uma das partidas, a Tatu dominado solicitou aos torcedores para que assistissem aos jogos assentados nas cadeiras, sem festejar qualquer lance. Os Tatus<sup>07</sup> obrigaram aqueles que não quiseram aderir à manifestação a assentarem com o propósito de tornar o protesto bem-sucedido, surtindo algum efeito no desempenho dos jogadores, do técnico ou na atuação dos dirigentes do clube. O silêncio da torcida organizada foi estarrecedor. Em outra ocasião, palavras de ordem como “fora” expressado juntamente com o nome do técnico, também foram algumas demonstrações de protesto por parte dos torcedores organizados. O coro das vozes e a quantidade de gestos realizados por eles influenciaram os demais torcedores que ocupam outros espaços, sendo transmitido pelas emissoras televisivas, provocando constrangimento em relação ao time e possibilitando uma nova atuação do clube e a demissão do técnico de futebol. No entanto, os atos políticos no sentido de protestos contra a corrupção de prefeitos, governadores ou presidente não são bem vistos pelos membros do subgrupo, sendo passíveis de desmerecimento por parte dos torcedores organizados. Eles ressaltam que a arquibancada não é o local adequado para esse tipo de conduta.

#### **5.4 OS TATUS<sup>07</sup> COMO “MARGINAIS” OU “VAGABUNDOS”.**

A torcida organizada Garra Alvinegra que representa o ABC Futebol Clube do Rio Grande do Norte (RN) foi responsabilizada por cometer 22 homicídios em detrimento dos confrontos com o seu principal rival, a Mancha Vermelha do América Futebol Clube do RN, que carrega consigo 18 mortes, praticadas entre outubro de 1988 a fevereiro de 2017<sup>61</sup>. Entretanto, devido ao histórico de mortes ocasionados pelas rivalidades, o rótulo de “vagabundos” ou “marginais” é comumente atribuído também a qualquer torcedor organizado, segundo os relatos dos próprios jovens.

Nos estudos realizados por Edwin Lemert (1951) sobre o processo de interação entre a sociedade e aqueles indivíduos considerados como desviantes, o autor ressaltou duas categorias de desvio – o primário e o secundário. A partir dessas categorizações, ele construiu um modelo, conhecido por “resposta societal”, para demonstrar a reação da sociedade diante de um determinado comportamento desviante (WERNECK, 2014, p. 110). Diversos fatores sociais,

---

<sup>61</sup> Informações disponíveis em: < <http://www.lance.com.br/futebol-nacional/potiguaires-paulistas-goianos-crenenses-sao-torcedores-que-mais-morrem-matam-brasil.html> > Acesso em: 06 abr. 2018.

psicológicos ou patológicos podem influenciar um indivíduo a adotar uma conduta desviante, porém essa pessoa apenas assumirá esse *status*, se a sociedade reagir de maneira negativa em relação ao seu comportamento.

A partir dessas considerações, é possível extrapolar a construção teórica e pensar que carregar uma rotulação de “marginal” ou “vagabundo” pode influenciar diretamente na construção da trajetória de vida de um sujeito. A ocorrência disso se explica no fato de que o processo de estigmatização, sanção ou segregação pode levar à internalização do rótulo atribuído, tornando o indivíduo mais propício a afirmar a caracterização que lhe foi dada, cometendo, assim, novos atos desviantes, chamados de desvios secundários. O fortalecimento dessa perspectiva se deu, principalmente, na constatação de que nem todos os indivíduos que transgridem a lei são considerados desviantes (BECKER, 2008).

No caso dos Tatus<sup>07</sup> são observados a vinculação comum de seus membros a palavras como “vagabundos” ou “marginais”, que constituem atributos comumente utilizados pelos meios de comunicação para se referir aos seus integrantes. Historicamente, pode-se dizer que essa relação tornou-se mais notável após os primeiros episódios mais representativos de violência envolvendo torcedores organizados no Brasil: a morte de Cléo Sóstenes – presidente da Torcida Organizada Mancha Verde – em 1988 por membros da torcida organizada rival (HOLLANDA, 2012; 2014; TOLEDO, 1996) – e a “batalha campal do Pacaembu” em 1995 (HOLLANDA, 2012; TEIXEIRA, 2001), ambos destacados como eventos importantes para a nomeação de torcedores organizados como “vagabundos” ou “marginais”. A comoção da sociedade perante tais acontecimentos motivou uma série de intervenções por parte do poder estatal, as quais serão descritas no próximo capítulo.

Em relação a capital mineira, em 2004, dois episódios protagonizaram a violência entre os torcedores organizados. O primeiro ocorreu no dia 11 de abril, na estação de ônibus Venda Nova, local onde integrantes da Galoucura espancaram Francisco Agnaldo Felício – membro da Máfia Azul<sup>62</sup>. Após 3 meses, Gustavo Teles Gonçalves foi morto com um tiro na cabeça por torcedores organizados da Máfia Azul na região central da metrópole<sup>63</sup>. Enquanto o ano de 1988 marcou o início dos homicídios ocasionados pelos confrontos entre as torcidas organizadas na capital paulista, somente em 2004 é que se pode notar os homicídios ocasionados através dos confrontos estabelecidos entre os torcedores organizados em Belo Horizonte.

---

<sup>62</sup> Informações disponíveis em: < <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2007/04/11/ult59u117970.jhtm> > Acesso em: 26 mar. 2018.

<sup>63</sup> Informações disponíveis em: < <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2004/07/12/ult59u85746.jhtm> > Acesso em: 26 mar. 2018.

Assim sendo, pode-se dizer que, para os Tatus07, o sucesso desse rótulo tem relação com os seguintes fatores: eles advêm das “quebradas”, são jovens do sexo masculino, pretos ou pardos e possuem baixo poder na hierarquia social, verificado, inclusive, no estudo sobre o perfil dos torcedores organizados de Belo Horizonte, realizado por Silva et. al. (2012). Assim sendo, o rótulo de “marginal” ou “vagabundo” foi atribuído com sucesso e os jovens já se inserem no subgrupo sabendo que serão reconhecidos através desses estereótipos construído socialmente no processo de interação entre a sociedade e os torcedores organizados. Diante disso, faz-se necessário perguntar os motivos pelos quais os jovens se inserem no subgrupo, mesmo que saibam da imagem deteriorada que eles possam adquirir pela sociedade, pela mídia ou pelos agentes estatais.

Com o passar dos anos, os Tatus07 foram se estruturando hierarquicamente, realizando ações beneficentes, reuniões e festas, além de institucionalizarem os treinamentos em artes marciais para adquirir força física como atributo de masculinidade. Logo, passaram a ser reconhecidos entre os jovens moradores da “Sé7ima”. O próprio lema “juntos somos mais” representa o ideal de unir os moradores da região em busca de construir um único objetivo: pertencer ao agrupamento.

O segundo aspecto que propicia a inserção de membros no subgrupo é fortalecido pela própria concepção construída socialmente pelos jovens moradores das “quebradas”: para ser “homem” não basta ser trabalhador, mas também é necessário utilizar da força física como forma de resolver os seus conflitos para que não sejam vistos como “otários”<sup>64</sup>, muito menos, como “algozes”<sup>65</sup>. Isto só é possível a partir do momento em que o Estado não garante os direitos básicos aos cidadãos. Isto é, se o Estado não pode ser acionado para a resolução dos problemas pessoais, os cidadãos passam a construir algumas estratégias para intervir na realidade social e para solucionarem as suas próprias dificuldades.

Sendo assim, os Tatus07 se apropriaram dos rótulos de “marginal” ou “vagabundo” que já eram atribuídos aos demais torcedores organizados, primordialmente das capitais paulista e carioca, e passaram a internalizar esses atributos de “marginalidade” ou “vagabundagem” como se esse fosse a única forma de torcer. Conforme exposto ao longo dos capítulos, eles se distanciaram dos objetivos propostos pela primeira diretoria da Tatudominado para constituírem as suas próprias “ideologias”, passando a adotar uma estética corporal construída

---

<sup>64</sup> O papel de “otário” seria aquele realizado pelo trabalhador que se sujeita a trabalhar 08 horas por dia para ganhar um salário mínimo (ZALUAR, 2005).

<sup>65</sup> O “algoz” seria aquele sujeito pertencente às gangues de jovens envolvidas com a criminalidade violenta que utilizam do poder da arma de fogo para resolver os seus conflitos.

socialmente de quem é o perfil considerado como “malandro”: exibem os corpos musculosos adquiridos através dos treinamentos em artes marciais e as tatuagens com os símbolos dos Tatus07, transitam pelas ruas da capital mineira de forma rítmica, expressando em tom alto palavras de ordem e fazendo um desenho que se assemelha a uma linha, demonstrando que são fortes o suficiente para enfrentar qualquer batalha. Assim sendo, as ruas da capital mineira se transformam em “ringues” em que o campeão não é aquele que retira a vida do rival, mas sim, aquele que destrói o adversário através das técnicas e estratégias apreendidas nas lutas de artes marciais, como se pode observar nos campeonatos realizados pelo UFC. Constatase, então, que tais atitudes ditam um determinado modo de agir dos Tatus07, mesmo que eles confeccionem mensagens aos moradores da “Sé7ima” dizendo que “torcedor organizado não é vagabundo” e vivenciem outras atividades em suas vidas – como o trabalho e o estudo.

Isto não quer dizer que eles não sejam violentos nas suas atuações pela cidade, mas que há um sistema de regras e princípios que normatizaram essa violência com o único objetivo de mostrarem que são fortes o suficiente para solucionarem as suas dificuldades e conviverem em sociedade. Ou seja: pelas estações de metrô ou nos coletivos nos dias destinados aos clássicos de futebol, pode-se visualizar os cidadãos com medo dos jovens e apressando seus passos para ficarem distantes do “bloco”. Logo, eles expressam em tom alto “tá com medo!, tá com medo!, tá com medo!”, demonstrando claramente uma certa conduta transgressora no sentido de aterrorizar, amedrontar ou espantar a população belo-horizontina.

Diante disso, faz-se necessário destacar que mesmo com a demonstração desses atributos constituídos pelos membros do subgrupo, a violência entre os torcedores não é uma particularidade dos “organizados”, muito menos, dos jovens moradores das “quebradas” ou dos Tatus07. Para ficar apenas no futebol, as observações realizadas nessa pesquisa revelaram que uma série de confrontos ocorrem nos setores mais nobres das arquibancadas, porém estes não são retratados de maneira tão espetacular como em relação aos torcedores organizados. Isso se dá, principalmente, porque os confrontos estabelecidos entre os jovens pertencentes às torcidas organizadas e, nesse caso, os Tatus07 constituem um produto consumido pela sociedade, conforme explicitado na fala de um dos entrevistados:

[...] Eu adorava ver briga. Eu gosto de ver briga, eu gosto de ver porrada. Depois de um tempo... Eu trabalhei muito na Federação Mineira, no *hall*, e quando o Mineirão era antigo, por exemplo, e que a Tatudominado encontrava com os Lobisomens na porrada eu ficava lá vendo. É um lado horroroso, eu sei que é horrível ver briga, mas eu gosto de ver briga. Eu gosto de ver briga de jogador dentro do campo, entendeu? [...] (Entrevistado 10).

Por outro lado, a violência ocasionada entre os torcedores que ocupam os espaços mais nobres das arquibancadas como, por exemplo, os camarotes não são transmitidas de maneira tão espetacular pela grande mídia. Alguns episódios foram observados nesses locais e constatados através dos documentos que serão descritos no próximo capítulo. Porém, não se observou a presença da segurança pública para intervir nesses comportamentos, visto que a polícia militar se sente acuada ao agir perante pessoas potencialmente importantes, como seria em um caso que resultasse na prisão do filho de um político reconhecido nacionalmente ou de empresários.

## **6 AS INTERVENÇÕES DO PODER ESTATAL**

---

## 6 AS INTERVENÇÕES DO PODER ESTATAL

Desde a expansão do futebol como esporte no país, o Estado já tentava regular e controlar o comportamento de uma multidão de pessoas nas arquibancadas. Porém, nos últimos anos, com a escolha do Brasil para sediar a Copa do Mundo de 2014, o poder estatal procurou se adequar as exigências impostas pela FIFA – Federação Internacional de Futebol – para garantir a segurança dos mais diversos torcedores advindos dos demais países para a realização do megaevento no país. Dentre eles, destacam-se a alteração do Estatuto de Defesa do Torcedor em 2010 (EDT), a reforma dos estádios de futebol, com destaque para o Mineirão, e a implantação do Juizado Especial Criminal (JECrim) no interior desses locais. Essas intervenções incidiram diretamente no comportamento e no perfil dos torcedores presentes nas arquibancadas. Neste capítulo, as adaptações dos Tatus07 em relação a essas medidas serão descritas para que o leitor possa compreender as estratégias adotadas pelos jovens para se manterem presentes nas arquibancadas.

### 6.1 ESTATUTO DE DEFESA DO TORCEDOR

Ao longo desse trabalho, sustentou-se a tese de que os Tatus07 surgiram com a finalidade de dominar o território, conhecido por “Sé7ima”. Entretanto, com o passar dos anos, eles foram se estruturando hierarquicamente, construindo os seus próprios símbolos e desenvolvendo atividades. Porém, ressalta-se que essa pesquisa foi realizada no período em que data o ano da Copa do Mundo de 2014 no Brasil, com destaque para Belo Horizonte como cidade-sede para receber os jogos e os dois anos posteriores (2015 e 2016) dos quais foram possíveis observar os efeitos das intervenções do poder estatal no subgrupo. Entre elas, destaca-se o Estatuto de Defesa do Torcedor em 2010, dispondo “sobre medidas de prevenção e repressão aos fenômenos de violência por ocasião de competições esportivas”<sup>66</sup>.

Como descrito anteriormente, os episódios históricos relacionados a outras torcidas organizadas e repercutido nacionalmente pela grande mídia foram um dos aspectos primordiais para o reconhecimento dos torcedores organizados como “marginais” ou “vagabundos”. Pelo menos no que se refere à capital mineira, somente após essa lei ser vigorada é que dois

---

<sup>66</sup> Informações disponíveis em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12299.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12299.htm) > Acesso em: 09 out 2017.

homicídios ocorreram em detrimento dos confrontos ocasionados entre torcidas organizadas: um por espancamento e o outro através da utilização da arma de fogo. Tudo leva a crer que os torcedores organizados constituídos na cidade de Belo Horizonte passaram a se inspirar na “marginalidade” ou na “vagabundagem” como um modo de vida para se tornar um torcedor organizado nos moldes das torcidas organizadas já constituídas nas capitais carioca e paulista (que já obtinham uma grande reputação midiática, tanto em relação à disposição para fazer as festas nas arquibancadas quanto pelos episódios de violência).

Contudo, no ano de 2010, o EDT sofreu alterações para intervir ainda mais no comportamento dos torcedores organizados com o objetivo de garantir a segurança dos torcedores e turistas, durante a Copa do Mundo no país. Nessa perspectiva, é que se verificou uma resposta por parte do poder estatal, das quais foram cada vez mais acirrando o controle dos diretores dos Tatus07 em relação aos membros do subgrupo com punições severas diante de determinados comportamentos adotados pelos jovens e pelos próprios torcedores nas arquibancadas, atuando como uma das “linhas de frente” da torcida organizada, controlando o comportamento dos demais torcedores nas arquibancadas e fortalecendo, ainda mais, o uso da força física como atributo de masculinidade, não só em relação aos rivais, mas também entre os seus pares. Isto posto, descreveremos alguns artigos do EDT para que o leitor tenha uma ideia de como os Tatus07 reorganizaram as suas atuações pela metrópole, acirrando ainda mais a violência no interior do próprio subgrupo e com seus rivais.

O artigo 5º dispõe que “a relação dos nomes dos torcedores impedidos de comparecer ao local do evento desportivo” deve ser publicada na internet pela organização do evento e “o juiz deve comunicar às entidades de que trata o caput decisão judicial ou aceitação de proposta de transação penal ou suspensão do processo que implique o impedimento do torcedor de frequentar estádios desportivos”. Isto quer dizer que, um torcedor ao se envolver em atos violentos dentro e no entorno dos estádios, uma das punições previstas é a proibição de ingressar no recinto para acompanhar a partida de futebol. Como pena aplicada, o torcedor deve se apresentar duas horas antes do jogo na delegacia mais próxima de sua residência, bem como permanecer duas horas após o término da partida. Porém, a aplicação desse artigo descarta as rivalidades estabelecidas entre as torcidas o que provoca, inclusive, a vulnerabilidade do condenado mediante o cumprimento dessa penalidade.

Para exemplificar melhor este procedimento, em Belo Horizonte, a Federação Mineira de Futebol - FMF - publica no seu próprio site a lista de torcedores impedidos de comparecer aos estádios através da ata de audiência assinada pelos responsáveis, assim como o local em que os torcedores deverão comparecer para cumprir a determinação. Com esta disposição,

qualquer pessoa pode ter acesso às informações, inclusive, os torcedores rivais, fato que acarreta na insegurança por parte dos condenados para cumprir a medida. Em alguns casos, integrantes dos Tatus07 esperam o torcedor punido em locais próximos à delegacia com a finalidade de se confrontarem, o que acarreta na insegurança do rival em cumprir a determinação judicial e vice-versa. Assim, eles descumprem a medida e circulam em “bloco” para se protegerem de outros jovens dos quais construíram masculinidades através do uso da força física como atributo de poder. De acordo com o relato de um dos membros do subgrupo:

[...] Tinha acabado de fazer 18 anos, aí assinei o negócio lá de agressão física e tive que ficar durante seis meses tendo que me apresentar no dia de jogo do Clube Esportivo Alterosa. (...) Assinar... Mas eu deixei de ir um tanto de vez e não deu nada para mim, teve um tanto de jogo do Clube Esportivo Alterosa que eu nem fui ao jogo, mas também não fui lá porque é arriscado [...]. (Entrevistado 7)

No que se refere ao artigo 4º, esse passa a ser vigorado realçando que “a prevenção da violência nos esportes é de responsabilidade do poder público, das confederações, federações, ligas, clubes, associações ou entidades esportivas, entidades recreativas e associações de torcedores, inclusive de seus respectivos dirigentes, bem como daqueles que, de qualquer forma, promovem, organizam, coordenam ou participam dos eventos esportivos”. Como a preocupação está voltada para a prevenção de conflitos dentro e no entorno dos estádios, na presente pesquisa foi possível revelar que a dinâmica da violência se modificou na capital mineira, pois os jovens se reorganizaram e passaram a se encontrar em dias de semana e, em outros espaços da cidade, esquivando e fugindo dos “olhares” policiais. Um dos Tatus07 ressalta:

[...] Após o clássico, muitos policiais se concentram ao redor do estádio. Parece que o intuito é proteger qualquer tipo de conflito nessa região. Por cerca de uns 500 metros, os policiais ainda protegem o local. Depois, a cidade fica sem qualquer tipo de proteção policial propiciando conflitos através de lutas corporais nas demais regiões da cidade, longe das mídias que noticiam de maneira errônea o que realmente acontece e, muitas vezes, lesões corporais nem são contabilizadas pelos Policiais Militares [...] (Entrevistado 7).

O parágrafo único do artigo 4º dispõe que “a torcida organizada deverá manter cadastro atualizado de seus associados ou membros, o qual deverá conter, pelo menos, as seguintes informações”: nome completo, fotografia, filiação, número do registro civil, número do Cadastro de Pessoa Física / CPF, data de nascimento, estado civil, profissão, endereço completo e escolaridade. Esta foi uma medida adotada pelo Estado para que possa facilitar a identificação dos jovens que se envolvem em atos de violência nos estádios de futebol. O desafio desse

parágrafo consiste na própria dinâmica da juventude. Apesar dos Tatus07 possuir mais de 25 anos de atuação na metrópole, o subgrupo é fluido. Isto quer dizer que há uma dinâmica peculiar em relação aos membros do subgrupo: o nascimento de um filho, um encontro amoroso, compromissos profissionais e as penalidades impostas pelos diretores são fatores que podem afastá-los do agrupamento e, mesmo assim, pertencer aos Tatus07.

Diante disso, os documentos que o Estatuto de Defesa do Torcedor prevê para a identificação dos torcedores não estão atualizados, pois a dinâmica interna do grupo consiste no afastamento de alguns, reaproximação de outros, assim como a inserção de novos membros. Cabe ressaltar que alguns jovens se identificam com o subgrupo e com a torcida e são considerados integrantes, mas não estão dispostos a fazer qualquer documento de identificação por mais que seja uma determinação prevista no estatuto. Um jovem ressalta: “mas aí, fiz a carteirinha lá e até hoje tenho essa carteirinha. Aí, eu falei: pô, agora sou oficialmente da Tatudominado! Não mudou nada o fato de ter feito a carteirinha, não mudou nada na minha vida” (Entrevistado 7).

De fato, faz-se necessário refletir sobre o cadastro dos jovens envolvidos com as torcidas organizadas, uma vez que estes agrupamentos assumiram papel de destaque em relação às festas nas arquibancadas e nos confrontos físicos. Na medida em que estes embates são, em sua grande maioria, retratados pelos meios de comunicação como responsabilidade deles, acaba recaindo sobre os torcedores organizados uma “presunção da culpabilidade” (ALVITO, 2014, p. 50), observada pelas visões que permeiam o imaginário da sociedade e dos agentes estatais. Sabe-se que os líderes se responsabilizam penalmente pelos comportamentos de membros do grupo como, por exemplo, prisões temporárias com o intuito de forçarem a dizer quem são os verdadeiros responsáveis por situações que eles mesmos desconhecem. Assim, a prisão preventiva se torna uma prerrogativa que se estende ao longo de anos estigmatizando jovens pertencentes às torcidas organizadas, mas que não participaram de nenhum episódio de violência. Se, no contexto dos Tatus07 estas situações foram constatadas, Holanda (2014, p. 153) aponta que “em junho de 2011, trinta e seis representantes de TO’s do Brasil – Minas Gerais, Pernambuco e Rio de Janeiro, entre outras – foram constrangidos a assinar medidas como o TAC, o Termo de Ajustamento de Condutas, decreto que acarreta responsabilidade penais infligidas diretamente aos líderes dos grupos”. Um dos ex-presidentes da torcida organizada ressalta:

[...] Ah, de uma maneira ou de outra, querendo ou não, acaba atingindo, né? Porque pensa bem, você tem 4 pessoas detidas por 8 anos da sua vida por um crime que não foram eles que cometeram só por eles serem um presidente ou vice-presidente da

entidade, eles pagarem pelo erro dos outros? Eles não tem como coibir isso, entendeu? Uma torcida que tem 40 mil associados, como que você vai coibir 40 mil pessoas... [...] não tem como você coibir esse tipo de violência, entendeu? Agora, você pagar pelo erro do próximo? No meu caso, isso é injustiça. Isso é uma injustiça muito grande. Ok, diretor de torcida é responsável pelo o que a torcida tá fazendo? Eu acho assim que o diretor de torcida tem que ser responsabilizado dentro dos limites da torcida, não fora dos limites da torcida, entendeu? Vão supor, dentro da arquibancada, houve uma explosão de violência, morreu 3 pessoas. Ah, ok, então vamos atrás dos diretores porque ali tá dentro do âmbito da torcida. A torcida ela se faz presente onde? Dentro da arquibancada, dentro da sua sede, dentro das limitações do clube. Aí, isso sim a torcida tem que ser responsabilizada. Agora, numa briga de rua, numa briga de bairro, você querer responsabilizar diretor de torcida, isso aí é radicalizar demais. Acho que nesse ponto num leva, nem inibe a violência de forma alguma. Pelo contrário, eu acho que cê estimula mais ainda porque quando você faz injustiça com uma entidade, acho que isso gera mais violência e ódio, entendeu? Porque é injustiça o nome já fala, é injusto. Querem fazer justiça sendo injusto com o próximo. Isso não é legal [...] (Entrevistado 3).

Outros estudos destacam a atuação do poder público em relação aos confrontos físicos ocasionados por desentendimentos entre os torcedores organizados. Em 1995, após a batalha campal do Pacaembu, o estado de São Paulo proibiu as torcidas organizadas de adentrarem aos estádios de futebol com camisetas, bandeiras ou qualquer tipo de objeto que identificavam os jovens com os símbolos das torcidas organizadas. Além disso, tanto a Mancha Verde, quanto a Torcida Tricolor Independente do São Paulo foram extintas com a finalidade de puni-las em relação aos confrontos (TEIXEIRA, 2001). Porém, como se sabe, estas torcidas organizadas se reestruturaram e voltaram a estar presentes nas arquibancadas, se fazendo reconhecidas a partir de outros nomes. Na capital carioca, uma série de medidas foram adotadas pelo poder estatal. Dentre elas, destaca-se a suspensão de ingressos gratuitos pelo clube às torcidas organizadas, a instalação de um inquérito policial para prisão de jovens envolvidos em confrontos corporais e a punição do clube com a perda do mando de campo, possibilitando um controle sobre o comportamento agressivo no interior e nos arredores dos estádios de futebol (TEIXEIRA, 2001).

A partir da promulgação do Estatuto de Defesa do Torcedor, algumas disposições foram estabelecidas nos artigos 13 A como “não arremessar objetos, de qualquer natureza, no interior do recinto esportivo (...)” e 39 A “a torcida organizada que, em evento esportivo, promover tumulto; praticar ou incitar a violência; ou invadir local restrito aos competidores, árbitros, fiscais, dirigentes, organizadores ou jornalistas será impedida, assim como seus associados ou membros, de comparecer a eventos esportivos pelo prazo máximo de 3 (três) anos”. Estes artigos preveem possíveis punições aos indivíduos, às torcidas organizadas, bem como aos clubes de futebol, conforme destacado anteriormente em relação a atuação dos Tatus07 como polícia no interior das arquibancadas. Após as regras estabelecidas pelo Estatuto de Defesa do

Torcedor, qualquer pessoa que lançar materiais dentro dos estádios pode ser apreendida pelos Tatus07 e conduzida até os policiais militares para evitar qualquer tipo de penalidade prevista pela legislação em relação à torcida organizada. Ou seja: os Tatus07 passaram a controlar o comportamento do torcedor (organizado ou não) no interior das arquibancadas, utilizando da força física e constringendo as pessoas que estão no local.

Como exemplo de penalidade imposta pelo EDT, no dia 21 de outubro de 2014 houve confrontos entre a Torcida Organizada Galoucura, a Torcida Pavilhão Independente e o Comando Máfia Azul em um clássico de futebol no Mineirão. De acordo com as reportagens, os integrantes dessas torcidas lançaram bombas e quebraram cadeiras. Como a organização do evento não identificou os torcedores responsáveis pelo conflito, o Clube Atlético Mineiro e o Cruzeiro Esporte Clube foram punidos com multa de 50 mil reais e perda de um mando de campo, ou seja, na partida de futebol seguinte, os clubes não possuíam o direito de jogarem em seus estádios. Em relação às torcidas organizadas, a Galoucura, a Máfia Azul e a Pavilhão foram proibidas de entrar nos estádios com qualquer pertence que os identificassem com o grupo.

[...] Se rolar uma confusão no bloco [de carnaval], uma pancadaria, ano que vem eles estão proibidos de ir com instrumentos e com blusa? Não. Sai normalmente. Torcida, você não pode estar com blusa com faixa e mais nada. Quer dizer, a gente não entende esse raciocínio. Igual a gente fala, no dia que bateria, faixa e blusa resolver alguma coisa de punição, mas não resolve gente [...] (Entrevistado 13).

[...] Quem paga é a torcida, eu acho isso injusto, né? Na minha opinião, eu acho isso injusto. É igual você proibir um clube de colocar torcida no estádio porque a outra torcida brigou lá fora. Como que o clube inteiro pode ser punido por 50 pessoas que tá ali fora brigando? Isso é injusto. Acho que eles querem punir de uma maneira radical demais. Eu acho que a punição tem que ser individual. Se o cara pegou o revólver e quer matar o outro e ele foi pego, ele que tem que ser responsabilizado, não o clube ou a torcida [...] (Entrevistado 3).

Caso a torcida organizada dos quais os Tatus07 pertencem seja punida, eles se adaptaram, confeccionando camisetas estampando na frente um Tatu com a seguinte frase: “Sé7ima é o poder”, demonstrando a disposição para atuar como Estado no território; “linha de frente” da torcida organizada; e, polícia nas arquibancadas. Como não há qualquer símbolo da Tatudominado nestas camisetas, os jovens entram nos estádios sem o menor problema, porém são reconhecidos pelos demais torcedores como um subgrupo que está disposto a assumir algumas funções que seriam de responsabilidade do Estado.

Vale destacar que a proibição das camisetas, bandeiras e outros objetos no interior das arquibancadas como punição às torcidas organizadas que se envolvem em confrontos dificulta a identificação dos torcedores organizados pelos agentes de segurança pública, conforme

observado por Monteiro (2003). Além disso, o autor ressalta que a extinção das torcidas organizadas dificulta a negociação entre o poder estatal e tais grupos em relação à pacificação dos conflitos. Assim, “o melhor caminho para diminuir a violência entre essas torcidas é contar com a sua existência legal e buscar interlocutores capazes de viabilizar um convívio, se não de todo pacífico, pelo menos isento de confrontação física” (MONTEIRO, 2003, p. 112). De acordo com o relato um membro dos Tatus07:

[...] Não! Não surte. Não surte porque acho que é... que é falta de educação nossa mesmo, da sociedade mesmo. Questão de atirar objeto, questão de briga, a questão de... acho que isso aí tá enraizado na nossa sociedade. Então, isso aí não adianta você punir a instituição, cê tem que punir o indivíduo. Aí, você pega uma briga na zona noroeste, aí, você não pode entrar com faixa e nem bandeira dentro estádio, resolveu o que? O que que você vai resolver? No próximo jogo, você vai ter outra briga, só que é Betim. Mas, a bandeira e a faixa não vai entrar, nem a bateria. Você não resolve o problema. (...) Você num tá punindo ninguém. Mascarando a situação. Somente. Ah, eu puni a instituição, cê não puniu ninguém [...] (Entrevistado 2).

Para tanto, uma das principais críticas em relação ao EDT foi apresentada por Toledo (2012). Para além das medidas de prevenção e repressão aos fenômenos de violência, primordialmente, nos estádios de futebol, esta lei procurou responder ao futebol enquanto mercado, transformando o torcedor em mero consumidor. Destaca-se, inclusive, que o aumento expressivo do preço dos ingressos rechaçou a cultura brasileira engendrada em torno dos estádios de futebol que recebiam os mais diferentes estratos sociais em setores distintos, excluindo as classes populares e, por conseguinte, os Tatus07. Assim sendo, inaugurou-se um novo perfil de torcedor baseado na venda da segurança. Seria como dizer que o pobre ou o favelado não pudesse frequentar os estádios.

[...] Ah, eu acho assim, qualquer tipo de melhoras é muito bem-vinda. Agora, você elitizar o futebol para um certo tipo de público, eu acho que isso aí já é desnecessário porque o futebol pro brasileiro é um dos esportes mais acessível, né, e mais popular do Brasil. Você colocar uma partida de futebol com ingresso 150, 200 reais. Você está praticamente eliminando o pessoal de baixa renda no estádio, né? Coisa que antigamente num era assim. Antigamente, a gente ia no Mineirão, já fui no Mineirão num jogo de 120, 115, 110 mil pessoas. E, hoje em dia, o máximo que você vai ver no Mineirão é 50 mil. Quer dizer diminuiu o estádio pra mais metade da capacidade dele. Pra que? Pra elitizar, colocar um público como se diz assim, mais elitizado dentro do estádio pra que? Pra cortar a violência? Pra que? Pra poder dá acesso a quem pode e a quem não pode? Antigamente, cê ia no Mineirão com geral custando 5 reais. Cê ia no Mineirão com ingresso de arquibancada custando 20 reais. Ok, a economia do país mudou, mudou muita coisa mudou. Mas, perai, você vai mexer logo na cultura do povo brasileiro que é o futebol? Não precisava tanto. Precisava ter melhoras, com certeza, principalmente quando veio a Copa do Mundo, mas eu acho que não precisava ser tão ao extremo, né? Colocar camarote com ingresso de mil reais? Que isso, gente! Isso não é show de pop star. Isso é um jogo de futebol de 90 minutos. Se você dividir 90 minutos por 1000 reais é quase 10 reais por minuto! Pelo amor de Deus! Tá de sacanagem, né? O cara que deixa de colocar comida na casa dele pra ver o jogo do

clube, ele não pode ir mais. Porque ele vai colocar quase que o salário dele todo pra ver um jogo. Isso é ridicularizar, ao invés de modernizar, né? [...] (Entrevistado 3).

[...] Eu acho uma babaquice porque o pessoal tá querendo elitizar o futebol. Eles querem copiar de fora o padrão europeu e quer tentar implantar aqui. O que? Ingresso caro, torcida tudo lado a lado, sem divisão de torcida. E é coisa, zé, que nunca vai acontecer isso. Eles querem implantar o sistema europeu aqui, mas é coisa que não vai acontecer nunca [...] (Entrevistado 4).

Por outro lado, em algumas situações, observou-se policiais militares impedindo membros dos Tatus07, tatuados com o símbolo da torcida organizada de adentrar no estádio de futebol, circunstância que os deixa completamente consternados já que a proibição é de objetos e não de pessoas. Tudo leva a crer que o perfil do torcedor organizado barrado pelos policiais militares é aquele sujeito dotado do estereótipo construído através da relação entre torcedor organizado e violência. Tal afirmação se comprova pela constatação de que outros jovens apresentando as mesmas tatuagens não são barrados, na medida em que possuem um perfil diferente daquele tradicionalmente vinculado à violência.

## **6.2 A REFORMA DO MINEIRÃO E A IMPLANTAÇÃO DO JECRIM NO INTERIOR DO ESTÁDIO**

A reforma dos estádios - uma outra medida adotada pelo poder estatal para receber os jogos da Copa do Mundo de 2014 - possuía como propósito a garantia do conforto e da segurança dos mais diversos turistas e torcedores presentes no Brasil. Entre os anos de 2010 à 2013, o Mineirão foi fechado aos espectadores para a reestruturação do local. Antes da realização da reforma, o estádio era dividido em setores conhecidos por “geral”, “arquibancada” e “cadeiras”. Esses setores garantiam a presença dos mais diferentes estratos sociais nas tribunas, uma vez que a “geral” possuía ingressos a preços populares e, as “cadeiras”, a preços mais caros. Após a reforma, ocorreu a numeração das cadeiras, a extinção dos setores populares e, conseqüentemente, o aumento do preço dos ingressos.

[...] Prejudicou porque ficou mais caro né? Ficou bem mais caro os ingressos e tal, setorização do estádio. A parte que ficava a torcida organizada ficou um pouco mais cara, então a maioria do povo da torcida organizada, querendo ou não é um povo com fonte de renda baixa, quem não tem muito para gastar entendeu? O que está atrapalhando mais é isso [...] (Entrevistado 8).

No que se refere a Belo Horizonte, essa situação pode ser verificada a partir da escolha da cidade para receber as partidas de futebol no Mundial de 2014. Instituída essa decisão, o Governo de Minas Gerais estabeleceu uma parceria público-privada com a Minas Arena, o que proporcionou a contratação de uma empresa chamada Prosegur para realizar a segurança privada nas arquibancadas. A partir desse momento, o efetivo de policiais militares no interior dos estádios diminuiu consideravelmente, uma tendência verificada nos demais estádios construídos e reformados para receber os jogos da Copa do Mundo no país.

A segurança, observando as novas regras, será e deverá ser coordenada pelo ente privado, sendo que o ente público se incumbirá de controlar todo o entorno do estádio e as facilidades de acesso dos espectadores, numa clara demonstração de que a segurança pública é integrada com a segurança particular. Os *stewards*, colocados nesta posição de ajudantes do espetáculo, são a melhor forma do século XXI se efetivar em terras brasileiras (D'ORNELLAS, 2014, p. 168-169).

No trecho acima, retirado do texto “Grandes eventos, uma perspectiva sobre a segurança pública e as novas arenas”, Camilo D’ornellas (2014) afirma que um novo modelo de segurança passou a ser adotado pelos gestores dos estádios calcado em modelos internacionais como o *Safety* e o *Security*. O *safety* se refere ao “elemento de prevenção e as medidas subjetivas de prevenção” como, por exemplo, os planos de emergência e o *security* diz respeito aos “planos de gestão” (D’ORNELLAS, 2014, p. 165). Apesar de D’ornellas salientar que a presença dos *stewards* – indivíduos considerados como assistentes dos torcedores e contratados pela segurança privada – é uma experiência exitosa, não foi possível observar qualquer interferência deles nas arquibancadas em relação aos Tatus07. Possíveis casos de mau comportamento do torcedor são solucionados com a presença dos policiais militares e dos Tatus07, uma vez que eles possuem um maior controle sobre as torcidas. Este padrão internacional adotado no Brasil como um arranjo para garantir a segurança do torcedor e do turista na Copa do Mundo foi modificado de acordo com as particularidades de cada estádio, jogo ou cidade.

[...] Agora, em relação aos *stewards*, eu acho que tem um problema maior que é de segurança pública. Porque se for pra você pensar, esses *stewards*, o grosso não estão preparados pra atuar ali. [...] Que, geralmente, são segurança de festa, vamos dizer assim, são seguranças privados que agem com truculência, que acham que tem que bater no torcedor, enfim. Então, você pega, recentemente, teve até um caso do torcedor (...) que foi morto, parecia uma figura séria, sem histórico de briga, sabe assim. Provavelmente, por esses *stewards*<sup>67</sup>. A polícia militar nunca ouvi falar da polícia

<sup>67</sup> As reportagens dos jornais afirmam que um torcedor morreu no interior do Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão) devido a um confronto com a segurança privada, no dia 26 de outubro de 2016, em uma partida de futebol disputada pelo Cruzeiro e Grêmio na semifinal da Copa do Brasil. Os médicos que o atenderam relataram que o torcedor apresentava múltiplos traumas, porém o inquérito policial aponta que não houve qualquer indício de uma possível arbitrariedade ou abuso por parte da segurança privada. Para maiores informações, ver:

militar matando gente dentro de campo, diga-se de passagem assim. Então, assim, os jogos de futebol assim, são eventos de interesse público, mas o interesse do estádio é um evento privado. E tem isso também quanto que custos são pagos pela segurança que o estádio oferece? Que cê pega, o clássico (...), por exemplo, cê tem que mobilizar mais de mil policiais, cê tem que fazer barreira disso, aí você tem que deslocar a polícia, tem um plano de guerra. Cê tem que deslocar a polícia, aí cê tem que colocar um corredor da cidade só pra uma torcida, outro corredor só pra outra torcida. Aí, cê tem que deslocar polícia para as estações de metrô da Vilarinho, do Eldorado, Central. Sabe assim pra eles não marcarem de brigar lá na estação Venda Nova, na estação do Barreiro. Os que pagam por isso, não sei se pagam, e lá dentro do estádio assim, esses *stewards*, eles não tão preparados, são mal preparados e a quantidade não são adequadas. Que quando tem briga lá dentro, eles não dão conta de coibir as brigas, de separar, evidentemente. E segundo que... Aí se dá merda depois bota na conta da PM, entendeu? [...] (Entrevistado 9).

Até então, com o estabelecimento da parceria público-privada, a segurança deveria ser de responsabilidade da Prosegur no Mineirão. Porém, em 2013, durante a partida de futebol entre o Atlético Paranaense e o Vasco da Gama na Arena Joinville pelo Campeonato Brasileiro, os veículos de comunicação transmitiram ao vivo os confrontos entre os torcedores organizados rivais<sup>68</sup> nas arquibancadas. Uma das principais explicações construídas para esse acontecimento consistiu em atrelar a violência das torcidas organizadas com a ausência de policiais militares no interior do estádio, fato que destituiu a perspectiva pautada na segurança privada, orientada para solucionar conflitos de maneira pacífica através dos *stewards*. Diante disso, os responsáveis pelos eventos passaram a contar com o apoio da segurança pública no interior dos estádios de futebol.

Assim sendo, os operadores do estado dividiram o estádio em dois espaços: o clube mandante ocupa a maior parte das cadeiras (57.600) e o clube visitante uma pequena parcela (6.400). Esta decisão tem acirrado as rivalidades entre as torcidas organizadas de Minas Gerais. Com o objetivo de diminuir a violência dentro e no entorno dos estádios de futebol, a segurança pública acreditava que teria certa facilidade em administrar os conflitos entre os torcedores organizados rivais. No entanto, a torcida visitante se torna vulnerável em função da quantidade inferior de pessoas. Uma vez que a grande maioria dos policiais se concentra dentro e no entorno dos estádios em dias de jogos decisivos na capital mineira, outros espaços públicos ficam desprotegidos em relação à segurança. Esta situação promove o encontro dos jovens pertencentes a torcidas organizadas rivais nos mais diversos espaços da cidade, distante da mídia e dos policiais militares.

---

<[http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/11/24/interna\\_gerais,826568/torcedor-do-Futebol\\_Clube\\_Del\\_Rey-morreu-eletrocutado-no-mineirao-diz-policia.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/11/24/interna_gerais,826568/torcedor-do-Futebol_Clube_Del_Rey-morreu-eletrocutado-no-mineirao-diz-policia.shtml)> Acesso em: 01 nov. 2017.

<sup>68</sup> Informações disponíveis em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2013/12/brigan-arquibancada-paralisa-jogo-entre-furacao-e-vasco.html>> Acesso em: 09 out 2017.

As estratégias para erradicar a violência dentro e no entorno dos estádios têm sido contestadas, uma vez que a própria segurança pública possui dificuldade em lidar com as incertezas do comportamento da massa de torcedores e a sua imprevisibilidade. Por exemplo, uma série de grades é posicionada para que os torcedores sigam em filas padronizadas até a sua entrada ao estádio. A aglomeração dessas pessoas próximas ao acesso acarreta o deslocamento das grades e, em algumas ocasiões, o desabamento das mesmas, ferindo alguns torcedores. Cabe destacar que essas estratégias adotadas pela segurança pública tem sido discutidas pelos responsáveis para diminuir o número de feridos na ocasião das partidas futebolísticas.

A análise do subgrupo Tatus07 tem mostrado que as intervenções do poder estatal para controlar a violência dentro e no entorno do Mineirão é passível de adaptação por parte dos integrantes para se manterem atuantes na cidade de Belo Horizonte. O lucro arrecadado pelos clubes de futebol em função do aumento do preço dos ingressos e a privação da presença de pessoas das camadas populares dificultou o comparecimento dos Tatus07 nas arquibancadas. Porém, eles possuem a obrigatoriedade de se juntar ao “bloco” e irem até os estádios para se protegerem de possíveis encontros com os rivais. Assim sendo, alguns membros dos Tatus07 que não possuem os recursos financeiros suficiente para adquirir os ingressos ficam aguardando pelos demais jovens ao lado de fora do estádio, fato que promove o encontro entre os torcedores organizados rivais nesses espaços, ocasionando episódios de violência.

Com a circulação da torcida organizada adversária nos arredores dos estádios de futebol, os embates físicos como a única possibilidade de estabelecer relações entre os rivais acaba por marcar a partida futebolística através das “guerras” entre torcedores organizados transmitidas pelas emissoras televisivas com os atributos de “selvagens”, “bárbaros” ou “baderneiros”, possibilitando ainda mais o processo de estigmatização dos jovens pertencentes a esses agrupamentos e, posteriormente, facilitando o processo de internalização desses atributos como identidade. Com isso, a cavalaria da polícia militar é acionada para manter a ordem pública, distribuindo golpes de cassetetes<sup>69</sup> aos mais diversos indivíduos sem qualquer distinção. Ao mesmo tempo, o alto falante emite mensagens com os seguintes dizeres: “cidadãos de bem, fiquem longe dos vândalos”. Como resposta ao confronto travado entre os torcedores organizados, no dia seguinte, as manchetes dos jornais mostram a eficiência da polícia militar ao prender jovens da torcida organizada visitante. Com isso, os jovens presos são marcados pelo Estado através do registro de ocorrência, fato que recrudesce ainda mais os conflitos entre as torcidas organizadas rivais e os policiais militares.

---

<sup>69</sup> Marcos Alvito (2014, p. 46) destaca que a palavra cassetete “vem do francês e significa quebrar-cabeças”.

[...] alguns comandantes de polícia não gostava muito de conversa com torcida organizada não, porque eles não entendiam que a torcida merecia tal respeito, né? Tratava a torcida com, com, meio... Como se diz assim, com falta de respeito, não entender que aquilo ali merecia um certo respeito. Então, teve alguns comandantes da polícia militar que realmente era muito difícil de ter uma conversa amigável com eles e, por isso, a violência se tornava exposta no estádio por isso, né? E qualquer movimento na arquibancada que se dizia fora da lei, eles já vinham já, com aquela agressividade que sempre aparecia na televisão, né, aquele clarão na arquibancada porque a polícia já chegava batendo em todo mundo, né? Num tinha, num tinha um diálogo. (...) Num é na base da porrada que você vai tratar as pessoas, né? E todo mundo que apoia uma hora revida, né? E é isso que acontece, né? A maioria das brigas de arquibancada é porque a polícia vem com o autoritarismo e o revide, com certeza, é certo, né? [...] (Entrevistado 3).

Próximo ao acesso dos torcedores organizados aos estádios de futebol, é comum colocar grades móveis para ordenar os indivíduos durante suas entradas nas arquibancadas. Entretanto, em partidas decisivas válidas, por exemplo, pelo Campeonato Brasileiro ou pela Copa do Brasil, a aglomeração de torcedores nos portões de entrada faz com que as grades não suportem o “empurra-empurra” e caiam sobre as pessoas, ferindo-as. Além disso, após as partidas de futebol, a polícia militar é responsável por retirar o público da arquibancada em no máximo 30 minutos. Acontece que os Tatus07 preferem aguardar a saída das outras pessoas para não aglomerarem pelos corredores dos estádios. Assim, é comum que os policiais militares apontem armas munidas de balas de borracha em direção aos integrantes dos Tatus07, com o intuito de avisá-los que não podem ficar nas arquibancadas.

Marcos Alvito (2014, p. 43), em seus estudos, ressalta que os estádios brasileiros não possuem segurança, muito pelo contrário, o que se observa é a presença de policiais, funcionando a partir da “lógica da guerra”. Em sua pesquisa com o Grupamento Especial de Policiamento em Estádios na capital carioca – GEPE – um dos policiais salientou que “o problema estaria nos jovens de 15 a 17 anos que ‘se acham’ e querem bater nos outros, mas que eles do GEPE dão uma *porrada* neles e eles se acalmam” (ALVITO, 2014, p. 47). Com isso, um ponto que parece elucidatório é a presença da violência como mecanismo para a resolução de conflitos e o estabelecimento de relações sociais, com especial atenção para determinados subgrupos de jovens pertencentes às torcidas organizadas da capital mineira e alguns policiais militares. Sendo assim, a criminalização, a estigmatização e a rotulação dos torcedores organizados enquanto “marginais” ou “vagabundos” serve para legitimar que os indivíduos com baixo *status* socioeconômico são os responsáveis pela violência no interior ou no entorno dos estádios, observado através do tratamento diferenciado dos operadores da segurança pública em relação aos mesmos comportamentos de indivíduos que ocupam espaços distintos nas arquibancadas.

Ao que parece, a instabilidade econômica e política no país, denominada pelos estudiosos de crise de legitimidade do Estado, propicia a construção de quem são os “vagabundos” que provocam a violência no futebol. Com isso, a polícia militar segue a lógica de distribuir “porradas” aos torcedores organizados e eles acabam por rivalizar com a própria polícia. Nesse sentido, uma das consequências mais nefastas da violência no futebol pode ser vista através da disputa de poder entre os torcedores organizados e os policiais. Se os agentes de segurança pública estão à “caça dos Tatus<sup>07</sup>” para encontrar os devidos sujeitos responsáveis pelos tumultos no futebol da capital mineira, isso possibilita cada vez mais a identificação dos membros do subgrupo com a “linha de frente”. Assim sendo, a violência provocada por esses agrupamentos parece seguir a lógica da construção de masculinidades através do uso da força física como atributo de poder, resolvendo as suas divergências com pancadarias. Machado da Silva (2004) desenvolveu o conceito de “sociabilidade violenta” para descrever o uso da força física nas relações constituídas socialmente como forma de atingir aos interesses individuais ou grupais, principalmente nas grandes metrópoles brasileiras. Nesse sentido, o tratamento dado pela polícia aos torcedores organizados segue a mesma lógica dos membros do subgrupo: a visibilidade através do uso da força física como atributo de poder.

Uma outra medida adotada pelo poder estatal foi a implantação do Juizado Especial Criminal, conhecido por JECrim, no interior dos estádios de futebol, que veio a ocorrer após a implantação do Estatuto de Defesa do Torcedor. Sobre esse juizado, cabe ressaltar que sua criação veio na esteira do aumento exponencial da criminalidade, sobretudo, dos crimes de menor potencial ofensivo a partir da década de 1990. A Lei N° 9.099<sup>70</sup>, de 26 de setembro de 1995, regulamentou o JECrim como uma “alternativa de controle mais eficaz e menos onerosa” (AZEVEDO, 2001, p. 99). Enquanto os JECrim’s atuam na resolução de crimes de menor potencial ofensivo, isto é, crimes ou contravenções cuja pena máxima é inferior a dois anos, as varas criminais se dedicam a solucionar os crimes de maior potencial ofensivo. Assim, o processo instaurado no JECrim é “orientado pelos princípios e critérios de oralidade, simplicidade, informalidade, economia processual e celeridade”, visto que não é necessário abrir um inquérito policial, apenas realizar um termo circunstanciado de ocorrência (TCO) pela polícia militar que “contém o boletim de ocorrência policial, com o nome do(s) envolvido(s) e o termo de remessa para o juiz do JECrim competente” (LAGEMANN, 2010, p. 42).

A promulgação do Estatuto de Defesa do Torcedor não citou a implantação do JECrim nos estádios de futebol, mas provocou a implementação dos Juizados Especiais Criminais

---

<sup>70</sup> Informações disponíveis em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9099.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9099.htm) > Acesso em: 01 nov 2017.

nestas localidades, com os objetivos de proporcionar segurança aos torcedores e diminuir a sensação de impunidade em relação aos indivíduos envolvidos com as agressões físicas, venda de ingressos (cambistas) e guardadores de automóveis (flanelinhas). A partir de sua implementação nessas localidades, caso algum indivíduo se envolva em atos ilícitos nos arredores do estádio, a polícia militar o prende e conduz até o JECrim. Em 2003, o primeiro Juizado Especial Criminal dentro dos estádios de futebol foi implantado no Mineirão, improvisando algumas salas no local para julgar os torcedores envolvidos com os atos ilícitos. Posteriormente, outros dos principais estádios brasileiros também adotaram essa experiência, contando com a presença de juízes, promotores e defensores públicos para julgarem as contravenções no mesmo dia do fato. Em Belo Horizonte, no Mineirão, a reestruturação do estádio de futebol culminou em uma instauração do complexo de Defesa Social e Justiça Criminal, destacando a capital mineira como a pioneira na implantação deste sistema.

Um episódio ocorrido no dia 25 de outubro de 2014, envolvendo um dos membros dos Tatus07, ilustra a atuação do JECrim no Mineirão: o jovem foi detido sob a suspeita de vender sete ingressos nas proximidades do estádio por preço superior ao previsto na bilheteria. Como o artigo 41 do Estatuto de Defesa do Torcedor prevê como crime o fornecimento ou a facilitação da distribuição dos ingressos para a venda por preço superior ao estampado no bilhete, este torcedor foi encaminhado por policiais militares ao complexo de Defesa Social e Justiça Criminal dentro do Mineirão para o julgamento. Porém, como ele tinha provas que confirmavam a sua versão dos fatos, a defesa orientou a não aceitar os benefícios da Lei 9.099/95, encaminhando “os autos para distribuição nos Juizados Criminais”, conforme ilustrado à esquerda da próxima figura. É interessante notar que a sentença só foi transitada em julgado no dia 13 de maio de 2015. As testemunhas de acusação eram policiais militares que, nem sequer, lembravam do acontecimento, dado que foram intimados a relatar o episódio após 6 meses do fato ocorrido, ilustrado à direita da próxima figura.

**Figura 28: Processo do Juizado Especial Criminal**

**JUIZADO ESPECIAL CRIMINAL DE BELO HORIZONTE-MG**  
Via Expressa, 2250, Bairro Minas Brasil – Fone 3419-2300

PROCESSO Nº [REDACTED]  
DATA [REDACTED]  
JUIZ(A) DE DIREITO [REDACTED]  
PROMOTOR [REDACTED]  
DEFENSORIA [REDACTED]  
AUTOR DO FATO [REDACTED]

INFRACÃO PENAL [REDACTED]  
ESCRIVÃO [REDACTED]

Aberta a audiência de apresentação IMEDIATA, apregoadas as partes, presente o autor do fato, assistido pela Defensoria Pública.

O(A) Representante do Ministério Público, por ter o(a) querelado(a) cometido, em tese, a infração prevista no art. 41-F DA LEI 10671/03, apresentou proposta de transação penal nos seguintes termos:

- prestação pecuniária no valor de R\$ 200,00 ( duzentos reais), em parcela única.

O MP requer a homologação imediata da transação penal.

Dada a palavra ao Defensor Público, este se manifestou: "Diante dos relatos do autor dos fatos, no sentido de que eles tem erro que confirme a vontade no infr. arguido, a defesa orienta a não aceitar os benefícios da Lei 9.099/95."

Pelo(a) MM. Juiz(a) foi proferida a seguinte Despacho:

"Vistos, encaminhem-se os autos para distribuição nos Juizados Criminais, em face da não aceitação da proposta de transação penal".

Obs. O autor do fato recebeu cópia desta ata de audiência.

JUIZA:  
PROMOTOR:  
AUTOR DO FATO: DEFENSOR:

Assim, constata-se que o fato é atípico.

Pelo exposto **JULGO IMPROCEDENTE A DENÚNCIA**, para **absolver, como absolvo** [REDACTED] qualificado na denúncia, das imputações que lhe foram feitas na denúncia, com base no art. 386, II do CPP.

Custas pelo Estado.

Transitada em julgado, archive-se com baixa.

Publicada e intimados em audiência.

Belo Horizonte, 13 de maio de 2015.

Flávia Birchal de Moura  
Juiza de Direito

**Registro da autora.**

Ao observar o funcionamento dos JECrim's nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, Reis (2010, p. 116) constata que até o ano de 2010, a única publicação em relação aos torcedores impedidos de entrar nos estádios foi realizada no primeiro semestre de 2008 pela CBF – Confederação Brasileira de Futebol. Através das entrevistas feitas com o promotor e a delegada de plantão, eles ressaltaram que “não tem existido, de fato, um controle para eventual impedimento da entrada dos indivíduos já punidos nos estádios paulistas, o que demonstra a necessidade de um trabalho mais articulado entre todos os agentes envolvidos na organização do espetáculo esportivo e na sua segurança” (REIS, 2010, p. 124). No caso de Belo Horizonte, observou-se uma junção entre os agentes militares e o JECrim. Cabe destacar que ao longo da realização dessa pesquisa, mesmo que os jovens pertencentes aos Tatus07 demonstrem através dos corpos musculosos a disposição para confrontar fisicamente, houve apenas um episódio de violência observado nos dias destinados aos clássicos de futebol no interior dos estádios. Esta situação pode ser explicada pelo fato desses torcedores terem passado a combater fisicamente em outros espaços da metrópole, longe dos “olhares” dos policiais e da grande mídia. Por outro lado, foi possível observar que nos espaços mais nobres das arquibancadas – camarotes – os torcedores comuns se envolveram em dois episódios de confrontos, mas não foram conduzidos pelos policiais militares ao JECrim, muito menos, noticiado pelos meios de comunicação.

Com isso, foi possível verificar alguns vídeos postados nas redes sociais em relação ao confronto de torcedores comuns que ocupam os espaços mais caros das arquibancadas, porém sem qualquer presença da polícia militar e sem o apelo midiático<sup>71</sup>. Assim, o perfil construído socialmente de quem são os jovens envolvidos com os episódios de violência no futebol, isto é, são do sexo masculino, moradores das “quebradas” e pretos ou pardos. O tratamento diferenciado por parte da segurança pública reifica ainda mais o processo de estigmatização dos torcedores organizados. Isto se justifica na medida em que os torcedores presentes nos espaços mais nobres das arquibancadas são pessoas que ocupam cargos de alto prestígio social e os agentes policiais se sentem acuados em repreendê-los. Em conversa com os responsáveis pela administração do Mineirão, eles ressaltaram, de maneira enfática, que os maiores problemas vivenciados nos dias de clássicos de futebol são realizados por tais torcedores.

Inclusive, uma série realizada pela ESPN<sup>72</sup> mostra como os policiais militares se preparam para a atuação nos clássicos, porém os próprios agentes policiais ressaltam a mudança de concepção em relação a violência no futebol, uma vez que foi constatado o uso indiscriminado de drogas nos camarotes e o aumento de registros de ocorrência de crimes nesse setor específico. Cabe ressaltar que esse contexto social, vivenciado pelos policiais militares após a escolha do país para sediar a Copa do Mundo ainda não foi objeto de estudo pelos pesquisadores, faltando, portanto, informações necessárias seja para confirmar ou para negar a tese de que a violência nos estádios de futebol é uma decorrência da presença de torcidas organizadas.

---

<sup>71</sup> Como exemplo de tais vídeos, destacam-se: Torcedores protagonizam confusão no camarote do Mineirão. Disponível em: <<https://www.alterosa.com.br/programas/alterosa-esporte/torcedores-protagonizam-confusao-no-camarote-do-mineirao/>> Acesso em: 16 abr. 2018.

Comandante da PM explica possível confusão de Romero com a torcida do Atlético <[https://www.torcedores.com/noticias/2017/05/video-comandante-da-pm-explica-possivel-confusao-de-romero-com-torcida-atletico-mg?enable-feature=new\\_layout](https://www.torcedores.com/noticias/2017/05/video-comandante-da-pm-explica-possivel-confusao-de-romero-com-torcida-atletico-mg?enable-feature=new_layout)> Acesso em: 18 abr. 2018.

<sup>72</sup> Nessa série, eu, policiais militares e jornalistas participamos conjuntamente para falar da mudança ocasionada no perfil do torcedor. Disponível em: <[http://www.espn.com.br/futebol/artigo/\\_id/3875156/em-estado-de-choque-com-gustavo-hofman-a-nova-serie-dos-canais-espn-e-do-watchespn](http://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/3875156/em-estado-de-choque-com-gustavo-hofman-a-nova-serie-dos-canais-espn-e-do-watchespn)> Acesso em: 16 abr. 2018.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qualquer pessoa que tenha alguma familiaridade com o futebol no Brasil já ouviu falar em torcidas organizadas como a "Mancha Alviverde", do Palmeiras, ou a "Gaviões da Fiel", do Corinthians. Essas torcidas são reconhecidas por protagonizar as festas nas arquibancadas em apoio aos clubes que representam e são destaques nos jornais impressos ou televisivos em decorrência do envolvimento de seus membros em conflitos, disputas ou confrontos com os torcedores rivais. Como se observou, uma série de estudos foram realizados sobre a consolidação do futebol no país, a construção de estádios e o surgimento das torcidas brasileiras, primordialmente, nas capitais carioca e paulista, porém nenhum deles demonstrou como um subgrupo da torcida organizada passou a atuar como um grupo de referência para dominar o território, impedindo que novos agrupamentos de torcidas organizadas rivais se institucionalizassem na localidade. Sob a liderança de sete jovens, moradores de sete comunidades distintas, eles se unificaram com o objetivo de evitar que a região viesse a ser reconhecida através de uma imagem negativa pelos habitantes da metrópole. Para tanto, desenvolveram atividades filantrópicas e passaram a controlar e a mediar o comportamento dos jovens na região.

É curioso notar que o primeiro líder do agrupamento herdou do pai o gosto pela leitura e encontrou na obra de Carl von Clausewitz a base intelectual para a formação e a consolidação do subgrupo com algumas peculiaridades estratégicas, influenciadas por esse autor. Da mesma forma que Clausewitz procurou relacionar a guerra com os princípios éticos da política do Estado, o líder também foi construindo algumas regras de atuação do subgrupo pela metrópole. Dentre elas, destaca-se a da "excelência do corpo", conforme procurei mostrar aqui.

Nessa perspectiva, mesmo concedendo que há uma vasta literatura dedicada ao estudo da formação e da atuação dos membros das mais diversas torcidas organizadas espalhadas pelo país, nenhum desses trabalhos se deparou com um grupo do qual se possa dizer que tenha alguma "base intelectual" e que pressione os jovens pertencentes ao agrupamento a se matricularem em escolas públicas da região e a se inserirem no mercado de trabalho. Além do mais, ao longo dos anos, eles foram constituindo uma organização hierárquica, símbolos e lemas como "juntos somos mais" e "Sé7ima é o poder" (distintos da torcida organizada) e criando as suas próprias regras de atuação pela metrópole.

De mais a mais, o contexto socioeconômico do surgimento das torcidas organizadas na capital mineira se diferencia das demais torcidas organizadas estudadas pelos pesquisadores.

Enquanto a sociedade já reconhecia os torcedores organizados da cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro como “vagabundos” ou “marginais”, Belo Horizonte não possuía qualquer episódio que pudesse relacionar os jovens com esses rótulos. Isso sugere que o surgimento das torcidas organizadas em Belo Horizonte foi consolidada à imagem e semelhança das demais torcidas organizadas já consagradas no país. Além disso, foi possível notar que os episódios de violência não são realizados apenas por esses agrupamentos, porém os policiais militares destinam uma série de intervenções para conter a atuação desses torcedores nos dias de clássicos de futebol. Assim, verificamos que o rótulo advindo dos demais torcedores organizados foi exitosamente transferido para os Tatus<sup>07</sup>. Os membros do subgrupo passaram a construir um modo de vida através do uso da força física como forma de construção de masculinidades, normatizando a violência, antes vista como uma turba de jovens irracionais e arruaceiros. Ou seja, eles caminham em “bloco”, de maneira rítmica, fazem o desenho de uma linha e gritam palavras de ordem e se preparam fisicamente para confrontar com seus rivais, porém uma série de regras são impostas pelos diretores do subgrupo para que não haja um descontrole diante dos encontros com os inimigos. Tais concepções foram reforçadas pelos agentes estatais, uma vez que a violência no futebol não é ocasionada somente por esses jovens. Como ressaltado, os indivíduos que ocupam os setores mais caros das arquibancadas, também adotam comportamentos violentos, agredindo os demais torcedores presentes no estádio, porém suas atitudes não são repercutidas nacionalmente e nem sofrem consequências dos policiais militares e do Juizado Especial Criminal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVITO, M. **A rainha das chuteiras: um ano de futebol na Inglaterra**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2014a.

\_\_\_\_\_. A madeira da lei: gerir ou gerar a violência nos estádios brasileiros? In: HOLLANDA, B. B. B.; REIS, H. H. B. **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014b. pp. 37-53.

AZEVEDO, Rodrigo Ghiringhelle. Juizados Especiais Criminais: uma abordagem sociológica sobre a informalização da justiça penal no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v.16, nº47, p.97-110, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n47/7722.pdf>> Acesso em 29 de set. 2015.

BRASIL. LEI Nº 12.299, de 27 de jul. de 2010. **Estatuto de Defesa do Torcedor**. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12299.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12299.htm) > Acesso em: 09 out. 2017.

\_\_\_\_\_. LEI Nº 9.099, de 26 de set. de 1995. **Dispõe sobre os Juizados Especiais Criminais e dá outras providências**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9099.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9099.htm) > Acesso em: 01 nov. 2017.

BECKER, H. S. (1963). **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BUFORD, B. **Entre os vândalos: a multidão e a sedução de violência**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

D'ORNELLAS, C. Grandes eventos, uma perspectiva sobre a segurança e as novas arenas (posfácio). In: HOLLANDA, B. B. B.; REIS, H. H. B. **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014. p. 159-170.

DAMO, A. S. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**. 1998. 247 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

DUNNING, E. **Sociologia do esporte e os processos civilizatórios**. São Paulo: Annablume, 2013.

DUNNING, E.; MURPHY, P.; WILLIAMS, J. A violência dos espectadores nos desafios de futebol: para uma explicação sociológica. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca de excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A Busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FERREIRA, E. A. M.; SOUZA, A. L. Futebol e torcer. In: SILVA, S. R.; CORDEIRO, L. B.; CAMPOS, P. A. F. (Orgs.). **O ensino do futebol: para além da bola rolando**. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do Brasil. São Paulo: Contexto, 2009.

HOLLANDA, B. B. B. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas em 1950 e 1980. In: TOLEDO, L. H.; MALAIA, J.; HOLLANDA, B. B. B.; MELO, V. A. (orgs.). **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 86-121.

\_\_\_\_\_. **O clube como vontade e representação**: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. Torcidas, ultras e *hooligans*: paralelos da problemática torcedora no Brasil e na França. In: HOLLANDA, B. B. B.; REIS, H. H. B. **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014. p. 145-158.

HUIZINGA, J. Natureza e significado do jogo como fenômeno cultural. In: HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1938. 162p.

LAGEMANN, F. (2010). **Análise do sentimento de segurança dos torcedores no estádio de futebol**: um estudo a partir da instituição do JECrim no estádio Olímpico Monumental. Monografia de graduação. IFCH/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/28464> Acesso em 25 abr. 2016.

LEMERT, E. M. (1951) **Social Pathology**: a systematic approach to the theory of sociopathic behaviour. Whitefish (EUA): Literary Licensing, 2012.

MACHADO DA SILVA, L. A. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 19, nº 1, p. 53-84, jan./jun. 2004.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAGNANI, J. G. C. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. **Revista de Antropologia**. São Paulo, vol. 35, p. 191-203, dez. 1992. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111360> > Acesso em: 10 abr. 2018.

MALAIA, J. M. C. Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950. In: TOLEDO, L. H.; MALAIA, J.; HOLLANDA, B. B. B.; MELO, V. A. (orgs.). **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 53-85

MAUSS, M. Ensaio sobre a Dádiva. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MONTEIRO, R. A. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar Raça Rubro-Negra!**: uma etnografia sobre futebol, masculinidade e violência. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

MURAD, M. **Para entender a violência no futebol**. São Paulo: Saraiva, 2012.

\_\_\_\_\_. Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro. **Revista USP** (online), nº 99, p.139-152. set./out./nov. 2013a. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/76312/80030> Acesso em 29 set. 2015.

PAIXÃO, A. L. Crime e criminosos em Belo Horizonte, 1932-1978. In: PINHEIRO, P. S. (org). **Crime, violência e poder**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.

PEREIRA, A. B. **De rolê pela cidade**: os pixadores em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

REIS, H. H. B. Hooliganismo no Brasil: estilo de vida, violência / marginalidade / delinquência, incivilidade? Contribuições ao debate a partir de um diálogo transnacional. In: **Hooliganismo e Copa de 2014**. HOLLANDA, B. B. B.; REIS, H. H. B. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

\_\_\_\_\_. O espetáculo futebolístico e o Estatuto de Defesa do Torcedor. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**. Campinas, vol. 31, nº. 3, p. 111-130, mai. 2010.

\_\_\_\_\_. O perfil do torcedor organizado e a política brasileira para o futebol espetáculo. **Triade: comunicação, cultura e mídia**. Sorocaba, vol. 4, nº 7, p. 172-189, jun. 2016.

RIBEIRO, L. L. M. A democracia disjuntiva no contexto brasileiro: algumas considerações a partir do trabalho das delegacias de polícia. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, nº. 11, p. 193-227, ago. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522013000200008&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522013000200008&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 10 Apr. 2018.

SANTOS, T. C. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas**: paixão, rito e magia no futebol. São Paulo: Annablume, 2004.

SILVA, S. R.; DEBORTOLI, J. A. O.; PRAÇA, G. M.; AUGUSTO, I. G.; SILVA, T. F.; GOMES, A. S. Torcedores organizados em Belo Horizonte. In: SILVA, S. R.; DEBORTOLI, J. A. O.; SILVA, T. F. **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SILVEIRA, A. M. A prevenção de homicídios: a experiência do Programa Fica Vivo no morro das pedras. **Revista Educação e Sociedade**. vol. 33, nº 2. p. 163-176. Jul/Dez. 2008.

SOARES, F. C. **“Pixadores de Elite”**: duas décadas de uma grife. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia – Faculdade de Sociologia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

TEIXEIRA, R. C. 1998. **Os perigos da paixão**: filosofia e prática das Torcidas Jovens Cariocas. Dissertação de mestrado em Antropologia - Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. Futebol e sociabilidades: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro. **Revista Esporte e Sociedade**. nº 21, ano 8, mar. 2013. Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es2109.pdf>> Acesso em: 01/09/2015.

\_\_\_\_\_. Torcidas jovens: entre a festa e a briga. **Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política**. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, vol.10, p. 85-104. 2001.

TOLEDO, L. H. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TOLEDO, L. H. Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010. In: TOLEDO, L. H.; MALAIA, J.; HOLLANDA, B. B. B.; MELO, V. A. (orgs.). **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 122-158.

WERNECK, Alexandre. Teoria da Rotulação. In: J. L. Ratton; R. S. de Lima e R. G. de Azevedo (orgs.). **Crime, Polícia e Justiça no Brasil**. São Paulo, Contexto/FBSP, 2014.

ZALUAR, A. Dilemas da segurança pública no Brasil. In: ZALUAR, A. **Desarmamento, segurança pública e cultura de paz**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2005.

ZUCAL, J. G. Amistades entre hinchadas: violência, masculinidad y vinculos de amistad de un grupo de simpatizantes del fútbol argentino. **Revista digital**. Buenos Aires, nº 55, año 8, dec. 2002. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd55/hinchada.htm> > Acesso em: 10 abr. 2018.

## SITES CONSULTADOS:

As origens do Jiu-Jitsu. < <http://graciebarra.com.br/historia/> > Acesso em: 22 nov. 2017.

Atleticano é condenado por participar da morte de cruzeirense. < <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2007/04/11/ult59u117970.jhtm> > Acesso em: 26 mar. 2018.

Bairros de Belo Horizonte

<<http://bairrosdebelohorizonte.webnode.com.br/regi%C3%A3o%20noroeste-/>> Acesso em: 15 jan. 2018.

Belo Horizonte e sua história. < [https://www.portalbrasil.net/brasil\\_cidades\\_bh.htm](https://www.portalbrasil.net/brasil_cidades_bh.htm) > Acesso em: 25 set. 2017.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm) > Acesso em: 25 de set. de 2017.

Briga após o clássico provoca morte de torcedor em MG. <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2004/07/12/ult59u85746.jhtm>> Acesso em: 26 mar. 2018.

Cronologia das brigas entre Máfia Azul e Pavilhão Independente. <<http://hojeemdia.com.br/esportes/cruzeiro/cronologia-das-brigas-entre-m%C3%A1fia-azul-e-pavilh%C3%A3o-independente-1.225808>> Acesso em: 10 abr. 2018.

Fundação Hemominas. < <http://www.hemominas.mg.gov.br/> > Acesso em: 20 nov. 2017.

PEIXOTO, B. T.; ANDRADE, M. V.; AZEVEDO, J. P. Avaliação do Programa Fica Vivo!no município de Belo Horizonte. <<http://www.anpec.org.br/encontro2007/artigos/A07A165.pdf>> Acesso em: 10 abr. 2018.

Potiguares, paulistas, goianos e cearenses são os torcedores que mais morrem e matam no Brasil. < <http://www.lance.com.br/futebol-nacional/potiguares-paulistas-goianos-cearenses-sao-torcedores-que-mais-morrem-matam-brasil.html> > Acesso em: 06 abr. 2018.

Saiba como funciona as alianças entre as torcidas organizadas. <<http://www.supervasco.com/noticias/saiba-como-funciona-as-aliancas-entre-torcidas-organizadas-198690.html>> Acesso em: 17 jul. 2016.

Torcedor organizado é tudo vagabundo e violento. <<https://sambanoclero.wordpress.com/2011/09/13/torcedor-organizado-e-tudo-vagabundo-e-violento/> > Acesso em: 08 dez. 2017.

Torcedor do Cruzeiro morreu eletrocutado, diz polícia. <[http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/11/24/interna\\_gerais,826568/torcedor-do-cruzeiro-morreu-eletrocutado-no-mineirao-diz-policia.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/11/24/interna_gerais,826568/torcedor-do-cruzeiro-morreu-eletrocutado-no-mineirao-diz-policia.shtml)> Acesso em: 01 nov. 2017.

Briga generalizada de torcidas deixa quatro feridos na Arena Joinville. <<http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2013/12/briga-na-arquibancada-paralisa-jogo-entre-furacao-e-vasco.html> > Acesso em: 09 out 2017.

Torcedores protagonizam confusão no camarote do Mineirão. <<https://www.alterosa.com.br/programas/alterosa-esporte/torcedores-protagonizam-confusao-no-camarote-do-mineirao/>> Acesso em: 16 abr. 2018.

Comandante da PM explica possível confusão de Romero com a torcida do Atlético < [https://www.torcedores.com/noticias/2017/05/video-comandante-da-pm-explica-possivel-confusao-de-romero-com-torcida-atletico-mg?enable-feature=new\\_layout](https://www.torcedores.com/noticias/2017/05/video-comandante-da-pm-explica-possivel-confusao-de-romero-com-torcida-atletico-mg?enable-feature=new_layout) > Acesso em: 18 abr. 2018.

Em estado de choque com Gustavo Hofman: a nova série dos canais ESPN e do Watch ESPN. <[http://www.espn.com.br/futebol/artigo/\\_/id/3875156/em-estado-de-choque-com-gustavo-hofman-a-nova-serie-dos-canais-espn-e-do-watchespn](http://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/3875156/em-estado-de-choque-com-gustavo-hofman-a-nova-serie-dos-canais-espn-e-do-watchespn)> Acesso em: 16 abr. 2018.

## **FONTE DAS FIGURAS:**

FIGURA 1 – Demarcação territorial estabelecida pelos integrantes da “sétima”. Disponível em: < <https://www.google.com.br/maps/@-19.9043548,-43.998561,14z?dcr=0> > Acesso em: 15 jan. 2018.

FIGURA 2 – À esquerda, demonstra-se a altura da escalada até o relógio da Prefeitura de Belo Horizonte. À direita, a “pixação” de um jovem da PE. Em: SOARES, F. C. *“Pixadores de Elite”: duas décadas de uma grife*. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia – Faculdade de Sociologia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FIGURA 3 – Fotografia da tragédia de Heysel. Disponível em: <<http://futebolemfatos.blogspot.com.br/2014/09/tragedia-de-heysel.html>> Acesso em: 22 dez. 2017.

FIGURA 4 – Fotografia da tragédia de Hillsborough. Disponível em: <[http://www.espn.com.br/noticia/706701\\_apos-28-anos-seis-pessoas-sao-formalmente-acusadas-por-tragedia-de-hillsborough](http://www.espn.com.br/noticia/706701_apos-28-anos-seis-pessoas-sao-formalmente-acusadas-por-tragedia-de-hillsborough)> Acesso em: 22 dez. 2017

FIGURA 5 – A divisão da Tatudominado por regiões. Disponível em: < [http://www.mapa-brasil.com/Mapa\\_Limite\\_Municipio\\_Belo\\_Horizonte\\_Divisao\\_Regionais\\_Brasil.htm](http://www.mapa-brasil.com/Mapa_Limite_Municipio_Belo_Horizonte_Divisao_Regionais_Brasil.htm) > Acesso em: 25 out. 2017.

FIGURA 6 – Símbolo criado pelos Tatus07. Registro da autora em um boné vendido pelos Tatus07.

FIGURA 7 – Primeira estrutura hierárquica dos Tatus07. Elaboração da autora.

FIGURA 8 – Atual estrutura hierárquica dos Tatus07. Elaboração da autora.

FIGURA 9 – Informe dos Tatus07 afixado no quadro de avisos da subsede. Registro da autora na subsede dos Tatus07.

FIGURA 10 – Muro de um prédio “pixado” pelos integrantes da Tatudominado. Registro da autora na sede da Tatudominado.

FIGURA 11 – “Pixo” de um integrante da torcida organizada rival cortado por um dos membros da Tatudominado. Registro da autora na sede da Tatudominado.

FIGURA 12 – Doações arrecadadas pelos Tatus07 para o Projeto Assistencial Paraíso Azul. Registro da autora.

FIGURA 13 – Crianças, adolescentes e adultos com paralisia cerebral abrigados no Projeto Assistencial Paraíso Azul. Registro da autora.

FIGURA 14 – Máquina de fazer algodão doce e ovos de páscoa distribuídos para as crianças moradoras da região “sé7ima”. Registro da autora em frente à subsede dos Tatus07.

FIGURA 15 – Escorregador e “pula-pula” para festejar o dia das crianças em uma ocupação localizada na “sé7ima”. Registro da autora.

FIGURA 16 – Rifa para beneficiar um morador da “sé7ima” que necessitava de recursos financeiros para realizar o tratamento de câncer. Registro da autora.

FIGURA 17 – Cozinha dos Tatus07 com o recado “favor manter [a pia] limpa e organizada”. Registro da autora.

FIGURA 18 – Recados na subsede dos Tatus07 para os membros do subgrupo. “Componente colabore com a limpeza” e “favor apagar as luzes”. Registro da autora.

FIGURA 19 – Informações para os membros pertencentes aos Tatus07 em relação a algumas atividades realizadas na região “sé7ima”. Registro da autora.

FIGURA 20 – “União Dedo pro Alto”. Revista Placar.

FIGURA 21 – “União Punho Colado”. Revista Placar.

FIGURA 22 – “União Punho Cruzado”. Revista Placar.

FIGURA 23 – A frase “procura-se rivais” inscrita pelos muros da região “sé7ima”. Registro da autora.

FIGURA 24 – Foto demonstrando apologia à “trocação”. Registro cedido por um membro dos Tatus07.

FIGURA 25: Exemplos de bandeiras confeccionadas pelo artista. As fotos foram cedidas pelo artista.

FIGURA 26: Bandeirão da Galoucura sendo confeccionado em um galpão de BH. Imagem disponível em: < <http://www.otempo.com.br/cidades/ladr%C3%B5es-usaram-caminh%C3%A3o-para-roubar-bandeir%C3%A3o-da-galoucura-1.1470379> > Acesso em: 19 fev. 2018.

FIGURA 27: Foto do bandeirão da Galoucura sendo queimado pelos inimigos. Imagem disponível em: < <http://www.otempo.com.br/cidades/bandeir%C3%A3o-roubado-em-bh-aparece-em-v%C3%ADdeo-sendo-queimado-1.1471186> > Acesso em: 19 fev. 2018.

FIGURA 28: Processo do Juizado Especial Criminal. Registro da autora.

## **APÊNDICE – ROTEIRO DE ENTREVISTA**

### **1 DADOS PESSOAIS**

1. Primeira letra do nome:
2. Idade:
3. Cidade e bairro onde mora:
4. Escolaridade:
5. Emprego e renda:
6. Raça/cor:
7. Religião:
8. Escolaridade / renda do pai:
9. Escolaridade / renda da mãe:

### **2 HISTÓRIA E FORMAÇÃO**

1. Quando surgiu a Torcida Organizada Tatudominado (TOT)?
2. Qual foi o objetivo para a formação da TOT?
3. Quem foram os precursores da TOT?
4. Como se deu a escolha do nome da TOT?
5. Como se formou a diretoria da Tatudominado?
6. Quais os critérios para que um membro da Tatudominado se torne componente da diretoria?
7. Existe votação para se tornar um membro da diretoria?
8. Quantos membros existem na diretoria?
9. Qual é a função de cada um desses membros da diretoria?
10. Ao longo do tempo, vários jovens se inseriram nessa instituição. Na sua opinião, quais foram os motivos para o aumento significativo de jovens pertencentes às torcidas organizadas?
11. Desde o surgimento da TOT, quais foram os momentos mais importantes dessa instituição?
12. Além de acompanhar o clube de futebol, a torcida organizada possui outras atividades. Quais são elas?

### **3 SIMBOLISMOS**

1. Como se deu a escolha dos símbolos da TOT? Quais são esses símbolos?
2. Como são feitas as bandeiras e quais os principais símbolos que devem conter nessas bandeiras?
3. Durante os anos de atuação da torcida organizada, quais são os instrumentos percussivos que, necessariamente, devem ser levados às arquibancadas?
4. Quais são os instrumentos, as técnicas e as táticas que fazem com que uma torcida adquira maior reconhecimento que a outra?
5. Como se adquire reconhecimento diante das demais torcidas?
6. O que significa União Dedo pro Alto (UDA), União Punho Colado (UPC) e União Punho Cruzado (UPC)? Existem outras uniões ou alianças?
7. Todas as torcidas pertencentes a essas alianças são amigas ou existem rivalidades dentro destes grupos?
8. Dentro da própria Tatudominado, pode-se perceber algumas marcas que distinguem os mais diferentes grupos que representam os seus bairros ou regionais. Quais são essas marcas de distinção? E o que não pode ser modificado de maneira alguma?

### **4 RITUAIS NA CIDADE**

1. Quais são as pautas das reuniões nos dias que antecedem os clássicos de futebol? Geralmente, essas reuniões são realizadas com quantos dias de antecedência?
2. Quais são as facilidades para adquirir os ingressos?
3. Quais são as regras para repassar esses ingressos aos membros da Tatudominado?
4. Existem encontros para motivar os torcedores organizados a estarem presentes nas arquibancadas? Quais são as principais recomendações repassadas aos integrantes?
5. Quais são os preparativos da TOT para as festas realizadas nas arquibancadas?
6. Há algum encontro nas subsedes antes dos clássicos de futebol?
7. Como são confeccionadas as bandeiras? Existe um limite de bandeiras e bandeirões para entrada nos estádios?
8. Quais são os casos que a torcida organizada pode se sentir humilhada em relação aos bandeirões?

9. Após os jogos, quais são os possíveis locais em que vocês comemoram a vitória? E, no caso de derrota? O grupo se dispersa se reúne?
10. O que os membros fazem após os jogos?
11. Como se dá a organização do cortejo da subsede até a sede?
12. Qual a importância dos rituais de batismo?
13. Para fazer parte do grupo, é necessário passar pelo ritual de batismo?
14. Qual é o contexto que o ritual de batismo é realizado?
15. Em algum momento, o grupo pune os membros? Em quais situações? Qual o sentido da punição para o grupo? Essas punições fazem com que o integrante abandone o grupo?
16. Quais os outros rituais que existem dentro da TOT?

## **5 SEGURANÇA PÚBLICA**

1. Quais as situações em que se pode observar a presença da PM acompanhando a torcida organizada?
2. Quais os momentos em que se realizam reuniões entre a PM e os diretores das torcidas organizadas? Existem algumas estratégias pré-definidas pela PM em relação às torcidas organizadas?
3. Como você observa a atuação da PM em relação aos membros da TOT?
4. Quais os casos em que os membros da TOT são presos pelos PM's?
5. Quais foram as últimas transformações do futebol que incidiu na presença das torcidas organizadas nas arquibancadas?
6. Você conhece o Estatuto de Defesa do Torcedor? Para você, após a promulgação do EDT houve alguma alteração na dinâmica da torcida organizada?
7. Após a escolha de BH para sediar a Copa do Mundo, houve a reforma do Mineirão e do Independência. Essa reforma modificou a dinâmica das torcidas organizadas?
8. O que você pensa sobre a torcida única?
9. Você conhece o JECrim?
10. Quais são as punições adotadas pelo poder estatal em relação às torcidas organizadas?
11. O que você pensa da violência entre as torcidas organizadas?
12. Quais os momentos em que há o maior número de ocorrência entre torcedores organizados rivais?
13. O que é “pista” e “troféu”?

14. Quais os materiais que passaram a ser proibidos no interior das arquibancadas?

## **6 O PAPEL DAS MULHERES NO GRUPO**

1. Qual a relação entre os homens e as mulheres dentro da torcida organizada?
2. Quais as diferenças de tratamento entre as mulheres e os homens?
3. As mulheres podem estar presentes nas atividades desenvolvidas pelo grupo?
4. As mulheres podem viajar com os membros para outras cidades brasileiras? Quais são as condições?
5. Existe mulheres na diretoria da TOT?